

# MANINHA

Cícero Soares de Araújo

6o. Tratamento

Registro FBN no.: 454.269  
Livro: 853 Folha: 429

cicero.soares.a@gmail.com  
camaleao.vazio@uol.com.br

Inverno/2009

## **Sinopse. Ou à guisa de**

*Maninha* é ficção, e como tal inventa a história de três irmãs que buscam fazer as pazes após o falecimento da mãe, já idosa. *Maninha* seria então mais outra narrativa do conflito familiar e sua resolução? Sim, não fosse nos remeter a um fato histórico muito familiar, para além de quaisquer fronteiras domésticas. Ao trazer à tona a causa da desavença entre as irmãs - o pai, um oficial do exército de passado duvidoso -, *Maninha* é como aquela figura de linguagem que toma a parte pelo todo, que recupera a triste lembrança dos Anos de Chumbo da história do país.

*Maninha* trata-se disso, de segredos, segredos mais do que sabidos. E de vingança e morte, diga-se desde já. Pois *Maninha* é como um acerto de contas, de caráter simbólico, com um passado que se faz mais distante do que realmente é. Em alguma medida, símbolos também seus personagens. Ao lado ou antes de protagonizarem, como entidades com as quais guardaríamos identificação e afeto, eles são como índices daquilo que "representam", e que ultrapassam o texto dramatúrgico.

*Maninha* se passa certamente num contexto atual, mas com elementos deliberados que tornam essa atualidade às vezes um tanto vaga. Proposital é também a quebra da linha narrativa que, a princípio linear e tranqüilizante, desvirtua o decorrer natural dos acontecimentos, num exercício constante de recuperação da memória.

*Maninha* é ficção. Mas uma que se propõe, embora de maneira indireta, a sacudir a sombra da ditadura militar pós-1964, uma sombra que a sociedade brasileira tem evitado, de maneira direta e de uma vez por todas, sacudi-la das costas.

FADE IN:

**INT. CASA DE PRAIA DE IRENE, SALA - AMANHECER**

POV DESCONHECIDO

SILÊNCIO. A Subjetiva aproxima-se lentamente de um esquife isolado no meio da sala.

A sala parece menor do que é, devido à iluminação pouco difusa. Mas é um lugar amplo, de piso de tábuas e móveis em estilo colonial, com sofá, poltronas e mesa de centro afastados para dar mais espaço de circulação em torno do objeto fúnebre.

O caixão, num suporte à cintura de quem o visite, é de uma madeira castanha e lisa, com entalhes na borda superior e alças contínuas de metal dourado. E está sem tampa.

Deitada nele, IRENE, 70 anos, uma velha senhora de rosto fino e delicado, assim como sua constituição, trajada com um vestido preto de babados de renda branca no pescoço e nos pulsos, em cujas mãos, no colo cruzadas e uma sobre a outra, se enrolam um rosário de contas.

Nas feições de Irene, uma paz extraordinária nos leva a crer que ela está sorrindo. Em volta do corpo, um BRILHO incomum, que intensifica o cetim branco do forro.

SOM AMBIENTE, as conversas ao redor surgem como murmúrios, assim como as pessoas ali e acolá, espectros que se tornam densos.

A Subjetiva recomeça seu passeio pairando acima do esquife. Passa por um casal, por uma mulher bebendo sozinha e no meio de um grupo de pessoas. Ele então se dirige à parede do fundo da sala, com cortinas de cima a baixo, no meio das quais há uma abertura. É uma dupla porta de correr que quase não se nota.

À medida que chega nessa porta, a luz cinza do amanhecer contrasta com o amarelecido do interior. Também o MARULHO, que adentra a sala.

E a Subjetiva já na abertura, embora não seja o suficiente para uma pessoa cruzá-la, atravessa para --

**EXT. CASA DE PRAIA DE IRENE, TERRAÇO**

O ACINZENTADO do amanhecer tinge todo o lugar.

O terraço, dividido da sala pelas portas de correr extensas e envidraçadas, tem medidas generosas, e é como uma plataforma bem acima do nível da água, sobre um quebra-mar de imensas pedras.

No canto à esquerda, a silhueta de uma mulher sentada numa cadeira de praia comprida e baixa. Ela tem um olhar distante para o horizonte.

É NARA, 41 anos, cabelos cheios até os ombros, algum ondulado e mechas, alguma hena confundindo-se com a cor castanha escura.

(CONTINUA)

CONTINUA:

Com os braços cruzados, as mãos dela roçam os ombros, como uma medida de proteção contra a brisa marítima. Nara veste uma blusa de seda preta de mangas largas só até os cotovelos. E está com uma calça jeans que não lhe cobre os tornozelos, tão descobertos quanto os pés, descalços.

Nara sempre usará jeans com este, confortáveis mas apertados o bastante para valorizarem as linhas do seu corpo. Embora na casa dos 40, ela não deve nada a mulheres com metade da sua idade.

Com o QUEBRAR de onda mais forte, as mãos de alguém abrem um pouco mais as portas de correr.

Só com cabeça fora, é CLARA, 35 anos, cabelos castanhos, presos como num coque. Ela tem uma expressão compadecido sobre Nara. Mas esta lhe ignora, mantendo os olhos no horizonte.

CLARA

Você... não está com frio? Não quer um agasalho, uma manta? Ah, tem o ponche, poncho, ponche...

Ela se põe toda no terraço e, com os braços, tenta explicar o formato dessa vestimenta tradicional. Cheinha de corpo, folclórica mostra-se Clara, num modelito de blusa e saia de cor escura comparável ao de uma dona-de-casa dos anos 60.

CLARA (CONT)

Você sabe, aquela tua coisa comprida e sem manga, feito do pêlo daquele bicho esquisito, que nem sei quem te deu de presente. Ih, do tempo da Vila dos Oficiais... E não é que mamãe resolveu trazer o ponche, poncho, pra cá, quando ela...?

Clara encosta as pontas do dedos na boca, um gesto carregado de algum temor. Como Nara não lhe dá atenção, Clara volta a ficar meio-corpo na abertura da porta.

CLARA (CONT)

Mas se você quiser só um agasalho, um agasalho comum... Não sei porque mas eu entuquei as malas com uma montanha deles. Falaram que o tempo não ia mudar e mudou, estava tão firme e mudou. Que horror. Quem podia acreditar...?

NARA

(para o mar)

Quem, quem poderia. Acreditar nessa dor... de uma vida. Ninguém. Sofrer foi então a última fortaleza?

(embargada)

E quando finalmente se livra de todo esse fardo, sem mais nem menos decide que...? Que é hora de...?

(MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

NARA (CONT)

(pausa)

Mas ali deitada não é como...? Como se apenas descansasse, depois de um longo e atarefado dia. E fosse colocada pra dormir, feito um bebê... em berço esplêndido.

(limpa uma lágrima)

Ah, minha mãe, preferiu a eternidade a viver em paz? E quando ninguém mais lhe impedia de começar a viver, de finalmente começar a viver. Humpf, sua grande trapaceira... minha doce trapaceira. Quem você pensou enganar?

CLARA

(pausa, constrangida)

A Maiára... Maiára ligou, saindo da balsa. Logo ela... logo ela chega.

Nara enfim vira-se para Clara, mostra que perdeu todo o sentimentalismo de antes. Intimidada, Clara volta para dentro, fechando a porta de vidro.

E Nara procura novamente alívio no horizonte. E começa a CANTAROLAR o trecho que introduz a canção "Maninha".

No horizonte cinza, o cantarolar de Nara funde-se com a própria "MANINHA", MÚSICA de Chico Buarque, ele e Miúcha interpretando.

FUSÃO PARA:

**INT/EXT. MUSTANG EM MOVIMENTO/ESTRADA BEIRAMAR - AO MESMO TEMPO**

CRÉDITOS INICIAIS

POV DOS FARÓIS DO CARRO

O asfalto da estrada sendo percorrido, iluminando o pouco que resta da noite.

VOLTA À CENA

Mãos ao volante, de luvas pretas cortadas, dedos à descoberto.

A motorista, MAIÁRA, 29 anos, cabelos negros, lisos e curtos, um corte irregular, picotado. Composto o piercing de ARGOLINHA no nariz, uns óculos de lentes vermelhas. Maiára veste uma blusa preta, lisa e sem detalhes, que lhe cola ao corpo.

E o carro mostra-se um MUSTANG VERMELHO CONVERSÍVEL do final dos anos 60 restaurado, tinindo.

As mãos enluvadas de Maiára ao volante, num trecho sinuoso, respondem ao traçado das curvas.

(CONTINUA)

CONTINUA:

Uma roda da frente do carro nesse movimento sinuoso. E então um dos faróis do carro, OFUSCANTE.

**TOMADA AÉREA DO MUSTANG**

Acompanha o veículo nesse trecho de curvas e acima do nível do mar, pois se mostra também a linha sinuosa da rebentação, a espuma das ondas do mar que se quebram morro abaixo.

**VOLTA À CENA**

Ao longe, os faróis do Mustang terminam de subir uma última curva, aproximam-se, o veículo passa velozmente e as lanternas traseiras se perdem na distância de uma longa reta. Ao fundo, a claridade do amanhecer emoldurara pelas sombras da densa vegetação de ambos os lados do acostamento.

As folhagens da mata se deslocam ao lado do banco do passageiro, e vez ou outra uns instantes do mar descortinado.

Maiára atenta ao volante. E lhe chama a atenção algo à sua direita, na beira da estrada..

Uma PLACA DE QUILOMETRAGEM na acostamento é deixada para trás.

Maiára então reduz as marchas e faz entrar o carro no --

**EXT. ESTRADA BEIRAMAR, ACOSTAMENTO**

O Mustang estaciona. O motor continua ligado.

**POV DESCONHECIDO**

Do cano do escapamento, a Subjetiva percorre a lateral do veículo e inclina-se na porta do motorista, quando Maiára tira os óculos, se abaixa para o lado do banco do carona, remexe em alguma coisa aí. Endireita-se, faz um ajuste no retrovisor e, de olho nele, passa batom, que apenas dá um leve brilho nos lábios.

Maiára retoma o comando do Mustang. Este segue pelo acostamento, logo adiante vira à direita, atravessa um duplo portão de grades altas escancarado, SAI e --

**EXT. CASA DE PRAIA DE IRENE, PÁTIO DA FRENTE**

Em ÂNGULO ALTO o Mustang ENTRA no pátio, um terreno de areia batida e vegetação rala ao largo. Há vários automóveis estacionados ali, mas com espaços para algumas vagas. E o Mustang embica numa delas, ao lado de um JEEP WRANGLER com capota removível.

A CÂMERA, enquanto Maiára fizer essa manobra, desce, invade a traseira do conversível e chega às costas de Maiára que, embora já tenha desligado o motor do carro, não se mexe.

FIM de "Maninha".

FIM DOS CRÉDITOS INICIAIS

(CONTINUA)

CONTINUA:

Após um momento, Maiára vira o olhar para a fachada da casa.

POV DE MAIÁRA

A fachada a uma boa distância. Um e outro carro obstruem o ponto de vista, mas se vê que é uma casa térrea de concreto aparente, forrada de trepadeiras em algumas partes. E tudo ainda na penumbra, exceto pela iluminação amarelada na porta da frente.

POV DA ARANDELA DA PORTA

O BAQUE da porta do carro fechada com força.

Mais um momento e só então Maiára aparece, num passo arrastado e arrastando no chão uma mochila e uma jaqueta preta.

A blusa preta colada ao corpo é, na verdade, a parte de cima de um vestidinho que, abaixo, é como uma saia rodada que lhe cobre apenas as coxas. Maiára, embora na casa dos 30 anos, tem uma constituição de menina, estatura e peso abaixo da média.

VOLTA À CENA

Ela chega diante da porta e outro momento de imobilidade. De repente, resolve vestir sua jaqueta, uma jaqueta de couro tipo motoqueiro dos anos 60, cravejada de botões e zíperes grossos e metálicos. Vestida a jaqueta, mais um momento encarando a porta. E Maiára passa a procurar algo dentro da mochila e acha, seus óculos vermelhos, devidamente colocados.

Logo que dependura a mochila no ombro, a porta da frente é aberta, mas não totalmente. É Clara quem lhe abriu, com a atenção voltada a alguém logo atrás, sem notar Maiára.

Clara termina de abrir a porta e surpreende-se. Hesita, mas se lança sobre Maiára, um abraço efusivo.

CLARA

E eu que pensei...

E aperta Maiára até demais, apesar do incômodo de abraçar assim alguém de estatura menor, mochila ao ombro e jaqueta pouco amigável.

CLARA (CONT)

Que esse dia não fosse chegar, nunca.

Mas Clara não se importa. Nem com a condição passiva de Maiára, de apenas se deixar abraçar. De repente, Clara abandona o abraço e dá uns tapinhas na própria boca.

CLARA (CONT)

Ai, meu Deus, mas não nessas circunstâncias.

Um estranhamento toma as faces de Clara. Com as mãos, ela apalpa os ombros da jaqueta, o cabelo e o piercing de Maiára. Clara deixa pra lá e sorri.

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

CLARA (CONT)

Que saudade, que saudade.

Uma lágrima corre. E Maiára ainda lá, imperturbável, apesar de se ver nela algum esforço para não se levar pela emoção.

MULHER À PORTA (OS)

Clara?

Clara limpa a lágrima e se vira. E é como se ela estivesse diante um espelho, porque a MULHER À PORTA é semelhante a Clara em idade, aparência e nas roupas que usa.

Maiára aproveita para entrar na casa. Entrando, dá um leve esbarrão na Mulher. Clara fica sem jeito com essa atitude.

CLARA

A irmã caçula.

A Mulher dá uma visada incompleta para trás.

MULHER À PORTA

(indiferente)

Compreendo.

**INT. CASA DE PRAIA DE IRENE, SALA**

O rosto impassível de Maiára e, ao fundo, a Mulher à Porta SAI. Clara lhe acena e vira-se para Maiára.

MAIÁRA

(para si)

Maiára à casa torna.

Um casal de idosos passa por Maiára. Mas só repara neles, com uma rápida visada para trás, quando o casal chega em Clara.

O SENHOR FISHER é um idoso enxuto, bem alto e finamente apresentável. A SENHORA FISHER é também tudo isso, mas alguns quilinhos a mais e de estatura bem menor.

O Sr. Fisher estende seus braços e Clara pega nas mãos dele, eles se olham com ternura e se abraçam.

SR. FISHER

Sem Irene ficaremos tão desamparados, Clarinha. A bondade, a dedicação, o espírito de desprendimento de sua mãe...

(suspira)

Uma grande perda, uma perda... inestimável. A comunidade nunca mais será a mesma sem ela. Ah, mas a pureza de sua partida... Nem poderíamos dizer que obra da fatalidade...

(para a companheira)

... poderíamos? É a ordem natural das coisas...

(CONTINUA)



CONTINUA:

Maiára ouve aí a deixa e vai ter com eles.

SR. FISHER (CONT)  
(para Clara)  
... que é nosso dever respeitar.

MAIÁRA  
(para o Sr. Fisher)  
Nem sempre, meu senhor...  
(com a cabeça, cumprimenta)  
... Fisher, senhora Fisher.  
(para o Sr. Fisher)  
Às vezes, essa ordem natural das  
coisas, ela é virada do avesso. Aliás,  
em nossa família...  
(para Clara)  
... tal desrespeito nunca foi uma  
exceção.

Clara mostra um tímido descontentamento com o comentário. Já a senhora Fisher parece ter feito uma grande descoberta.

SRA. FISHER  
Maiára?  
(para o companheiro)  
É Maiára, meu bem, nossa pequena  
Maiára.

Clara, sorrindo, confirma.

SRA. FISHER (CONT)  
(para Maiára)  
Ó, minha filha, como você cresceu, já  
está uma mocinha e tanto!

Maiára afasta sutilmente uma de suas faces que a Senhora Fisher estava próxima de tocar. E apenas com a cabeça, num só e também sutil movimento, despede-se de ambos e se distancia, voltando a observar a movimentação na sala.

O Sr. Fisher, vendo a boa vontade da companheira contrariada, e o sorriso de Clara tornar-se sem graça, pigarreja.

SR. FISHER  
Ordem virada do avesso.  
(para Clara)  
É ela mesma, ativa e surpreendente.  
Desde pequenina.  
(mede Maiára de cima a baixo)  
Mas hoje... Incompreensível, deveras  
incompreensível. Enfim.  
(para a companheira)  
Vamos, minha velha, já é tarde. Ou  
melhor, muito cedo. Veja só, já  
amanheceu e nem nos demos conta.  
Vamos, temos que descansar um pouco  
até...

(MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

SR. FISHER (CONT)  
(para Clara)  
Às três, Clarinha, o sepultamento?

Clara confirma.

SRA. FISHER  
(para Clara)  
Só espero que não chova. O tempo parecia tão firme... E olha que garantiram que não ia mudar.

A Senhora Fisher dá um abraço em Clara e recoloca uns olhos piedosos sobre Maiára. E os pés de Maiára lhe chamam a atenção.

Nos pés de Maiára, COTURNOS, Maiára calça coturnos.

E a Senhora Fisher desfaz-se de sua piedade, a cabeça de lá pra cá parece apenas querer dizer: "Essa menina não tem jeito."

O rosto de Maiára impassível e, ao fundo, Clara termina de despedir-se do casal Fisher, que SAEM. E outras pessoas chegam em Clara, requerem a atenção da anfitriã para novas despedidas.

Maiára tira os óculos de lentes vermelhas, as luvas pretas e guarda tudo na mochila. Esta não continuará mais em seu ombro, Maiára arrastará a mochila de lá pra cá até o final da cena. E ela volta a examinar a sala.

POV DE MAIÁRA

No centro o objeto fúnebre, com algumas pessoas ali e acolá, mas não próximas do caixão.

Num canto ao fundo, à direita da sala, um homem sai detrás de uma casal, fixando o ponto de vista de Maiára. Um homem de blazer e calça social pretas mas, destoando, tênis e camiseta em tons claros e surrados. Ele toma algo numa caneca e tem um cigarro aceso entre os dedos.

VOLTA À CENA

Esse homem é GIL, 43 anos, alto, constituição forte, cabelos castanhos claros, fartos, com grisalhos ao lado das orelhas. Ele dá um último gole e passa a balançar a caneca pela aba.

Maiára parece reconhecê-lo, pois ganha um ar de satisfação. Que logo é perdido quando ela resolve ir até ele. Ao fundo, Clara fecha a porta e observa a direção que Maiára tomou.

POV DE IRENE

O BRILHO em volta do corpo, mas não tão intenso quanto antes. E será como se Irene acompanhasse a trajetória quase paralela de Maiára pelo esquite.

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

Maiára então ENTRA pelo fundo, dá uma olhadela para Irene, abaixa a cabeça, aperta o passo e SAI.

VOLTA À CENA

Gil percebe a aproximação de Maiára e esboça um sorriso.

MAIÁRA

(rude)

Então lhe avisaram também.

GIL

E cá estou.

MAIÁRA

E poderia não estar? De corpo presente, Gil, o expert em despedidas. Especialmente quando se dá causa a elas, não é mesmo?

GIL

(perde o sorriso)

Você... você deve saber que este não é exatamente o caso, mas... Sim, faço questão de não perder nenhuma, nenhuma despedida. E por aquelas que sou responsável, especialmente.

E ele joga o cigarro, ainda aceso e pela metade, dentro da caneca. Gil vê que não há líquido nenhum lá e, contrariado, amassa com os dedos o cigarro no fundo da caneca. De um modo desajeitado, pois a mão dele mal cabe aí.

Maiára sorri. Um sorriso que não dura nada.

MAIÁRA

Ok, disto aqui não posso te culpar. E acho que mais ninguém.

(olha em volta)

Disto aqui... ninguém tem culpa. Um evento único, que não se vê todo dia.

(para Gil)

Único também não está parecendo ser este nosso...?

GIL

Reencontro?

MAIÁRA

Maiára e Gil, à casa tornamos. Foi fácil te reencontrar, depois de... Quanto tempo mesmo, Gil?

GIL

Um par de anos, por aí. Mas mantive o contato, digamos assim.

(CONTINUA)

CONTINUA: (4)

MAIÁRA

Nara.

GIL

Digamos assim.

MAIÁRA

E onde se enfurnou a... primogênita?

Gil dirige sua atenção a alguém que se aproxima. É Clara, que se posta entre os dois.

CLARA

Nara está no terraço. Até duvidou que você viesse, ainda mais numa situação como esta, tão excepcional.

(ternamente)

Mas eu tinha certeza, algo me dizia...

MAIÁRA

(severa)

Que o cordão umbilical não seria cortado? Que somente afrouxou, pra apertar de novo...

(para Gil)

... a nossa garganta?

A mãos de Nara abrem bruscamente a porta de correr do terraço.

Maiára, Clara e Gil olham para lá. A posição deles e de Nara, no fundo da sala, é equidistante ao esquiife de Irene.

E Nara, imóvel, já dentro da sala, devolve o olhar para os três, mas um olhar ainda perdido, ou indefeso. Ela cruza os braços e suas mãos esfregam vagarosamente os ombros.

Uma Senhora claudicante, mais velha que a velada Irene, chega em Nara, lhe dá um abraço e sussurra no ouvido alguma coisa. Nara lhe responde vagamente, com sorrisos não menos vagos. A Senhora continua seu consolo protocolar e, durante ele, Nara visa, agora não tão perdida ou indefesa, novamente os três.

Gil e Clara, desconcertados, não sabem onde enfiar seus próprios olhares. Maiára não, Maiára firme e desafiante desde a primeira troca de olhares com Nara.

Nara passa então a ter olhos para o esquiife, só para o esquiife.

FUSÃO PARA:

**INT. CASA DE PRAIA DE IRENE, SALA - DIA (DIA SEGUINTE)**

Sofá, poltronas e os demais móveis da sala em seus lugares habituais. Ao fundo, Clara, Gil e Nara reunidos na porta da frente. As irmãs com uma pequena variação das roupas que usaram no velório. Gil com a mesma, mas com o paletó suspenso no antebraço. É um dia claro e ensolarado, os raios invadem boa

(CONTINUA)

CONTINUA:

parte da sala e através da porta da frente, aberta, esbranquiçando os três.

CLARA

Ah, vocês não podem fazer essa desfeita. Não querem mesmo esperar? O almoço está quase pronto. E olha que fui eu mesma que preparei, e não é todo dia que isso acontece não.

NARA

(tira um molho de chaves da bolsa)

Não posso, Clara, tenho uma pilha de compromissos. É uma correria só, você sabe disso.

Gil gesticula comedido, dá a entender que não é decisão dele. E Clara ergue os braços para o alto, inconformada.

NARA (CONT)

(para Gil, algo rude)

E você? Você dirige.

Nara joga as chaves do carro para Gil, que ele quase deixa cair, e ela SAI para o pátio.

GIL

Viu? Ela que manda.

E Gil e Clara SAEM atrás dela.

Após um tempinho, o SOM do motor do carro partindo.

Mais um tempinho e Clara ENTRA, fecha a porta, adianta-se uns passos e pára.

Ao fundo, Maiára em pé, apoiada pelo lado de fora numa das quinas da portas de correr terraço. Com as cortinas totalmente abertas, a intensa claridade deixa as costas de Maiára opacas, tanto mais porque ela está toda de preto. Não com os trajes ofensivos do dia anterior, Maiára os abandonou por uma camiseta e calça moletom, ainda que da cor do luto, desbotadas. E ela tem os pés descalços.

Clara abaixa a cabeça, toma sua esquerda e SAI. Maiára então dá uns passos cautelosos em direção à borda do --

**EXT. CASA DE PRAIA DE IRENE, TERRAÇO**

Maiára encosta-se na grade de proteção e abaixa a cabeça vagarosamente.

POV DE MAIÁRA

Não há praia, há somente pedras, um declive de grandes pedras até a linha de rebentação.

**EXT. CEMITÉRIO - DIA (FLASHBACK)**

SÉRIE DE PLANOS - O ENTERRO

Do início ao fim, planos envolvidos pelo SOM AMPLIFICANDO-SE da formação de uma grande onda:

A) Sob um sol forte, as três irmãs, com as mesmas roupas do velório, acompanhando o esquife pelas velas do cemitério.

B) Várias pessoas andando em volta das três, o casal Fisher e alguns outros desconhecidos.

C) Somente Gil, como se ele estivesse ou quisesse estar isolado da cerimônia. E começa a CHOVER, mas o SOL não desaparece.

D) E sob esse sol-e-chuva o perfil das três irmãs alinhadas, primeiro Nara e depois Maiára e Clara, com Maiára seríssima, que tira os olhos de Gil para o caixão sendo depositada na cova.

E) A formação da GRANDE ONDA prestes a quebrar nas pedras.

VOLTA PARA:

**EXT/INT. CASA DE PRAIA DE IRENE**

NO TERRAÇO

Nas faces de Maiára, com SOM da quebra da onda, um espasmo e uma passada para trás.

CLARA (OS)  
(voz distante)  
Está pronto!

NA COZINHA

De costas, Clara comicamente abaixada, os joelhos dobrados e pernas meio tortas sustentam um quadril que aparenta ser maior do que é. Por isso, quase não se nota o fogão na frente de Clara, que nessa posição examina o que está assando dentro do forno semi-aberto.

Ela então se endireita e joga a cabeça para trás, num só movimento.

CLARA  
A bóia vai pra mesa!

NA SALA

Lá no fundo, Maiára de costas, paralisada um bom momento, a um passo da borda do terraço. E as costas de Clara ENTRAM.

CLARA (CONT)  
Última chance.

NO TERRAÇO

(CONTINUA)

CONTINUA:

Maiára torce o pescoço para trás.

MAIÁRA  
Pô, já estou indo!

Ela ainda um momento contrariada. Mas reage e SAI do terraço.

**INT. CASA DE PRAIA DE IRENE, COZINHA - MOMENTOS DEPOIS**

Uma cozinha espaçosa, de azulejos grandes e brancos, armários modernos, cores fortes e com utensílios e aparelhos domésticos cheirando a novos, em contraste com o ambiente clássico da sala.

Clara, de avental e luvas apropriadas, retira do forno o almoço, uma tigela retangular de vidro refratário.

CLARA  
Depois que mamãe deixou a casa da cidade, pra viver aqui...

Ela se detém, um pouco desconsolada. Mas logo trata de colocar a tigela sobre a mesa.

CLARA (CONT)  
(ficando embargada)  
Com essa reforma que fizemos pra ela, ficou fácil fácil cozinhar.

E enche de uma só colherada o prato de Maiára, já sentada à mesa. Na mesa há três lugares postos.

CLARA (CONT)  
Agora está tudo arrumadinho, tudo no seu devido lugar, tintim por tintim.

Clara até o fogão, fecha a tampa do forno e volta.

CLARA (CONT)  
Já lá em casa...  
(alguma zanga)  
Com aquela cozinha caindo aos pedaços...

E se detém novamente, cruzando os braços. Clara leva uma das mãos enluvadas ao queixo, respira fundo, fecha os olhos e solta tudo, da respiração aos braços.

MAIÁRA  
Melhor?

Clara confirma. Senta-se defronte à irmã, no lugar onde não há prato nem talheres, apóia os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos enluvadas, e alarga um sorriso.

Com o garfo, Maiára tateia a comida, parece tentar descobrir do que é feita aquela gororoba pastosa.

(CONTINUA)

CONTINUA:

MAIÁRA (CONT)

O que é isso?

CLARA

(perde o sorriso)

Um risoto, oras. Com o que sobrou de ontem.

Com o garfo cheio próximo da vista, Maiára observa o risoto atentamente.

MAIÁRA

Acho que da semana toda.

CLARA

Não reclama, Maiá, você sabe que eu não sou acostumada.

MAIÁRA

Ah, sim, na cozinha só faz seu gênero supervisionar, que novidade.

(uma garfada)

É, é comestível. Nada super, mas... E com os serviçais? Ainda aquela super diligência?

CLARA

(tira as luvas)

E não? Não se dá de boazinha com essa gente, Maiá, não se pode ceder de jeito nenhum. Se não, já viu...

Com as luvas sobre a mesa, Clara gesticula todos os dedos, enfatiza a quantidade de anéis que há neles.

CLARA (CONT)

... lá se vão os dedos, os anéis e vai saber mais o quê. Com essa gente tem que ter rédeas curtas.

MAIÁRA

Fixação na fase anal, o sintoma clássico.

CLARA

Que horror, Maiá, estamos à mesa!

MAIÁRA

Ossos do ofício.

CLARA

Olha aí a doutora falando. Desde o ossinho aquela idéia fixa pelas esquisitices.

E Maiára segura no ar uma garfada, ela entendeu o troco. Põe a comida na boca, umas mastigadas lentas e engole.

(CONTINUA)



CONTINUA: (2)

MAIÁRA

Bobagem, Clarinha, não se sofre de esquisitices. Digamos que eles estão... doentinhos.

CLARA

Loucos, pra mim são todos uns loucos.

MAIÁRA

Loucura. Os sãos adoram usar a palavra. Usam a torto e a direito, mas que não explica bulhufas.

(uma garfada, discursiva de e com a boca cheia)

E adoram empregá-la não só para continuarem desconhecendo as razões profundas do que acreditam ser a loucura alheia. Mas principalmente para não tocarem na própria ferida, na insanidade por trás de suas adoráveis razões. Acredite, minha irmã, essa é verdade, a verdade pura e cristalina.

Clara finge-se impressionada com o discurso.

CLARA

(irônica)

Entendo. Não é o termo médico apropriado, não é, doutora?

MAIÁRA

Doutora, humpf. Rigorosamente falando, só aqueles outros lá, que fizeram medicina, é que recebem essa distinção.

CLARA

Ora, ora, uma doutora que não pode prescrever uns remedinhos? Nem pra uma gripezinha à toa?

MAIÁRA

Nem para remediar a doença da alma mais comezinha.

(como numa locução publicitária)

O milagre para todos os males da alma, breve, numa farmácia mais próxima de você. Ora, pílulas.

Maiára, perto de dar uma garfada, percebe que não há prato nem talheres postos para Clara. E desiste de levar a comida à boca.

MAIÁRA (CONT)

Ei, não vai comer não?

Clara se levanta e gira sobre si, como um passo de dança.

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

CLARA  
Estou sem fome.

MAIÁRA  
E ainda com aqueles regimes lunáticos,  
grande novidade.

CLARA  
Quem me dera.

MAIÁRA  
O Roberto não reclama mais dos  
pneuzinhos?

CLARA  
Quem me dera.  
(suspiro)  
Pois é. Os anos passam, o casamento dá  
umas guinadas pra direita, outras pra  
esquerda, e depois? Depois é aquela  
longa e suave reta, longa, suave e sem  
mínimo risco, nenhum mesmo. É como  
mamãe vivia dizendo, "pra viver a  
emoção das curvas, é preciso ter  
pressa." Mas se não há curvas, pra que  
pressa?

Clara ondula com as mãos uma suposta sinuosidade sexy em seu  
corpo, um riso malicioso e senta-se depressa.

MAIÁRA  
Saudosa Irene.  
(enfim a garfada)  
E por que o Roberto não veio mesmo?

CLARA  
Ficou com as crianças. Ainda bem. Se o  
maridinho viesse prestar essa  
homenagem à mamãe, ela seria capaz de  
pular do caixão só pelo prazer de  
agarrar o pescoço dele.

MAIÁRA  
(pensativa, pausa)  
E os meninos, por que você não trouxe  
eles?

CLARA  
E deixar o Roberto sem nenhuma  
responsabilidade? Livre?

Clara comprime o indicador logo abaixo de uma pálpebra, ela está  
de olho. Maiára concorda, meneia a cabeça e arregala os olhos,  
como numa careta.

CLARA (CONT)  
E eu não ia permitir que as crianças  
tivessem essa última lembrança da avó,  
(MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA: (4)

CLARA (CONT)

não mesmo. Depois traumatiza. E eles crescem e já vão colocando a culpa em nós, tudo o que é culpa é culpa dos pais. Eu, hein?

Clara levanta-se e vai até a pia, repleta de utensílios sujos. Ela põe umas luvas de borracha e começa a lavar algum deles.

Maiára dá outra garfada, mastiga, mastiga, diminui o ritmo da mastigação e engole a comida. Ela põe devagar os talheres ao lado do prato, cruza as mãos atrás da nuca, inclina-se sobre a mesa, inspira fundo e endireita-se.

MAIÁRA

E Nara? Tudo bem com ela?

Clara deixa o afazer à pia, retira as luvas de borracha e, com passos comedidos, volta a se sentar.

Ela põe uns olhos um pouco melancólicos sobre Maiára, mas as mãos de Clara, entrelaçadas e recostadas à mesa, estão tensas.

MAIÁRA (CONT)

Vocês ainda se vêem, não é?

CLARA

Bom, ver, ver mesmo, muito raramente. Nos falamos mais ao telefone.

(descontraí-se)

Pudera, com a rotina que ela tem? Com aqueles horários malucos? Um horror, um horror.

MAIÁRA

E eles... voltaram?

Em Maiára, além da dúvida, um traço de recriminação.

CLARA

Nara e Gil? Ih, nem pense, nem sabiam um do outro. Acho que desde...

Clara dá uns tapinhas na própria boca, como se impedisse de mencionar algo.

CLARA (CONT)

Não, não tenha dúvida. Mesmo assim... Não é que ela foi atrás do Gil pra contar da mamãe, dá pra acreditar? E fez questão que ele viesse.

MAIÁRA

(uma garfada)

Impressionante.

CLARA

Pois é, ele que nunca foi um homem fácil de ser encontrado.

(CONTINUA)

CONTINUA: (5)

Maiára com uma cara que parece saber exatamente o motivo dessa dificuldade.

CLARA (CONT)

O mais impressionante... Já faz um tempinho que... Sabe que Nara está se comportando? Como quando ela conheceu o Gil, sabe?

Maiára engasga com a comida.

MAIÁRA

Ô, finalmente. Se ficar caidinha de amores é o único jeito de enjeitar o humor insuportável dela. E quem é o figura, esse novo azarão?

CLARA

Eu eu lá sei?

(pausa)

É, só assim pra emendar esse péssimo humor. O coraçãozinho da Nara é uma montanha russa. Mas quando encontra alguém...

(cabisbaixa)

Bem diferente de nós duas.

Das mãos de Clara entrelaçadas, os dedos se apertando ainda mais, temos aquela melancolia de seu rosto.

CLARA (CONT)

O que eu sei... é que Nara é a única de nós que, quando sabe, sabe realmente se entregar.

A caçula é algo contaminada pela melancolia de Clara.

**INT/EXT. JEEP EM MOVIMENTO/ESTRADA BEIRAMAR - AO MESMO TEMPO**

POV DA FRENTE DO CARRO

A estrada passando em alta velocidade.

VOLTA À CENA

O Jeep Wrangler, com a capota removível, é o carro de Nara. Gil ao volante. Ele dá uma visada e um tímido sorriso para Nara, que só tem olhos para a estrada. Gil tenta de novo, um visada e um esboço de sorriso. E nada.

GIL

Apesar da ocasião...

(pausa)

Você ter visto Maiára depois de tanto tempo...

(para si)

... e apesar da última vez...

(para Nara)

(MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA:

GIL (CONT)  
 ... não foi tão ruim assim. Até  
 melh...

NARA  
 (seca)  
 Se mal nos falamos.

Nara mantém-se para a estrada.

GIL  
 Talvez até demais.  
 (pausa)  
 Comigo ela nem se segurou. Ah, que  
 gênio, e que língua afiada a dessa  
 garota! Mesmo depois desse tempo todo,  
 nenhuma melhora. Pelo contrário. E  
 ontem, o que foi aquilo? Um James Dean  
 de saias? Humpf, patético. Mas com  
 você, mesmo nas duas ou três palavras  
 trocadas, convenhamos, ela conseguiu  
 ser educada. Ou não tão mal-educada.  
 Ela se esforçou, convenh...

NARA  
 Você também... está se esforçando.

Gil, olhando Nara, quase vacila ao volante.

Nara com uma das mãos no console, por mera e inútil segurança. E  
 finalmente encara Gil.

NARA (CONT)  
 E vamos continuar assim, está bem?

Gil desacelera o carro, por precaução. Nara retira sua mão do  
 console e, de dentro do porta-luvas, um CD.

Na caixinha, "GAL A TODO VAPOR".

Gil observa Nara colocar o CD no tocador do carro e escolher uma  
 faixa. De repente, volta a prestar atenção na estrada, um  
 cuidado algo patético, com as mãos juntas acima do volante e a  
 cabeça avançada.

MÚSICA "COMO DOIS E DOIS", interpretada por Gal Costa.

Gil demonstra alguma surpresa com a música escolhida.

"Como Dois e Dois" SOBE.

E a traseira do veículo ganha distância num trecho de reta.

FUSÃO PARA:

**INT. QUARTINHO DE HOTEL - NOITE (FLASHBACK)**

As costas nuas de uma mulher sentada num banquinho de madeira.

(CONTINUA)

CONTINUA:

E de frente, assim sentada, toda nua e com um VIOLÃO sobre suas pernas cruzadas, um violão clássico de um verniz reluzente.

Nara é essa mulher, ela é quem toca e canta. Ou melhor, como se cantasse, Nara DUBLA Gal Costa.

Frente a ela, um homem também completamente despido, atravessado numa grande cama de casal, aprecia a cantoria. O braço do violão ESCONDE seu rosto, mas não sua juventude. Ele tem 30 anos, pele morena de sol e um tórax sem pelos, não muito musculoso. Vamos chamá-lo de CIRO.

Esse quarto de hotel, se não é uma espelunca, aparenta ser muito, mas muito despojado.

MONTAGEM - O ATO SEXUAL E DEPOIS, O DESCANSO

O rosto de Ciro NUNCA é totalmente revelado:

A) Na cama, planos fechados de Ciro e Nara durante o ato.

B) Ainda na cama, em seguida ao ato, Nara toda sorrisos. Ela acaricia o cabelo de Ciro, tira-lhe um CÍLIO grudado debaixo de seu olho e aperta levemente o NARIZ dele.

VOLTA À CENA

Às costas de Ciro, Ciro com cabelos negros, brilhantes e fartos. Ele ainda daquele jeito perpendicular à cama e, ao fundo, Nara preparando os derradeiros acordes.

FIM de "Como Dois e Dois" com a voz de Nara sobrepondo-se à voz de Gal Costa.

NARA

"Como dois e dois são cinco. Cinco!"

CIRO

Uau! Magnífico, magnífico. Triste, mas... Canta de novo?

No rosto de Nara, um sorriso de imensa satisfação temperado com um sutil pudor.

CIRO (OS, CONT)

Ah, deixa de ser sovina, Nara. Por favor, canta pra mim. Só pra mim.

VOLTA PARA:

**INT/EXT. JEEP EM MOVIMENTO/ESTRADA BEIRAMAR**

Por fora, o vidro da janela do carona do Jeep e, colado nele, o rosto de Nara, ora visível ora não, devido ao jogo de reflexos entre os raios de sol e as sombras das altas folhagens da beira da estrada. Nara, com o mesmo sorriso, o de uma mulher realizada, "descansa" naquela lembrança.

(CONTINUA)

CONTINUA:

GIL (OS)  
Como dois e dois.

Há um incômodo em Gil.

GIL (CONT)  
Você nunca gostou dessa música.

Nara desfaz-se daquele sorriso.

NARA  
Isso era antes, com nós dois. Sem nós dois...  
(recupera aquele sorriso)  
... passei a gostar.

De repente, no rosto dela um ar de interrogação.

NARA (CONT)  
(para si)  
Meu violão.

GIL  
O quê?

NARA  
(vira-se para Gil, irônica)  
Ganhei outro, um outro violão. Novinho em folha.

Gil, amuado, atenta-se à estrada.

No MESMO TRECHO DE RETA no qual a traseira do Jeep havia se distanciado, o carro agora se aproxima, uma perseguição que faz diminuir a distância rapidamente.

FADE TO BLACK.

LEGENDA: A ORDEM NATURAL DAS COISAS E SEU AVESSO

**INT. QUARTO DO PESADELO**

SILÊNCIO. PENUMBRA. O HALO DESFOCADO. De perfil, uma mulher de camisola semi-transparente sentada na borda de uma cama de casal, nos pés da cama. Ela é magra e, pelo menos de corpo, jovial. Mas os cabelos fartos e ondulados, cobrindo-lhe a face, impedem qualquer outra identificação.

Ao fundo, uma janela aberta, com cortinas translúcidas que, estranhamente, BALANÇAM de dentro para fora, como se houvesse um vento soprando do quarto para o seu exterior. Ao lado da janela, um ABAJUR DE PEDESTAL e uma poltrona.

A CÂMERA, da silhueta dessa mulher, desloca-se rápida pela lateral da cama até a cabeceira, simultâneo ao SOM PESADO de uma porta de grades de correr abrindo.

(CONTINUA)

CONTINUA:

Revela-se então que alguém dorme na cama, na cabeceira oposta. E um VULTO que emerge lentamente ao lado da cabeceira, como num demorado mergulho ao contrário.

Todo em pé, o Vulto pende a cabeça para o dorminhoco, este se agita e vira-se para o lado oposto.

POV DO VULTO

Quem dorme é um homem magro e idoso, de cabelos ralos e brancos. O lençol só lhe cobre até a cintura, dali para cima apenas seu pijama de LISTRAS VERTICAIS.

VOLTA À CENA

Um dos braços pensos do Vulto. E sua mão se fecha, abre e se fecha de novo, cerrando em punho.

Ecoa um SOM PESADO de uma porta de grades de correr que, ao contrário de antes, é fechada.

**INT. APÊ DE NARA, SUÍTE - DIA**

Na PENUMBRA, e no ECO do fechar da porta de grades, Nara acorda assustada, erguida da cintura para cima. Ela transpira muito, o suor escorre entre os peitos nus. Demora-se assim e de olhos arregalados um momento, até virar-se para uma mesinha de cabeceira à sua direita.

Sobre a mesinha, o despertador digital marca 7:12 AM.

NARA (OS)

Buceta!

Nara sai com pressa da cama pela esquerda, apenas de calcinha, sai jogando o lençol no ar, para o lado da cabeceira do despertador.

POV DO DESPERTADOR

Quase encoberto pelo lençol atirado. Mas ao fundo se distingue, do banheiro com a luz acesa, o piso quadriculado de branco e preto, o imenso espelho e o tampo de mármore escuro da pia.

O SOM da água do chuveiro começa a cair. E a porta do banheiro a fechar, vagarosamente fechando e escurecendo o quarto. E tudo ESCURECE.

**INT. APÊ DE MAIÁRA, ESCRITÓRIO**

ESCURIDÃO. A porta é aberta e Maiára ENTRA. De pijama, com uma caneca de café na mão e num longo bocejo, ela passa pelo lado mais extenso de uma mesa com toda uma bagunça em cima dela, livros, textos e vários papéis com anotações, e deixa na ponta da mesa a caneca de café, próxima de uma luminária.

Um passo adiante e Maiára chega na janela, que tem as persianas fechadas. Ela levanta as persianas pelo cordão, escancara a

(CONTINUA)



CONTINUA:

janela e é castigada pela luz do dia que invade todo o lugar. Protegendo-se da luz com um braço, com o outro faz descer de novo e rapidamente as persianas, ajustando-as para diminuir o castigo da luz.

Com cara de sono e arrastando os pés, Maiára no caminho inverso, pois precisa contornar a mesa para sentar-se ali atrás. A mesa faz um L com o rack do computador, este quase encostado na parede da janela.

Sentada, ela dá um gole de café. Um segundo gole e deixa a caneca onde estava, ao lado da luminária. Começa a remexer na bagunça em cima da mesa, parece preparar-se para o que tem que fazer ali. Mas ao remexer aí mais um pouco, perde a coragem e despenca os braços e a cabeça sobre os livros e toda papelada em cima da mesa.

MAIÁRA  
(sono e lamento)  
Meus deuses.

**INT. APÊ DE NARA, BANHEIRO**

Nara escova freneticamente os dentes diante o espelho. Refletida também aí, a suíte, agora com a luz acesa. Ela já toda arrumada, Nara veste jeans e uma camisa branca.

NARA  
(boca cheia de pasta)  
Hã, hã... Nã-não... Não, não quero nem saber, já tô pintando aí.

Nara se desloca um pouco e vê-se que ela está ao TELEFONE CELULAR, a mão esquerda pressiona o aparelho ao ouvido enquanto a direita continua a escovação.

NARA  
Hã, hã... Claro que sei que eu não preciso chegar tão cedo, que antes tudo tem que estar pronto pra mim e bla-bla-blá. O que eu preciso é me garantir, não é?  
(cospe a pasta na pia)  
Ah, tá, é função dela. Gusmão, um mês atrás a garota era uma simples estagiária. Aí não sei quem andou traçando ela e a pecinha vira a responsável pela produção?!

Ela coloca a escova dentes cheia de espuma no espaço generoso do tampo da pia.

NARA  
Eu sei, eu sei que você está aí de olho e...  
(abre a torneira e lava a boca)  
Hã, hã...

(CONTINUA)

CONTINUA:

Enxuga a mão e a boca numa toalha de rosto pendurada à esquerda e pega no tampo uma escova de cabelo.

NARA

(escova o cabelo)

Dane-se o bam-bam-bam da agência que comeu a garota, Gusmão! O caso é que eu mesma quero ficar no pé dela e pronto!

A escova de cabelos é largada no tampo, e Nara se inclina para alcançar, mais à direita, algo no meio de vários frascos de perfume, cosméticos e afins.

NARA

E vai que a putinha faz uma bela duma cagada e depois sobra pra mim, hein?

Ao pegar um vidrinho de rímel, derruba uns frascos daquele amontoado. E com uma só mão e a própria boca, ela faz a proeza de desatarraxar o pincel do vidrinho.

NARA

(passa rímel num olho)

Hã?!

(pára de passar)

Fôda-se, Gusmão, tô chegando aí!

Nervosa, Nara desliga o celular, coloca o aparelho num bolso de trás de sua calça jeans, passa rímel no outro olho, deixa o pincel no tampo de mármore, mas fora no vidrinho, pega sua bolsa e umas pastas que estão sobre a tampa fechada do vaso sanitário e SAI apressada.

Num instante a luz da suíte é apagada. Noutro, é o braço de Nara voltando para tatear a parede onde está o interruptor da luz do banheiro. Ao encontrá-lo, tudo ESCURECE.

**INT. ESTÚDIO, SET DE FILMAGEM - MAIS TARDE**

SILÊNCIO. Em ÂNGULO BAIXO o Set preparado. Ao fundo, deitado numa cama rodeada de tripés da iluminação, e sob a mira da câmera de filmagem, um MENINO de pijama, com a camisa aberta. Ele se ergue, parece assustado. E sua MÃE chega e lhe abraça.

VOZ FEMININA (OS)

De novo!

A Mãe, confortando sua criança, vira-se para a origem dessa voz de comando.

E pernas cruzadas assomam-se, pernas vestidas de jeans e calçando tênis, a perna que está por cima balança impaciente.

VOZ FEMININA (OS, CONT)

(irritada)

De novo, de novo e de novo!

(CONTINUA)

CONTINUA:

MURMÚRIOS de conversas. O Set movimentava-se, pessoas passam na frente e por detrás da cama.

As pernas são descruzadas. E Nara revela-se a dona dessas pernas e da voz irritada. Sentada em sua cadeira de diretora, ela se debruça sobre um monitor de vídeo.

Ao lado da cabeça de Nara revendo a tomada no monitor, postam-se outras pernas. Nara levanta o olhar.

NARA (CONT)  
(irônica)  
Não parece ser tão difícil, Gusmão,  
parece?

GUSMÃO é seu assistente, um rapaz franzino de uns 25 anos. Gusmão, com uma prancheta colada ao peito, põe-se de joelhos, a um palmo do ouvido de Nara.

GUSMÃO  
Nara, estamos aqui desde que a porra  
desse sol deu o ar da graça. Dá um  
tempo. E já são quase duas horas.  
Libera o pessoal pro almoço, vai? Que  
esse povo de estômago vazio...

Nara coça a cabeça, com irritação.

GUSMÃO (CONT)  
E olha a criança, ela já está  
impaciente. E criança de saco cheio, e  
mãe de saco cheio...

Nara levanta-se da cadeira, enquanto Gusmão, agachado, somente acompanha com os olhos ela se erguer. E Gusmão e as pernas de Nara ficam assim um momento.

NARA  
Tá bom, almoço de uma hora. Mas não  
passa disso!

A CÂMERA acompanha as pernas de Nara se afastarem do Set, como se fugisse delas. Com o Set ao longe, as pernas param.

NARA (CONT)  
Oi. Ocupado?

O rosto Nara, ela ao TELEFONE CELULAR.

NARA  
Também tenho uma folga, de uma  
horinha. Mas posso estendê-la, que  
tal?  
(pausa, ri)  
Hum, palavras pouco refinadas. Mas  
adorei.

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

GUSMÃO (OS)

Nara?

NARA

(ao telefone)

Me dá um minuto.

Nara se vira para o Set. De lá, Gusmão, de prancheta à tira-colo, se aproxima.

GUSMÃO

A maquete do expectorante...

(coça a cabeça)

O pessoal vai ter que refazer o rótulo, porque... ficou uma cáca.

Gusmão desiste de chegar-se em Nara, a meio caminho dela.

GUSMÃO (CONT)

(coça de novo a cabeça)

Não vai dar pra fazer as tomadas hoje não, pode esquecer. Hoje só dá pra terminar isso aqui.

NARA

Ah, eu sabia, eu sabia. Gusmão, eu vou comer o cu dessa de estagiária! E eu vou comer ele vivo!

E ele, com uma cara de quem caiu do cavalo, retorna pelos mesmos passos de onde veio.

NARA (CONT)

(ao telefone, pausa e descontraí-se)

Ouviu, é? Mas depois o humor melhora. Com você, sempre melhora. Antes, durante e depois.

(pausa)

Tá, no hotelzinho. Me dá uns, uns dez minutos.

Nara desliga o celular, mordisca os lábios e sorri.

E, às costas dela, guarda o celular no bolso de trás da calça jeans e SAI, deixando ao fundo a movimentação do Set, com a Mãe sentada na cama ainda consolando o filho.

#### **INT. APÊ DE MAIÁRA, ESCRITÓRIO**

Há LUZ apenas sobre a desordem da mesa de trabalho de Maiára.

Em DETALHE, folhas de sulfite impressas, com muitas correções escritas à mão, rascunhos e rabiscos num bloco de notas de folhas amarelas, alguns textos em cópias xerox, também com anotações em letra de mão, e dois livros abertos, um sobre o outro. No de cima, de cabeça para baixo, se lê na capa: "TOTEM E TABU - SIGMUND FREUD".

(CONTINUA)

CONTINUA:

Na ponta da mesa, o origem da luz, a luminária acesa e, debaixo dela, outro livro aberto, com uma régua como que sublinhando suas linhas.

A mão de Maiára ENTRA para pressionar levemente a régua, percorrer com esta umas linhas de texto abaixo e SAIR.

Maiára ao computador, pensativa. Ela então se debruça sobre o livro aberto sob luminária, e retorna pensativa diante da tela do computador, cruzando os braços.

O teclado recebe as mãos de Maiára, os dedos indicadores começam a "catar milho", digitando assim por um momento.

INSERT - TELEFONE DA SALA

Sobre uma mesinha redonda, o telefone TOCA. É um aparelho de disco, preto, robusto, de meio século atrás.

VOLTA À CENA

As mãos de Maiára, congeladas, pairam sobre o teclado do computador.

Maiára aperta os olhos quando a campainha do telefone TOCA mais uma, duas vezes, esse som parece doer-lhe ao ouvido. No toque seguinte ela se levanta e SAI correndo.

MAIÁRA (OS)

Maiára, Maiára. Esqueceu de deixar a joça do telefone fora do gancho?!

**INT. APÊ DE MAIÁRA, SALA**

A mão de Maiára chega e tira o fone do gancho.

MAIÁRA (OS)

Maiára.  
(irritada)  
Como quem?

Maiára pra lá de descontente.

MAIÁRA

Não, minha senhora, aqui não é desse...  
(cara de nojo)  
... coiffeur.

E ela recoloca fone no gancho. Mas ainda com a mão pressionada no aparelho, a CAMPAINHA irritante de novo, e Maiára atende.

MAIÁRA

Minha senhora, eu já dis...

O bocal do telefone.

(CONTINUA)

CONTINUA:

MAIÁRA  
 Clara, Clarinha.  
 (engole seco, pausa)  
 Não, não! Não é incômodo nenhum.

Nela, um sorriso misturado a uma lágrima.

MAIÁRA  
 (recomposta)  
 Mas por que você... agora...?  
 (séria)  
 Ah, sim. Dona Irene.

Às costas de Maiára, que tem a mão livre balançando, como que pesando e pensando: "E essa agora".

MAIÁRA  
 Desse jeito como, minha irmã?  
 Clarin...  
 (pausa)  
 Não, não, não vamos discutir isso de novo. Pô, e já se passaram...  
 Clarin... A cada um sua hora e lugar, lembra?  
 (surpresa)  
 Mamãe o quê?!

O rosto chocada de Maiára, numa longa pausa.

MAIÁRA  
 Mas... não tem mais... o que... fazer?  
 (pausa, mais para si)  
 Não tem mais.  
 (firme)  
 E ela foi pra onde?

A mão livre de Maiára prepara-se para anotar algo num bloco de notas à mesinha do telefone. A ponta da caneta no caderninho, prestes a anotar. E Maiára recolhe o braço.

MAIÁRA  
 Ah, sim, se Dona Irene decidiu viver lá, era lá que ela devia... Pode parar, pode parar, não vamos começar de novo!  
 (pausa, sarcástica)  
 Claro, Clara, te garanto que ainda sei como chegar na casa da praia. O trajeto é exatamente o da última vez. Aliás, uma última vez inesquecível.

Maiára suspira e, aproveitando outra longa pausa, senta-se no chão, de pernas cruzadas.

MAIÁRA  
 (resignada)  
 Sim, eu vou, claro que eu vou. Tem que ir, né?

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

O colo de Maiára. E o fone desce aí, ela ainda lhe segura.

MAIÁRA

Que inferno.

O som do SINAL de ocupado SOBE. Maiára sem dar sinal algum de querer colocar o fone no gancho.

**INT. ESTÚDIO, SET DE FILMAGEM - MAIS TARDE**

O MESMO PLANO de quando Nara deixou o Set. A diferença é que o grupo de pessoas que antes se movimentavam nele, agora estão por ali sem fazer nada, papeando em pé ou com um jeito de esperar que algo aconteça e que não acontece. E na cama, o centro das atenções da filmagem, não há NINGUÉM, nem mãe nem filho.

Um par de pernas vestidas jeans e calçando tênis ENTRAM e param. Todos olham para elas.

É Nara, Nara examinando o Set. Ela percebe a aproximação lateral de Gusmão, que bate duas vezes o dedo indicador no relógio de pulso. Em troca, Nara faz uma cara feia.

GUSMÃO

Uma tal de Clara passou por aqui.

NARA

(surpresa)

Clara?

GUSMÃO

E ficou um bom tempo te esperando.

NARA

Me esperando, aqui?

GUSMÃO

É. E disse que tentou te ligar antes. Tentou várias vezes, mas no celular só dava caixa-postal. E foi então um inferno descobrir onde você estava. E descobriu, né?

NARA

(mais para si)

Que inferno.

GUSMÃO

Aqui também.

(pigarro)

Quer dizer, daqui também ela tentou te ligar umas outras tantas. E nada. Aí deu um piti nela e ela se mandou.

NARA

Mas por q...?

(CONTINUA)

CONTINUA:

GUSMÃO

Disse que você sabia do que se tratava.

NARA

Eu sei?

GUSMÃO

Olha, eu não entendi direito, porque ela não falava coisa com coisa. Mas acho que tem a ver com doença. Ou coisa pior.

Nara passa a ignorar Gusmão, porque sua surpresa dá lugar a uma tristeza doída.

EFEITO - O SOM AMBIENTE fica como se ouvido DEBAIXO D'ÁGUA, a voz de Gusmão mais distante e a de Nara como uma voz interior.

GUSMÃO (OS, CONT)

Ah, e o mais estranho, estranho mesmo, foi ela dizer que era sua irmã.

NARA

Família.

GUSMÃO (OS)

Pois é, você que nunca disse pra ninguém que tinha uma irmã, quanto mais uma família. Humpf, nada a ver com você.

NARA

Irene.

GUSMÃO (OS)

(quase inaudível)

Nara, tudo bem contigo?

**INT. APÊ DE MAIÁRA, ESCRITÓRIO**

Os dedos indicadores de Maiára "catam milho" no teclado do computador. E melhoram a performance da digitação, aumentam o ritmo. E todos os dedos são utilizados, qual uma profissional. O ritmo cresce e cresce, até que o frenesi dos dedos subitamente se esgota. As mãos abrem-se sobre o teclado, pairam sobre ele tensas. E SAEM rápidas.

MÚSICA, "OVELHA NEGRA", com Rita Lee & Tutti-Frutti.

**INT. APÊ DE MAIÁRA, QUARTO - MOMENTOS DEPOIS**

Maiára, com alguma afobação, tira peças de roupas dos cabides e gavetas do armário, e enfia tudo numa mochila sobre a cama.

POV DE DENTRO DA MOCHILA

(CONTINUA)



CONTINUA:

Ela diante o armário escancarado para refazer a operação, mas se detém numa peça de roupa num dos cabides.

VOLTA À CENA

Um vestidinho preto, liso e sem detalhes que, nas mãos de Maiára, é avaliado, uma roupa de tecido elástico cintura acima.

Ela estende o vestido na cama, ao lado da mochila, e SAI. Um momento depois, COTURNOS são encostados na borda da cama. E então uma JAQUETA DE COURO é jogada ao lado do vestido. E caem uns ÓCULOS VERMELHOS sobre a jaqueta, completando o conjunto.

FUSÃO PARA:

**INT/EXT. JEEP/RUAS DA VILA MADALENA - DIA (DIA SEGUINTE)**

"Ovelha Negra" na segunda estrofe.

A traseira de um Fusca no meio-fio, após uma vaga. Passa ao lado um Jeep Wrangler, SEM a capota removível, que freia bruscamente. Não menos brusco, o Jeep vem de ré e baliza, estacionando certinho na vaga.

A CÂMERA sobe e se curva até ter Nara na vertical, em seu Jeep Wrangler, de óculos escuros. De dentro da bolsa sobre o banco do carona, ela retira um livrinho e olha para cima, com o braço lhe protegendo do sol à pino.

POV DE DENTRO DA BOLSA

Nara, do céu, volta ao livrinho em suas mãos. Ela tira os óculos escuros, que pende por um cordão em volta do pescoço, e começa a folheá-lo impaciente.

VOLTA À CENA

O livrinho é um GUIA DE BAIRRO, com alguns mapas, mas repleto de propagandas de estabelecimentos comerciais.

Em Nara cresce a impaciência. Ela olha para cima mais uma vez e, sem os óculos escuros, a luz do sol lhe dói.

Com o guia à mão, recoloca os óculos, cata a bolsa, sai do Jeep, atravessa a frente do carro e a rua, ganha a calçada oposta e --

**EXT. RUAS DA VILA MADALENA**

Pela calçada e guia à mão, Nara tira os óculos escuros, consulta o guia, pára um instante em frente de um bar ou restaurante, não se sabe, e segue adiante.

MONTAGEM - NARA PROCURANDO

A) Nara progride em outra calçada, dobra a esquina, SAI e, segundos depois, ENTRA pela mesma esquina, andando com o guia aberto grudado nos olhos.

(CONTINUA)

CONTINUA:

NARA

Essa buceta de lugar mudou tanto.

B) FUSÃO e temos Nara do outro lado da rua, inquieta pela calçada. Ela pára, põe os óculos, vira de costas, tira os óculos e examina outro bar ou restaurante, que também é deixado para trás. Nara continua pela calçada e SAI.

C) FUSÃO e se tem ali, do outro lado da rua, um outro bar ou restaurante. E também ali naquela calçada, Nara ENTRA por onde tinha saído antes, caminhando perigosamente, de óculos dependurado no pescoço e guia nos olhos.

Eqüidistante à Nara, um homem aparece detrás da lateral de uma perua Kombi estacionada, ele carrega um engradado de bebidas e vai em direção à Nara. E eles vão trombar.

Mas esse homem, o CARREGADOR, a um passo de Nara, desvia-se dela para entrar nesse bar ou restaurante cujo acesso encontra-se debaixo de um toldo.

No toldo se lê a seguinte inscrição: PIANO BÁRBARO.

**INT. PIANO BÁRBARO, RECEPÇÃO**

PENUMBRA. Apenas a luz natural vinda através da porta dupla da frente, quadriculada e de vidros transparentes, dá contornos às sombras do lugar.

Alguém do lado de fora chega na entrada, obstruindo a luz natural. Ele empurra as portas com o corpo e ENTRA, entra segurando pelos braços um engradado de bebidas.

É o Carregador que, ao entrar e logo SAIR para sua esquerda, descortina Nara, lá na calçada. Ela, após um momento de indecisão, põe o guia na bolsa e decide entrar.

À porta, Nara quase tromba novamente com o Carregador, agora de mãos vazias. Apressado, ele passa com o corpo de lado entre ela e o batente, sem lhe dar a mínima.

NARA

(vira-se)

Por favor, por favor, o Léo?

O Carregador, sem se deter, aponta para dentro.

Nara então avança para dentro, mas cautelosa, ela mesma uma sombra entre as sombras dali, e segue à esquerda, para --

**INT. PIANO BÁRBARO, SALÃO**

Um salão salpicado de mesas redondas, cadeiras viradas sobre elas e um palco ao fundo, onde uma BANDA DE ROCK ensaia justamente "Ovelha Negra".

Nara passo a passo em direção do palco, até parar no meio do salão. Em seu rosto, um quê de fascínio.

(CONTINUA)

CONTINUA:

"Ovelha Negra" TERMINA destrambelhada, antes de seu fim natural. Somente o solo do GUITARRISTA prossegue.

As mãos do Guitarrista no solo, que é interrompido no meio.

GUITARRISTA

E eu entro só agora, no final? E só repetindo, repetindo, repetindo...?

BAIXISTA

(despluga o baixo do amplificador)

É uma baladinha, véio.

O Guitarrista e o BAIXISTA, com no máximo 18 anos, são como os irmãos Gallanher, de caras lavadas, cabelos curtos, óculos escuros redondos, côncavos e enormes, e tênis com cores e desenho exclusivos.

O BATERISTA aparenta um Keith Moon em início de carreira. Ele sai detrás de seu instrumento segurando umas baquetas ainda cheias de energia.

BATERISTA

A gente precisa mesmo tocar essa coisa? Cara, esse melô tá destoando do repertório!

O TECLADISTA retira seu teclado eletrônico dependurado no corpo e o coloca num suporte horizontal. Ele é o mais velho da banda, talvez seu líder, as roupas que não recorrem a nenhum estilo especial e a barbicha sugerem isso.

TECLADISTA

O homem mandou. E se é ele que paga, pagando, tá valendo.

E ele chega num extremo do palco, levantando a cortina para que o resto da banda passe por ali.

BAIXISTA

(cruza com seu instrumento a cortina)

É Tutti-Frutti, não é?

GUITARRISTA

(idem)

Acho que é.

BAIXISTA (OS)

Tipo, sabor original de Tubaína?

BATERISTA

(idem, com um tapinha no ombro do Tecladista)

Ele que manja.

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

O Tecladista balança a cabeça, como tivesse que explicar pela enésima vez.

TECLADISTA

(fala pausada)

Era a banda da Rita Lee na década de...

(despeja)

Do tempo do Dom João e bolinha, véio paca.

GUITARRISTA (OS)

Bota véia nisso, mano!

MENINA HIPPIE (OS)

Eu gostei.

E mostra-se a MENINA HIPPIE, 16 anos, cabelos claros, longos e lisos, de túnica em estilo indiano, sentada num banquinho atrás do pedestal do microfone. No colo, um violão folk enorme. E ela se levanta e coloca o violão em pé, diante seu corpo franzino.

HIPPIE ADOLESCENTE (CONT)

(insegura)

A letra... é legal. Quer dizer...

Ao lado do Tecladista, reaparecem as cabeças do Baixista, Guitarrista e Baterista. Nos quatro, idênticas feições, que aguardam o que virá depois.

HIPPIE ADOLESCENTE (CONT)

Ela... ela dá uns toques, né?

(pausa, decepção)

Não?

No rosto de Nara também alguma expectativa. Mas ela abaixa a cabeça, igualmente decepcionada.

Nara de costas no meio do salão. Ao fundo, os quatro jovens ainda um momento encarando o projeto de Rita Lee. E eles SAEM juntos sob as cortinas.

A garota nota a audiência de Nara. Meio sem jeito, encosta seu violão folk num suporte vertical, mas quase o deixa cair. Tenta de novo, com sucesso, correr atrás dos meninos da banda e SAI.

Nara demora-se um pouco cabisbaixa. Mas ergue a cabeça, olha para a direita e decide tomar essa direção.

E ela chega num extenso balcão, Nara algo tímida.

Do outro lado do balcão, um funcionário alto e muito magro, cabelos um tanto grisalhos e longas costeletas, termina de enxugar um copo. Em seguida, com o mesmo pano, limpa a parte superior do balcão. Sob o olhar curioso de Nara, ele faz essas tarefas de uma maneira tão zelosa, que chega a ser cômica.

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

Nara acha também curioso a VOZ ABAFADA vinda do lado de dentro e debaixo do balcão, como queixas ininteligíveis que se misturam com SONS METALIZADOS, tal marteladas e peças sendo atarraxadas. Desse imbróglio, compreende-se uma, duas palavras: "Pia e bosta." E uma terceira: "Jonas."

NARA  
(baixinho)  
Por favor?

O funcionário, agora com a orelha grudada no balcão e os olhos no pano, este sendo passado com esmero num ponto do balcão muito preciso, resolve dar existência à Nara. Mas apenas com o olhar, pois ele mantém a cabeça no nível do balcão.

NARA (OS, CONT)  
O Léo...?

O funcionário JONAS endireita-se e abaixa a cabeça.

JONAS  
Patrão?

E LÉO, o patrão, é quem se levanta detrás do balcão, com uma chave inglesa e a camisa melecada de uma gordura escura. Aos 40 anos, ele é negro e forte, mas dois palmos menor que o seu funcionário. Léo se levanta sem notar a presença de Nara.

LÉO  
(a chave inglesa em riste)  
Jonas, já não te falei uma penca de vezes pra não me chamar de patrão?!  
Ôrra, meu, te expliquei uma, duas...  
te expliquei uma porrada de vezes...!  
(inspira fundo, calmo)  
Mas posso te explicar de novo, e quantas vezes você quiser, e quantas vezes se fizer necessário, porque eu não vou me cansar de explicar que...  
(suspiro)  
Tá, eu sou o proprietário, sou eu que detenho...  
(com os braços se abrindo)  
... toooooodo esse meio de produção.  
Mas isso aqui é como uma cooperativa, isso aqui é tocado em autogestão, auto-ges-tão, Jonas! Além das gorjetas, que é de-lei, Jonas, de-lei, vocês não recebem participação nos lucros? E não é uma participação muito da generosa, hein, hein?!

Jonas é como que atingido pelas palavras de Léo, ficando desde o início do discurso inclinado para trás. E o funcionário, ainda com essa inclinação, move lentamente a cabeça para a visitante.

(CONTINUA)

CONTINUA: (4)

NARA  
(sem graça)  
Oi, Léo.

Com força, Léo põe a chave inglesa no balcão.

LÉO  
(sisudo)  
Quanto tempo, hein? Fiquei com  
saudades.

Nara perde o ar sem graça para uma expressão semelhante à de Léo. Nela, também nenhum indício de saudade.

**INT. PIANO BÁRBARO, RECEPÇÃO - MOMENTOS DEPOIS**

POV DE LÉO

O MESMO PLANO de Nara ao entrar nas sombras do Piano Bárbaro. Mas agora ela deixa o estabelecimento, vira-se para um lado da calçada e SAI.

VOLTA À CENA

Léo ao TELEFONE CELULAR, com o olhar fixo para a entrada.

LÉO  
Mensaje al cliente seis-seis-cero-  
siete-uno-dos... Sí, sí, uno-dos, los  
números finales. Muchas gracias.  
(pausa)  
"Elis voltou a cantar, no palco de  
sempre."

A boca de Léo ao celular.

LÉO (CONT)  
"Mas não se demore, os ingressos se  
esgotam."

**INT. APÊ DE NARA, SALA - NOITE**

ESCURIDÃO. A luz de uma pequena lanterna, esta na mão de alguém sentado numa poltrona. Quando o feixe de luz é dirigido do colo para o queixo, sua identidade é revelada.

É Gil, um momento imóvel, qual um fantasma, pois sua cabeça paira na escuridão devido ao ângulo prosaico da lanterna acesa.

Ele ameaça levantar-se uma, duas vezes. Na terceira consegue, indo direto a uma estante na parede, à sua direita.

A mão de Gil, iluminada pela lanterna, percorre a fileira de livros que está num nível acima dos olhos. No meio da fileira, a mão pára, volta na lombada de dois, três livros, muda de novo o sentido e segue adiante, como se procurasse um determinado livro. A mão, impaciente, resolve tirar de um punhado quantos

(CONTINUA)

CONTINUA:

livros ela puder pegar de uma só vez. Os livros aparentam ser novos, nunca folheados.

A mão volta vazia para se enfiar no vazio atrás da fileira de livros, procurando nesse espaço de sobra alguma coisa. Uma procura inútil, não há nada lá.

Gil cabisbaixo entre os braços apoiados na estante, a cabeça, a luz da lanterna mostra sua decepção. Mas o que está abaixo renova o interesse de Gil, e ele aponta a lanterna para lá.

A estante, que a luz da lanterna mostra revestida de pátina branca, é também um balcão num nível inferior.

Agachado diante do balcão, um Gil hesitante.

No meio do balcão há como um armário de dupla portinhola, unidas por dobradiças e que se abre verticalmente, a parte da frente junto com a de cima, vazando o balcão ao meio. É o que Gil faz, apontando a lanterna para o balcão vazado ao meio.

Dentro do balcão, um aparelho de som com design moderno, com o toca-CD na vertical.

Gil faz despencar novamente sua cabeça e a meneia, inconformado.

**INT. APÊ DE NARA, SALA - NOITE (FLASHBACK, 1980)**

O VINIL "FALSO BRILHANTE" de Elis Regina é retirado da capa e colocado num toca-discos que se encontra no mesmo lugar vazado, no balcão da estante. Mas esta tem agora um tom escuro de madeira de lei, talvez a cor original dessa estante.

O braço com a agulha na borda do disco que gira sem parar, iniciando a MÚSICA "COMO NOSSOS PAIS".

É Gil, agachado, quem fez toda essa operação. E ele fica ali apreciando a música. Ou melhor, ele avalia a letra, com cara de quem aprova um verso, um talvez para um outro, de desaprovação para o seguinte e assim por diante.

Até ele se erguer, dar uns passos de dança e se atirar num sofá no meio da sala e perpendicular à estante, um Gil muito à vontade, de camiseta, cueca samba-canção e pés descalços.

O sofá tem sobre o encosto tecidos coloridos que mal escondem o puído desse móvel. Gil, deitado nele, abraça duas almofadas não menos velhas e chamativas.

Gil fecha os olhos para se concentrar na música. Ao fechá-los, o volume de "Como Nossos Pais" SOBE.

O MESMO PLANO da mão de Gil percorrendo a fileira de livros da cena anterior, mas é a vez de uma MÃO FEMININA, com os pulsos repletos de pulseiras e dedos cheios de anéis, fazer isso. E a mão pára no meio da fileira, de livros agora bem manuseados. Ela retira um par deles e, agora sim, aquilo que está no vão detrás, um outro livro, um pequeno livro também esgarçado pelo uso.

(CONTINUA)

CONTINUA:

Nas mãos dessa mulher, na capa, lê-se: "LENINE - QUE HACER?"

É Nara quem manuseia o livro. Ela veste uma bata indiana com detalhes tão coloridos quanto os panos que forram o sofá. Além da fatura de pulseiras e anéis, Nara tem um rolo de colares de miçangas no pescoço e um não menos chamativo par de brincos nas orelhas, tudo tipicamente hippie.

Gil, deitado no sofá e com as almofadas entre os braços, embala suavemente a cabeça ao ritmo da música.

NARA (OS)  
(audível)  
Isso ainda é perigoso?

GIL  
(espreguiçando-se)  
O quê?

Nara mostra a capa do livro para Gil.

Os olhos de Gil se abrem e o volume de "Como Nossos Pais" DESCE, como se a música estivesse apenas dentro da cabeça dele.

E Gil ergue-se um pouco para ver a capa do livro.

GIL (CONT)  
Hum, é, ainda. Por algum tempo. Mas acho que não muito.

Nara começa a folhear o livro. Gil se reacomoda no sofá.

GIL (CONT)  
(para o teto)  
Daqui uns anos, se essa tal conjuntura se firmar mesmo, o perigo vai ser ele parar num desses sebos da vida. E ficar lá, mofando, eternidade afora.  
(para si)  
Humpf, porque acabou virando motivo de mofa, isso sim.  
(ergue a cabeça, para Nara)  
Perigosa mesmo, tirando o caráter piegas e meio duvidoso da letra...  
(desejoso)  
... é a voz dessa mulher, ouve só.

Nara atira o livro no sofá, sorri e vai até o companheiro.

NARA  
Ah, não fala assim... meu revolucionário.

Gil, com os braços ainda se protegendo do livro atirado, é erguido pelas mãos de Nara. E o casal um momento assim, em pé, os corpos colados.

(CONTINUA)



CONTINUA: (2)

Os dois se beijam, no pescoço, nas faces, na boca. Primeiro com carinho, depois ardentemente.

As mãos de Gil na cintura da companheira levantam a bata, fazem-na sair pelo pescoço de Nara e a lança para longe.

Não tão longe. A bata cai sobre o livro do Lênin, no chão.

FUSÃO PARA:

MÚSICA, "TATUAGEM (TATTO)", em volume ambiente.

**INT. APÊ DE NARA, SALA - MAIS TARDE (FLASHBACK)**

POV DESCONHECIDO

Do chão, de onde está a bata, a Subjetiva segue a trilha das roupas do casal e das bijuterias de Nara jogadas por ali. Passa ao largo de um violão folk encostado numa parede, cheio de adesivos, inclusive o SÍMBOLO do "Peace and Love", e fitinhas de várias cores no braço pequeno, atravessa um pequeno corredor e --

**INT. APÊ DE NARA, SUÍTE**

A Subjetiva pára sobre os pés do casal deitado na cama, ou melhor, num gordo colchão separado do solo apenas por tapetes de um tecido rústico e colorido.

VOLTA À CENA

Os pares de pés, descobertos pelo lençol e entrelaçados, brincam de se confundirem um no outro.

GIL

(evitando e rindo)

Pára. Aí, não, não me toca aí, eu não agüento.

NARA

Arrá, finalmente um ponto fraco. É minha chance! Agora vou descobrir tudo, o passado desse homem, quem realmente ele é...

GIL

Quer saber o quê? Das minhas andanças, dos meus... pecados?

NARA

Quero saber... é dessa sua história com certas mulheres. Diz aí, por esse tesão todo pelas cantoras, hein? Vai, fala.

GIL

Aí, não, Nara!

INSERT - TOCA-DISCOS NA SALA

(CONTINUA)

CONTINUA:

FINDA "Tatuagem", os giros do vinil fazem o braço do toca-discos correr rápido até o centro. Mas o toca-discos é automático, e o braço retorna para a primeira MÚSICA, "Como Nossos Pais".

VOLTA À CENA

GIL (CONT)

Assim vai furar o disco. Quantas vezes  
tocou, desde que deixamos a sala?

NARA

Perdi a conta... Arrá, outro flanco  
aberto, atacar!

GIL

(rindo)

Já avisei que aí não...

(um riso dolorido)

Eu me rendo, Ná, eu me rendo, eu conto  
tudo!

NARA

Tudinho?

GIL

(acalmando-se)

Tudinho.

NARA

Tudo?

GIL

(pausa, sério)

Tudo.

O casal sob o lençol. As costas nuas de Gil esconde o corpo de Nara, que tem um dos braços envolto nele. Mas Gil, cabisbaixo, dá visão a um rosto preocupado de Nara, e ela retira sutilmente o braço em torno do companheiro.

GIL (CONT)

(baixinho)

Eu me rendo.

Gil afasta o lençol e senta-se à borda do colchão, o casal desaninhado.

NARA

Gil?

Cuidadosa, Nara se reaproxima e lhe abraça por trás.

GIL

Não é nada.

As mãos de Nara acariciam as costas de Gil, dos ombros até logo abaixo, onde há alguns vergões, cicatrizes antigas, e duas

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

marcas, arredondadas, cicatrizes de tiros de arma de fogo. Nara detém os dedos numa delas, roçando essa marca.

NARA

É isso?

As costas de Gil SAEM, deixam as mãos de Nara suspensas, desamparadas.

POV DE NARA

Gil vai até o banheiro, acende a luz e fica diante do espelho.

O banheiro é agora todo de azulejos brancos. O espelho, um simples gabinete retangular. A pia, de louça também branca e antiga, com uma coluna até o chão. E este, forrado de pequenos ladrilhos em forma de polígono, de um vermelho bem escuro.

GIL

(de costas)

A história de sempre, não vale a pena.

VOLTA À CENA

Nara expira forte pela boca, como num desabafo.

NARA

(para si)

A história de sempre.

(para Gil)

Os tempos são outros, Gil.

NO BANHEIRO

Diante do espelho, Gil um pouco indignado ao ouvir isso. E vira-se para Nara.

GIL

Humpf, pois é, a velha história, a história de sempre... da história. Ela agora se repetindo como farsa, é isso?

NARA (OS)

E todo mundo voltou do exílio pra quê?

Gil de novo para o espelho.

POV DE GIL

Lá, refletidos, seu rosto indignado e, ao fundo, Nara no colchão.

NARA (CONT)

Pros novos tempos, Gil, pro tempo das urnas.

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

GIL

Ó, sim, todos voltaram... pra isso,  
eleições, votos...

(vira-se para Nara)

Então, aos reformistas, às  
transformações pelas urnas, façamos  
votos.

NA SUÍTE

"Como Nossos Pais" SOBE gradativo, na repetição final do REFRÃO.

POV DE NARA

Gil dá as costas para Nara. Um momento assim e de novo frente à  
companheira.

GIL (CONT)

Mortuárias, Ná, urnas mortuárias. E  
dentro delas, cinzas, apenas cinzas.  
Mas de quem, Nara? De quem não  
sobreviveu, dos que tombaram? Cinzas  
dos mortos... ou dos vivos?

VOLTA À CENA

Às faces de Nara atingidas pela amargura dessas palavras.

O ECO da voz de Elis Regina na última palavra de "Como Nossos  
Pais" ENCERRA a música.

VOLTA PARA:

**INT. APÊ DE NARA, BANHEIRO**

Gil e seu reflexo no imenso espelho ILUMINADOS só pela lanterna,  
que é então DESLIGADA.

**INT. APÊ DE NARA, SALA - MOMENTOS DEPOIS**

ESCURIDÃO. O vão debaixo da porta é iluminado. O SOM de chaves  
destrancando a porta e Nara ENTRA, Nara com sua bolsa à tiracolo  
e pastas coladas ao peito. Ela acende a luz, tranca a porta,  
vira-se e um pequeno susto.

NARA

(mais para si)

Puta que o pariu.

Gil na poltrona, naquela mesma, e da mesma maneira de quando  
estava na escuridão.

A sala mudou muito, livrou-se de toda a rustiqueza e do colorido  
dos artefatos hippies que proporcionavam um clima aconchegante  
ao lugar, o atual estilo "clean" esfria o ambiente. Tanto mais  
que o revestimento do sofá, que é outro, embora no mesmo lugar  
do antigo, é de curvim branco, combinando com a poltrona de onde  
Gil, agora, visa Nara.

(CONTINUA)

CONTINUA:

NARA (CONT)  
(séria)  
Você não mudou nada. Continua com os  
velhos hábitos, com essa porra toda,  
não é?

Ela vai até a estante, joga as pastas no balcão e atravessa  
diante de Gil.

NARA (CONT)  
Essa mania de espião... Ou  
persecutória, vai saber.

E larga a bolsa no sofá e refaz o caminho até a estante.

NARA (CONT)  
Mas sempre esse jeito besta de  
invad...

Gil se levanta e seu corpo impede Nara de chegar até a estante.  
Os corpos quase colados, os braços de Nara abertos, suspensos,  
evitando e não evitando envolvê-los em Gil.

GIL  
Sua mãe... Sinto muito.

Nara deixa-se levar pela tristeza, uma tristeza contida, mas  
ainda tristeza, e permite-se abraçar Gil delicadamente. E que  
Gil lhe abraça, também um abraço cauteloso, mas terno.

GIL (CONT)  
Por ela. Por todas vocês.

Ela de repente se afasta desse abraço, dando de costas uns  
passos temerosos para longe de Gil, que fica lá, os braços  
largados, sem entender direito essa atitude.

No rosto de Nara, uns olhos vermelhos, lágrimas prestes a cair,  
lágrimas que Nara contém com dificuldade. Mas há algo a mais  
contido nesse rosto, na recusa ao afeto de Gil, de não o querer  
ou não o poder.

Uma das mãos de Gil se fecha vagorosamente, abre e se fecha de  
novo, cerrando em punho.

#### **INT. QUARTO DO PESADELO**

MESMA FOTOGRAFIA da cena anterior desse quarto.

POV DO VULTO

O Velho de pijamas listrados dorme, seu corpo ainda deitado para  
outro lado da cama de casal. Ele acorda e, meio sonado, vira-se  
um pouco, nota a presença do Vulto à cabeceira.

Em sincronia, o SOM PESADO de uma cela fechando e o Vulto que se  
debruça rápido sobre o Velho, que arregala os olhos e tudo  
ESCURECE.

**INT. CASA DE PRAIA DE IRENE, SALA - NOITE (FLASHFORWARD)**

O VELÓRIO DE IRENE. O MESMO PLANO inicial, o caixão de Irene no meio da sala. Só que agora com Clara encostada no esquiife, em pé e de braços cruzados. Um deles, na altura do próprio rosto, desce vagarosamente até o corpo de Irene.

A mão de Clara hesita sobre uma das face de Irene. E lhe toca de leve. De novo os dedos suspensos, e outro toque vacilante. E a mão é recolhida.

POV DE IRENE

Clara com lágrimas nas faces, os braços na posição inicial, os dedos que tocaram Irene agora na própria boca. Trêmula, Clara segura um choro explícito.

FADE TO BLACK.

LEGENDA: A CADA UM SUA HORA E LUGAR

**INT. DELEGACIA, SALA DO DELEGADO - NOITE (ANOS ANTES)**

O tampo de uma mesa de madeira, antiga e muito gasta. E uma mão esmurra o meio dela.

VOZ AUTORITÁRIA (OS)

Porra, Viana!

Uma contração de susto no DOUTOR VIANA, 70 anos, cabelo e bigodinho grisalhos, um senhor com pinta de distinto. E na estica, terno impecável, gravata borboleta e tudo. No chão, sua maleta 007 de couro escuro e brilhante.

Detrás da mesa, o dono da voz autoritária é o DELEGADO RUDGE, 55 anos, barba por fazer, cabelos negros, enroladinhos e esparsos.

Frente a frente, o Dr. Viana e Rudge, um corpanzão de gordura em mangas de camisa encharcada de suores abaixo das axilas. Entre os dentes, um NACO DE CHARUTO apagado, que Rudge retira da boca.

DEL. RUDGE (CONT)

Essa já é a terceira, quarta, quinta vez? Quantas vezes, quantas vezes mais vou segurar tua barra, hein, Viana, me diz?!

DR. VIANA

(sem perder a pose)

A minha? Alto lá, Rudge, alto lá! E eu vou ter que lembrar a você, justamente para o senhor, das encrencas que andei te livrando?

Rudge se surpreende, a pergunta lhe desarma o ímpeto.

(CONTINUA)

CONTINUA:

DEL. RUDGE

Ó, barras... Então... está chegando a hora de desenterrar os mortos, Viana? Pra eles saírem passeando à tira-colo com os vivos? O doutor vai tratar de ressuscitá-los, vai?

No rosto de Viana, como uma tal expressão: "Se for preciso".

E Rudge deixa-se cair na cadeira giratória atrás da mesa.

DEL. RUDGE (CONT)

(mais para si)

Presunto aparecendo pra todo lado.

DR. VIANA

Não tergiverse, meu caro. Não é minha barra que você está segurando. Você sabe de quem. Dele. E você não tem toda ciência de tudo o que ele fez por nós?

DEL. RUDGE

(resignado, mais para si)

Sei, sei. De tudo e mais um pouco... dessa ciência toda aí. A ciência de um grande e suculento sanduíche de presunto.

DR. VIANA

E esta é sua retribuição? Cuspir no próprio prato? Negar justamente aquele que te alimentou duran...?

DEL. RUDGE

Certo, Viana, tá certo!

(suspiro, pausa)

Mas faço pelo Capitão, só por ele. Por você? Justamente para o senhor... não devo mais nada. Nada mais de trocar favorzinhos, ok? Estamos quites.

Rudge passa a mão na cabeça e aproxima o naco do charuto apagado perto dos olhos, um olhar estranhamente carinhoso.

Ele então abre uma gaveta da mesa, retira de lá uma CAIXINHA DE LATA, coloca o naco de charuto dentro da caixinha e esta na gaveta, fechando-a com força.

Em Viana outra contração de susto. Mas reforça sua pose, quer se mostrar inabalável.

DEL. RUDGE (CONT)

(irônico)

Entenda, Viana, é tempo de vacas magras, não tem mais costa quente sobrando por aí não. Agora é cada um por sua conta...

(MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

DEL. RUDGE (CONT)  
(advertindo)  
... é cada um salvando a própria pele,  
porra!

**INT. DELEGACIA, CORREDOR PRINCIPAL - MOMENTOS DEPOIS**

Um corredor largo e extenso, cujo fim perde-se ao fundo. Ao longo dele, portas com vidros foscos da metade para cima. Entre uma porta e outra, encostados na parede, bancos de madeira para uns cinco lugares.

Ao fundo, o Dr. Viana APARECE saindo de uma porta. Ao fechá-la, ele põe sua maleta 007 no chão e fica lá, com a cara na porta.

Viana diante a porta mais um momento. E se reanima, pega a maleta e começa a caminhar pelo corredor a passos firmes.

De frente, a CÂMERA segue as PERNAS de Viana, mas ganha rápido distância delas, até ter bem adiante alguém sentado sozinho num dos bancos de madeira.

Na parede, ao lado dessa pessoa, um quadro de avisos. Pregados aí, CARTAZES INFORMATIVOS, de criminosos procurados e de pessoas desaparecidas, crianças inclusive.

Essa pessoa sentada, difícil reconhecê-la. Ela tem constituição frágil, usa moletom, jeans e tênis. Mas o capuz do moletom impede seu reconhecimento.

O encapuzado atento à aproximação de Viana. As PERNAS de Viana cruzam por ele e o encapuzado fica mais um instante assim, a cabeça e o corpo prestes a saírem atrás de Viana.

De frente, a CÂMERA segue Viana busto cima. Ao fundo, a pessoa encapuzada enfim se levanta, dá um "sprint", alcança Viana e tira o capuz.

É Maiára, de CABELOS LONGOS e SEM o piercing no nariz, Maiára nesta aparência doravante. Quase agarrada a Viana, Maiára deixa-se levar ao ritmo dele. Mas Viana lhe ignora.

MAIÁRA  
Então, resolvido?  
(pausa, preocupada)  
Alguém deu queixa?  
(pausa)  
O Capitão não vai ser preso, vai?  
(pausa, mais preocupada)  
Vai?  
(pausa)  
Fala alguma coisa, Viana, não me deixa  
nessa aflição.  
(pausa)  
Pô, Viana, dá um tempo!

Maiára se solta de Viana, este SAI e a CÂMERA se detém, fica apenas na cara bufando de Maiára.

(CONTINUA)



CONTINUA:

MAIÁRA (CONT)  
(apenas os lábios)  
Ca-ce-te!

E no rosto dela a zanga é substituída por outra expressão, uma que interroga.

POV DE MAIÁRA

O corredor já na saída da delegacia, com um duplo portão, de engradados de ferro e vidros aberto, encostado na parede. Lá fora, um Dr. Viana de costas, imóvel, após o desnível de dois lances de longos degraus, sob um foco de iluminação noturna.

Maiára ENTRA na própria subjetiva, ao encontro de Viana, e detém-se na ponta do último degrau da --

**EXT. DELEGACIA, ÁREA DE ACESSO**

Viana de costas para Maiára, ela no degrau logo atrás.

A área de acesso consiste numa ruazinha asfaltada que corre lateral ao prédio, margeado atrás por um gramado com árvores esparsas e dois ou três postes de luz, apagados. Só há iluminação na fachada da delegacia.

Viana põe a maleta 007 no chão e suspira. Ele então desabotoa o paletó, tira a gravata borboleta, folga o colarinho, guarda a gravata num dos bolsos internos do paletó, coloca as mãos na cintura afastando para trás cada um dos lados do paletó, abre um pouco as pernas e começa a mover o pescoço em círculos, naquele movimento de estender e relaxar os músculos, até ter sua cabeça solta, caída, relaxada.

POV DE MAIÁRA

Viana, qual um compasso, um dos pés fixos no chão, dá um giro de corpo e fica frente a frente com Maiára, ele mantém as mãos na cintura e a cabeça baixa, meio de lado.

VOLTA À CENA

É a vez dos músculos sob o bigodinho serem exercitados, Viana começa a mexer-lhes num certo ritmo e pára. E ergue meio olhar.

Maiára abre um sorriso enorme, confirma que esse doutor obteve sucesso ao advogar pelos interesses do Capitão.

FUSÃO PARA:

**EXT. CASA DE CIDADE DE IRENE, RUA DA FRENTE - MAIS TARDE**

A casa, numa rua residencial tranqüila, é um sobrado classe-média de 40 anos atrás, com uma grande janela no andar de cima e ladeada, à direita, por um espaço de garagem descoberta. Há um jardim de alguns metros até a porta da frente. Paralela à calçada, uma mureta com portões baixos.

(CONTINUA)

CONTINUA:

Na garagem, contígua ao jardim, o modelo R/T de um DODGE CHARGER bege claro de finais dos anos 70, conservadíssimo.

Um carro ENTRA, estaciona em frente ao sobrado. Dr. Viana ao volante, deste que é um modelo importado de algum SEDAN LUXUOSO atual. Ele desliga o motor e coloca braço e rosto para fora.

Maiára, no assento do carona, faz o mesmo, mas em direção ao sobrado. E lhe chama a atenção alguém que caminha pela calçada, que se aproxima pela frente do carro.

As PERNAS de uma mulher de saias, que passeia com um CHIUÁUA pela coleira. A poucos passos de Maiára, a DONA DO CHIUÁUA diminui o ritmo do passeio.

O Chiuáua, com a folga na coleira, pronto para fazer xixi na mureta da casa de Irene. Mas a coleira é prontamente esticada.

DONA DO CHIUÁUA  
(bronquinha)  
Eu já lhe avisei, Bob.

A mulher hesita ao cruzar com Maiára, mas aperta o passo.

DONA DO CHIUÁUA (CONT)  
Fazer suas coisinhas aqui é  
expressamente proibido. Vamos, vamos.

E o cachorrinho, mesmo no sufoco de ser arrastado, encontra fôlego para latir contra Maiára.

**INT. CARRO DO DR. VIANA**

Maiára e o Dr. Viana olham juntos o para-brisa traseiro, a direção que a Dona do Chiuáua tomou, enquanto os LATIDOS se perdem na distância. E os dois encontram os olhares.

POV DO DR. VIANA

Maiára abaixa a cabeça, faz uma cara de dar pena.

POV DE MAIÁRA

O Dr. Viana primeiro com um sorriso desconfiado, depois passa a ter para Maiára um aspecto grave.

VOLTA À CENA

DR. VIANA  
Olha, o Rudge... o delegado Rudge e eu, somos velhos amigos. E e é uma amizade tão antiga, tão antiga que, mesmo quando as formalidades são deixadas de lado, isso pouco abala a confiança mútua desses anos todos. Mas não pense, Maiára, nem por um milésimo de segundo, que não haja fronteiras entre nós que um dia não  
(MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA:

DR. VIANA (CONT)

possam ser ultrapassadas. Um dia desses e, num piscar de olhos, lá se vão os muros. E com os muros, todo um castelo de cartas.

(suspira, para si)

Ah, e esse dia que parece estar chegando...

(para Maiára)

Para o bem e para o mal.

(pausa)

Preste atenção, Maiára: e este dia, ele está próximo de chegar, mais próximo do que nunca esteve.

Maiára, inibida mas alerta, balança a cabeça compreendendo. E com a cabeça ainda balançando assim, ela abre a porta do carro. Já com um pé para fora, o Dr. Viana põe a mão no ombro dela.

DR. VIANA (CONT)

Minha criança... É um absurdo, tudo isso é um grande absurdo. Por que vocês não internam logo o homem?

E ela, devagar, se reacomoda no banco do carro.

DR. VIANA (CONT)

O que o Capitão precisa é... é de um bom tratamento, com terapias que o mantenha, hum, ocupado. E alguém para ouvi-lo e... e compreendê-lo. Mas que seja um especialista ou... Meu Jesus, até eletrochoque, se não houver mais jeito!

MAIÁRA

E eu não sei disso tudo, Viana? Pô, eu me formei e estou me especializando pra quê? Pra entender tudo isso, pra tentar dar conta dessa situação...

(mais para si, balbuciando)

Quer dizer, não escolhi essa carreira por causa do Capitão. Não, não foi só por causa dele...

(para Viana)

Mas eu estou tentando! Eu reviro tudo que é livro, paper, dissertação, periódico... Eu me tornei um rato de biblioteca! E tenho cadeira cativa em tudo que é conferência, congresso e... E pra quê? Pra tentar encontrar uma solução ao menos, hum, viável, Viana. Mas...

Maiára se abate.

DR. VIANA

(suspiro)

Irene eu até compreendo. A idade.

(MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

DR. VIANA (CONT)

Outra cabeça, outros valores. E pra ela agora reunir forças para uma decisão mais radical? Impossível. Mas e vocês? Eu conheço vocês desde o berço. E hoje? Hoje vocês são mulheres feitas, mulheres instruídas e... E mais do que instruídas. Vocês não são bobas, vocês são, são... perspicazes!  
(para si, surpreso de si)  
Isso, essa é a palavra, perspicácia.

MAIÁRA

(cabisbaixa)  
Agudeza de espírito.  
(ergue a cabeça, sorri)  
Na definição do dicionário.  
(pausa, abatida)  
Ninguém tem coragem, Viana.

DR. VIANA

De dobrar o Capitão? De convencê-lo?

Maiára olha para o sobrado.

MAIÁRA

A nós, de convencer a nós mesmas. Há alguma coisa... estranha. Uma força...  
(para Viana)  
É como uma força. Invisível, mas... tão, tão poderosa, que nos impede... de enfrentá-lo. E não conseguimos, Viana. Simplesmente, não conseguimos.

E ela sai em disparada, deixando a porta do carro aberta e Viana com o braço estendido.

POV DE VIANA

O portãozinho da frente também aberto e Maiára estática, a meio caminho da porta de entrada da casa. Ela olha para jardim, próximo a seus pés.

**EXT. CASA DE CIDADE DE IRENE, JARDIM**

Um bom trecho do jardim pisoteado, flores arrancadas e, um pouco mais além, um vaso de gesso em pedaços, expondo as raízes de um pequeno pé de JASMIM também mutilado.

INSERT - POV DE ALGUÉM NA JANELA

As cortinas são abertas e revelam Maiára lá embaixo. Do jardim, ela passa a trocar olhares com o ponto de vista. Após um momento, Maiára retoma a direção da entrada casa e SAI. E as cortinas são fechadas com algum vigor.

**INT. CASA DE CIDADE DE IRENE, SALA**

Maiára fechando a porta de entrada, mas deixa uma fresta. Ela então encosta a cabeça na quina da porta, como se pretendesse espreitar alguma coisa através da abertura.

Lá fora, o MOTOR do carro de Viana sendo ligado e partindo. Só então Maiára fecha e tranca a porta.

Ali dentro, DIÁLOGOS em língua estrangeira, talvez espanhol, mas naquele timbre característico de alto-falantes de rádio ou TV.

Com a mão na maçaneta, mas com a cabeça para trás, Maiára como se buscasse compreender esses diálogos não nativos.

Maiára então avança devagar sala adentro, e pára. À esquerda dela, o lance de escadas para o andar superior. Mais um, dois, três passos adiante, e pára novamente.

**POV DE MAIÁRA**

As costas de um sofá. Nele, sentado, um homem velho, que assiste TV e come alguma coisa com a mão, petiscando, vestido com o que parece ser um pijama.

**VOLTA À CENA**

É o CAPITÃO, sentado diante do aparelho de TV e vendo um filme falado, realmente, em ESPANHOL.

**POV DA TV**

O Capitão do pescoço para baixo, de pijama de LISTRAS VERTICAIS. Ele belisca de um pacote de salgadinhos meio punhado deles e deixa cair no colo e no sofá outro tanto. Ao lado dele, sobre um banquinho, uma garrafa e um copo com três dedos de cerveja.

**VOLTA À CENA**

Ao que passa na TV, exatamente a cena de "A HISTÓRIA OFICIAL", filme do argentino Luis Puenzo, em que o torturador, ao discutir com a esposa, perde a compostura e revive seu antigo "ofício", pois bate a cabeça da esposa na parede e prensa a mão dela ao fechar uma porta.

Maiára, ao ver a cena na TV, boquiaberta, de olhos arregalados e sem fôlego. Mas de vacilante a afobada, ela ruma para as escadas e sobe para o --

**INT. CASA DE CIDADE DE IRENE, QUARTO**

Maiára, de afobada a vacilante, detém-se sob o batente da porta aberta. O quarto está parcialmente iluminado.

**POV DE MAIÁRA**

(CONTINUA)

CONTINUA:

Clara logo à frente, sentada na borda lateral da cama de casal, onde Irene, coberta, encontra-se deitada. Atrás de Clara, numa mesa de cabeceira, um abajur, com uma lâmpada fraca acesa.

Clara procura esconder seu rosto úmido e entristecido, enquanto dá repouso com as mãos à mão direita de Irene.

À direita, Nara em pé, as costas para as cortinas fechadas da janela, cabisbaixa. No canto da parede, à esquerda de Nara, um ABAJUR DE PEDESTAL e uma poltrona.

Nara ergue o olhar para Maiára, um olhar que, embora à penumbra, mostra-se seco, e expõe uma revolta a duras penas reprimida. E Nara olha para onde se encontra Irene.

MÚSICA "TREM AZUL" instrumental, ao piano de André Mehmari.

POV DE IRENE

Maiára em passos lentos até os pés da cama, com o olhar fixo, de suspense, para a mãe.

POV DE MAIÁRA

Mas Irene dorme em sono profundo, com a cabeça no travesseiro virada para o lado da janela. E há um acréscimo de luz.

A mão de Nara após ligar a luz do abajur de pedestal.

E torna-se nítido na sobrelha de Irene um curativo. O ponto de vista então desce pelo braço esquerdo de Irene, que está sobre as cobertas, e chega a um dano nada discreto, e melhor iluminado, na mão da velha senhora, a mão completamente enfaixada. O quarto de Irene é o QUARTO DO PESADELO de Nara.

FUSÃO PARA:

**EXT. PARQUE IBIRAPUERA, RUA INTERNA - DIA (DIAS DEPOIS)**

O céu de um azul puríssimo. Uma pipa ENTRA e estabiliza. Uma embicada e a pipa desce, SAI e ENTRA, iniciando uma espécie de dança, com embicadinhas de lá para cá.

A mão de uma criança segura uma linha esticada para o alto, e dá nela um puxão rápido para trás. Mais dois puxões e linha afrouxa e ficar novamente tensa.

No céu, uma segunda pipa cruza rápido e SAI, mas a linha mantém-se sobre a da primeira pipa. E a linha desta se rompe, a pipa flutua e cai suavemente.

Ao fundo, essa criança é a MENINA EMPINADORA, com seu carretel de linha no chão. Imóvel, ela apenas acompanha o planar da queda. A Empinadora vira-se para um menino, o DESAFIANTE, que, algo distante dela, empina sua pipa tranqüilo e impunemente.

Alguém CANTAROLA a melodia, sobrepondo-se à própria música, "Trem Azul".

(CONTINUA)

CONTINUA:

De costas, o cabeção de alguém ENTRA, com as crianças ao fundo. A Empinadora dá um pulinho de desabafo.

É o cabeção de Nara, Nara é quem CANTAROLA a melodia de "Trem Azul". Ela deixa as crianças, retomando seu caminho nessa rua interna do parque.

Nara a passos também impunes e tranqüilos. Mas ela está muito suada, e veste alguma coisa que se passa por um uniforme de ginástica, talvez um pijama velho.

POV DE NARA

Essa rua interna termina, ao fundo, numa outra na qual duas mulheres, num jogging cadenciado, atravessam lado a lado. O ponto de vista as acompanha.

VOLTA À CENA

Nara CESSA o cantarolar, parece reconhecer as duas mulheres. Ela toma fôlego e corre atrás delas.

Clara e Maiára são as mulheres, as duas realmente com trajés adequados para a prática do jogging. Nara, ao fundo, chegando para postar-se no meio das duas. Chega, mas mal e mal no ritmo das irmãs, que têm uma postura de corrida impecável.

Mal e mal significa a visível indisposição de Nara de estar onde está, e que será vez ou outra compensada com um jeito irônico, cambaleante, de correr.

CLARA  
(enviesada)  
Ô, sumida.

NARA  
Peguei um atalho.

CLARA  
Pra não morrer de cansaço?

NARA  
(pausa, baixinho)  
Buceta.  
(firme)  
Se isso for pretexto pra uma reunião de família, por favor, eu im-plo-ro!  
Da próxima vez, na mesa de um bar, ok?

CLARA  
Humpf, nem morta!  
(pausa)  
Num restaurante pode até ser. E nem precisa um assim tão conceituado. Mas aí sem exageros, nada de tentações, que minha auto-estima já anda lá no vermelho.

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

NARA

Ledo engano. E eu que pensei que alguém aqui fosse dar com a língua nos dentes.

Nara dá uma de suas cambaleadas e fica um pouco atrás das irmãs.

CLARA

Que horror, Nara! Com esse corpinho de primeira e já nas últimas? Não entrega os pontos não, mulher, vamos, aperta o passo.

(pausa)

E pára com essa conversa de pretexto, que eu já vi que isso sim é desculpa pra... pra você ficar aí atrás. E chega de cortar caminho! Não tem como desistir não, vamos fazer todo o percurso, até o final.

(pausa, meditativa)

Sem bem que... essa história de reunião... de pretexto... de ficar atrás... até o fim...

NARA

Atrás não. Olha o pretexto aqui...  
(aponta para Maiára)  
... bem na minha frente.

Clara põe os olhos em Maiára, Nara se enfileira e faz o mesmo.

Maiára olha fixo para frente. E dá um sorrizinho.

MAIÁRA

É que eu sei. Eu sei que vocês estão tramando.

Nara tira os olhos de Maiára para Clara, que tira os olhos de Nara e Maiára para seu lado direito, para ninguém. Clara, vendo que não há ninguém ali para ver, volta a olhar Nara, ergue um pouco os braços e meneia a cabeça, como se dissesse: "Não sei do que ela está falando."

E as três SAEM, deixando ao fundo um bosque de árvores com cerradas copas, mas com uma clareira ao meio, por onde duas ou três mesas de piquenique se espalham.

MAIÁRA (OS, CONT)

Mas tramando o quê...

FIM de "Trem Azul".

FUSÃO PARA:

**EXT. PARQUE IBIRAPUERA, ÁREA DE PIQUENIQUE - MAIS TARDE**

ZOOM-OUT lento do rosto grave de Maiára.

(CONTINUA)



CONTINUA:

MAIÁRA

... o que eu ainda não sei. Ainda. Que se alguma coisa aqui está sendo tramada, alguém aqui vai ter que me dar satisfação. Ah, vai!

Ao FINAL do ZOOM tem-se Nara e Clara frente à frente sentadas numa mesa de piquenique, com pratos de papel e copos de plástico vazios indicando uma rápida refeição concluída. Maiára encabeça a mesa e espera. Em vão. As outra irmãs apenas se remexem, como se nada devessem à caçula.

MAIÁRA (CONT)

E Irene? Dona Irene tem alguma coisa a ver com isso? Pois se tem vou soltar os cachorros!

(mais para si)

Não, nela não. Coitada, ela nem seria capaz.

À Nara, não é natural manter-se tanto tempo em silêncio, o incômodo de só ficar ouvindo lhe aflige.

MAIÁRA (CONT)

Mas em vocês? Ah, em vocês eu espumo de raiva, sem pensar! Vocês têm histórico, vocês sempre foram as grandes responsáveis por toda decisão insana na vida dessa família, sempre. E corto uma orelha fora se desta vez...

NARA

Pérai, pérai. Você acha mesmo que iríamos fazer alguma coisa sem te consultar? Bu-ce-ta!

Nara se mostra dramaticamente aliviada.

NARA (CONT)

Aliás, de acordo com você mesma, não é também do histórico dessa família que nada dela se esconde com facilidade? Que nada fica debaixo do tapete, nunca? Maiára, põe essa merda de cacholinha pra funcionar!

(tenta se controlar)

E você vai ver como é fudido pra nós ter pra toda vida a mentira que for.

MAIÁRA

(desconfiada)

Como assim, pra toda vida?

CLARA

Meninas, meninas, mantenham a calma. Não há drama a fazer, ainda não aconteceu nada, nada foi feito.

(MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

CLARA (CONT)

(para Nara)

E que modos de falar, hein? Esse linguajar não ajuda.

MAIÁRA

Ainda não aconteceu? Mas acontecer o quê? Ah, se eu não fosse apertar o Gil...

NARA

(surpresa)

O Gil? Você procurou o Gil?

MAIÁRA

Procurei, e daí?

Nara enterra a cabeça quase debaixo da mesa, sob os braços.

CLARA

Ah, o pretexto, lá atrás... o Gil.

(para Maiára)

E o que o Gil disse a você?

NARA

(para si, indignada)

Ela foi falar com o Gil.

MAIÁRA

Nada, Clarinha, não arranquei nada dele. Você sabe o sabão que é o Gil. Dá até ódio.

Nara estica os braços e começa a cadenciar leves cabeçadas em cima da mesa.

NARA

(ainda)

Ela teve a pachorra de procurar o Gil.

MAIÁRA

Ah, mas torrei tanto o saco dele, tanto... E de tanto ele desconversar, um pouco de lógica e acabei cismando.

CLARA

Mas... mas com quê, cismou com quê?

Nara cessa as cabeçadas e volta a se esconder sob os braços, agora a fim de, às escondidas, ficar atenta à resposta.

MAIÁRA

Como com quê, Clara! Pôxa, depois do Capitão ter aprontado de novo, depois daquele escarcéu na vizinhança... Depois daquele dia, eu...

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

Maiára perde a vontade de dizer o que iria dizer. E Nara e Clara se desfazem de maneira bem discreta de suas preocupações. Nara recomeça as cabeçadas, e Clara busca algo na memória.

CLARA

O Viana. Meu santo Deus, o Viana! Ah, que Deus jamais nos livre do Viana, um santo homem.

(mais para si)

Hum, mas aquela loira que acompanhava ele lá no...

(para Nara)

Como se chama mesmo aquela boate, Ná?

NARA

(ainda)

A pachorra, a pachorra...

CLARA

Humpf, que lugarzinho pro Roberto me arrastar. Mas pior mesmo foi pra esposa do Viana, ela que acabou levando a pior, foi de dar pena. Aposto que a esposa do Viana nem desconfia do que acontece entre o marido e aquela loira lá, daquele... inferninho. Humpf, santo homem nada!

MAIÁRA

Deixa a vida pessoal do homem em paz, Clara!

NARA

(ainda)

A pachorra...

MAIÁRA

(para Nara)

E você quer parar de repetir pachorra, pachorra e pachorra?! O correto é dizer que eu fui travessa, e não pachorrenta.

Nara desaninha a cabeça e apóia as mãos na beirada da mesa, como se fosse dar um impulso sobre Maiára. As duas se encaram feio.

NARA

Ah, mas aquela filha-da-putice do Capitão não foi nada, nada perto de... Você já pensou como vai ser da próxima vez, já pensou? Porque se vai ou não haver uma próxima vez, isso está fora de questão. Vai acontecer de novo, é inevitável. E quando acontecer, hein? Pensa. Mas pensa no pior, garota, porque nossa mãe... Nossa mãe já tá no limite, Maiá, ela não demonstra mas eu sei, eu conheço o limite dela. E

(MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA: (4)

NARA (CONT)  
 quando acontecer...  
 (reacomoda-se, irônica)  
 ... te garanto que em nenhum livro  
 daquela sua vasta biblioteca você vai  
 encontrar uma, sequer uma definição  
 que dê conta de explicar o inevitável  
 estado de corpo e alma que nossa mãe  
 vai ficar!

MAIÁRA  
 (evasiva)  
 Me poupe, Nara, nada a ver. Você está  
 colocando tudo... no mesmo saco.

CLARA  
 Meninas, por favor, isso está ficando  
 além da minha compreensão. Eu já estou  
 me sentindo excluída! Eu sei que não  
 sou nada especial, talvez por ser a  
 irmã do meio... Bom, pelo menos fui a  
 única que arrumou casamento.  
 (mais para si)  
 Ainda que nem mamãe tenha aprovado.

NARA  
 Não comece, Clara.

MAIÁRA  
 (para Clara)  
 E você? Você não está pactuando com  
 isso, que eu ainda nem sei o que é,  
 mas... Então, está?

Amuada, Clara evita olhar diretamente para Maiára.

MAIÁRA (CONT)  
 Isso, se faça de sonsa. Que a dondoca  
 da senhora é muito da espertinha, que  
 eu sei.

No rosto de Clara, o amuado passa a exprimir um desgosto maior,  
 e Maiára se compadece.

MAIÁRA (CONT)  
 (suspiro, terna)  
 Ah, Clarinha, me desculpa. Olha, na  
 verdade, você não é assim. Por trás  
 dessa máscara de futilidade... Quero  
 dizer, é só uma máscara, não passa  
 disso, mas... por trás dela você tem,  
 você tem caráter! E uma put...

A palavra fica engasgada.

MAIÁRA (CONT)  
 ... uma puta generosidade. Pô, que põe  
 no chinelo eu e Nara juntas, estas,  
 estas prostitutas da erudição aqui.  
 (MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA: (5)

MAIÁRA (CONT)  
(pausa, solícita)  
Clarinha?

CLARA  
(embargada)  
Você não imagina a missa, Maiá, nem um bocadinho dela. Por algum motivo, o Capitão é amável com você. Talvez seu jeitinho de falar, de lidar com ele. Mas nós também tratamos ele bem, com respeito, com toda consideração. E ele não retribui. E eu não entendo por que ele não retribui. E aí dá aqueles troços nele e ele... E aí é na mamãe que ele desconta?

Nara pega carona no sentimentalismo que tomou Clara e Maiára.

NARA  
(para Maiára, amável)  
Nem o terço da missa você sabe. E você não sabe porque... porque você está completamente cega pelo caso Capitão. Maiá, nossa família não é um laboratório, nem o Capitão uma cobaia.  
(perde o tom amável)  
Mas quando a coisa pega, quando pega pra valer, você... você sempre arranja um jeitinho, de safar o Capitão e de se safar. E justamente quando todas nós e Irene, principalmente Irene, estamos sofrendo!  
(se acalma)  
Mesmo que você olhe tudo de longe, nessa... distância segura, nessa coisa que vocês chamam de, de neutralidade, mesmo assim, Maiá, a dor não deixa de existir.

Nara põe carinhosamente sua mão sobre a de Maiára.

NARA (CONT)  
(solícita)  
Maninha?

Maiára já com uns olhos avermelhados.

MAIÁRA  
(embargada)  
E você acha que eu sou cega? Ou será que eu não posso estar só fingindo que sou?  
(para as duas)  
Vocês acham que lá no fundo eu não sinto o que vocês dizem que eu não vejo? Fingir que eu não sinto? Não, nem pra mim mesma.  
(uma lágrima escorre)  
(MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA: (6)

MAIÁRA (CONT)

Porque eu não estou cega. Eu vejo. E não consigo deixar de sentir.

Clara coloca as mãos sobre a de Maiára, a mão que ainda está desamparada.

CLARA

Ó, minha querida, você não precisa mais fingir que não está sofrendo, nem pra nós, nem pra ninguém.

NARA

Ninguém precisa, Maiá, ninguém precisa viver o que nós estamos vivendo.

Maiára engole o princípio de choro e retira cuidadosamente ambas as mãos debaixo das de Nara e Clara.

MAIÁRA

(altiva, para as duas)

Mas ele não é nosso Capitão. Ele é nosso pai!

E as irmãs mais velhas passam a exprimir, cada uma a seu modo, a dificuldade de Maiára ser vencida.

MAIÁRA (CONT)

E nem sei o que é mais patético, não chamar ele assim ou, ou insistir nessa coisa ridícula de Capitão. Pô, ele subiu de patente quando eu ainda era criança, e quase chegou a ser o tal antes de, antes dele ser...

(constrangida)

... hã, afastado.

Nara e Clara evitam olhar para a caçula. Faz-se um silêncio prolongado.

MAIÁRA (CONT)

E se fizermos o que vocês estão tramando, que eu nem sei o que é... vocês realmente acham que vamos deixar de sentir, e não reviver isso todo o santo dia...

(o indicador na têmpora)

... aqui? Nunca, nunca.

Um pequeno alvoroço atrás chama a atenção das três. Maiára olha para lá, Nara também, já se levantando.

Uma FAMÍLIA, pais e três crianças, em volta de uma outra mesa piquenique não muito distante, preparam-se para uma refeição.

NARA (OS)

Só lhe pedimos então uma coisa.

(CONTINUA)

CONTINUA: (7)

Maiára retorna sua atenção à Nara. Como dá com as pernas dela, só no instante seguinte Maiára olha para cima.

POV DE MAIÁRA

Nara mais alta do que seria o normal.

NARA (CONT)  
Não nos impeça.

E ela cruza os braços e volta-se para a mesa detrás.

VOLTA À CENA

Em Clara, Clara cabisbaixa, perdida em pensamentos, com o indicador roçando a própria têmpora.

FADE TO BLACK.

LEGENDA: A HISTÓRIA ASSOMBRADA

**INT. SHOPPING CENTER, ALAMEDA DE LOJAS - DIA (DIAS DEPOIS)**

A CÂMERA segue, cintura abaixo, alguém que carrega umas sacolas de lojas de roupas, uma mulher de saia rodada e meio-salto a passos largos, através das vitrines da alameda. Ela pára de repente, aprecia uma vitrine enquanto a ponta de um dos pés bate no chão, impaciente.

Ela retoma seu caminho e SAI, deixando a vitrine ali. Que é atravessada pela corredinha de outra pessoa. Os jeans cuja barra não chega a cobrir os tornozelos, a bolsa que pende quase no chão e os sapatinhos bico fino indicam ser também uma mulher, que parece perseguir a primeira.

A CÂMERA agora acompanha, também cintura abaixo, a mulher de jeans e sapatinhos bico fino. Ela diminui o ritmo da corredinha, coloca a bolsa no ombro e, quase parada, dá um novo "sprint" até, uma loja depois, esbarrar na mulher das sacolas e saia rodada, que examina a vitrine dessa loja depois.

Mas a mulher das sacolas nem se importa, ela vai para a loja seguinte e SAI. A mulher de jeans e sapatinhos bico fino larga a bolsa do ombro e fica com as pernas sem saber que direção tomar.

Nara é a mulher de jeans. Ela muito, mas muito impaciente.

NARA  
Decida de uma vez, Clara!

POV DE NARA

Clara, a mulher das sacolas e saia rodada, na loja vizinha, uma boutique de roupas finas. Ela se inclina diante a vitrine, mede de cima a baixo um conjunto de saia e blusa algo clássico que veste um manequim.

VOLTA À CENA

(CONTINUA)

CONTINUA:

Nara se aproxima calmamente da irmã.

CLARA

(para a vitrine)

Tsc, tsc, tsc, não é isso,  
definitivamente, decididamente. Ai,  
ai... Ainda falta um toque de, hum,  
glamour.

NARA

(já ao lado)

Mãe do céu. Ficar procurando glamour  
numa hora dessas.

CLARA

(para a vitrine)

Não sei. Talvez o material, rústico  
demais. O corte ainda vai, mas o  
tecido...

NARA

(na cabeça da irmã)

Toc, toc, toc. Tem alguém aí?

CLARA

(afasta a cabeça)

Que horror, Ná!

(medindo Nara)

Pudera, do jeito que você se veste...  
Siga-me.

Clara dá as costas à irmã e vai em direção a um átrio do Shopping, que é um ponto de bifurcação desta com as outras alamedas.

CLARA (CONT)

Que ainda encontro o que me agrade.

Nara um momento indecisa.

CLARA (OS, CONT)

E de hoje não passa!

Nara respira fundo, coloca a bolsa no ombro, dá outra corridinha e chega rápido em Clara, para caminharem juntas.

NARA

Um agrado. É disso que você está  
precisando?

(desdém)

Um agradinho?

(mais para si)

E numa hora dessas, que disparate.

CLARA

Disparate? Ora, ora... Raciocine  
comigo, Ná.

(MAIS)

(CONTINUA)



CONTINUA: (2)

CLARA (CONT)

(pausa)

Acabamos cometendo aquilo, não foi?

NARA

Aquilo?

Clara faz para a irmã uma careta enérgica, olhos bem abertos, bochechas cheias, lábios apertados, algo como: "Não se faça de desentendida." E Nara se intimida.

NARA (CONT)

(baixinho)

Sim, sim, aquilo.

CLARA

De caso pensado, muito bem pensado, certo?

NARA

Certo, certo.

CLARA

Com toda minúcia e pre... preme... ditação. Eles chamam isso assim, não é? Pre-me-di-ta-ção, não é?

NARA

É, é.

CLARA

E com requintes de crueldade.

E Nara, atônita, se coloca na frente de Clara, detém a irmã com as mãos nos ombros dela.

As duas já no espaço do átrio que, além de ser uma bifurcação, serve de acesso aos pisos do Shopping, através de lances de escada que circulam em torno de um largo fosso.

NARA

Você perdeu o juízo?!

(baixinho)

Não vê a dimensão disso tudo?

CLARA

Disparate? Eu vou te dizer o que é disparate.

(respira fundo, calma)

Disparate... é eu viver essa vidinha ordeira e tranqüila que eu vivo, cujo único propósito é cuidar de um belo dum maridinho fanfarrão e do par de pivetes maravilhosos que tive com ele.

(menos calma)

Todos os três um saco, de tão sufocadinhos pelos meus mimos. Culpa minha, admito, admito que exagerei. Enfim.

(MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

CLARA (CONT)

(toma fôlego, um pouco exaltada)

Disparate, dona Nara, é então eu ter jogado fora minha juventude... aquela lá, lá atrás, que hoje é só uma vaga lembrança... e também por culpa minha, também admito, pois troquei aquela minha juventude lá por um casamento de ocasião, sem um mínimo, o mínimo que fosse de magia. E fiz isso por quê? Fiz isso por que eu não nunca tive nada de importante nesta minha cabecinha de bagre? Um único sonho que prestasse?

A exaltação crescente de Clara começa a atrair os olhares dos freqüentadores do Shopping.

CLARA (CONT)

Nãaaaao, minha irmã, nãaaoo. Muito pelo contrário. Eu desperdicei minha juventude, aquela minha juventude lá, simplesmente porque eu era livre, livre e desimpedida para decidir meu próprio destino, livre o bastante para tomar a mais segura e... e estúpida das decisões!

Nara, já a um passo ou dois de Clara, vê-se dividida entre dar atenção à irmã e aos freqüentadores que passam encarando as duas com alguma reprimenda.

CLARA (CONT)

(novo fôlego)

E assim foi, e assim é, e assim será... até o fim dos meus dias! Eu nessa minha vidinha estúpida de esposa amável, mãe zelosa, filha indulgente e irmã... e irmã tapada e fútil!

Próxima das irmãs, destaca-se o aspecto grave de uma JOVEM CENSORA, que tem sua cabeça e pescoço envolvidos por um lenço colorido. Se muçulmana, uma muito consumista, pois essa jovem magricela, de jeans e tênis, carrega várias sacolas de compras.

CLARA (CONT)

Disparate, senhorita Nara, disparate é eu me fazer um agradinho?!

(a ponto de bala)

Siiiiim, sim senhora, eu vou me permitir, definitiva e decididamente, um agradinho! Pois você acha mesmo que eu não vou me permitir uma inocente e imaculada distração, isso que você chama disparate, depois...

(gritando)

... depois do que fizemos ao papai?!

(CONTINUA)

CONTINUA: (4)

As faces de Clara, tensas, congelam nesse grito.

Os bisbilhoteiros dispersam. Menos a Jovem Censora, que permanece ali, mas a uma distância segura.

E Clara tem um súbito relaxamento, fica meio zozna e leva as mãos à cabeça, a mão que está livre e a que segura as sacolas também, sem as largar.

Nara se aproxima. Ainda temerosa, envolve delicadamente os braços em torno de Clara e passa a conduzi-la pela alameda, retornam no mesmo caminho que as duas fizeram até chegar ali.

**INT. SHOPPING CENTER, ESCADARIA DO ÁTRIO**

ZOOM-OUT de Clara e Nara de costas lá embaixo, bem ou mal abraçadas, andando com vagar através da alameda, com a Jovem Censora indo na direção oposta.

ENTRAM as costas de um homem gordo junto à grade de proteção da escadaria. Algumas pessoas descem, passam atrás do gorducho e o gorducho vira-se para elas.

E o indefectível toco de charuto na boca do gorducho anuncia que ele é o Del. Rudge que, do grupo de pessoas descendo a escada, olha o chão, para os seus pés.

Uma BARATA no bico de um dos sapatos de Rudge, indecisa entre subir no sapato velho ou enfiar-se debaixo da sola. E nessa indecisão o bichinho é esmagado.

Um sorridente Del. Rudge.

DEL. RUDGE

Era só o que me faltava.

E ele volta a observar Nara e Clara.

POV DO DEL. RUDGE

As duas irmãs lá embaixo, imóveis. Nara tenta pegar as sacolas da irmã, e Clara que não deixa, que puxa as sacolas para si, contrariada. Mas se deixa envolver novamente e ser conduzida pelo braço de Nara através da alameda.

MÚSICA, "EVIDENCE", de Thelonious Monk, na versão gravada ao vivo em 1964.

O ponto de vista é DESFOCADO.

FUSÃO PARA:

**INT. DELEGACIA, SALA DO DELEGADO - DIA**

POV DESFOCADO

Folhas de papel que alguém segura. A de cima escrita à máquina.

(CONTINUA)

CONTINUA:

FOCO, e a 3X4 e o nome completo de Gil, GILBERTO LEMINSKI datilografado, tornam-se nítidos na folha acima, uma cópia xerox de uma ficha do Departamento de Ordem Política e Social, o mal-fadado DOPS.

A cópia da ficha do DOPS e a folha debaixo lado a lado. A debaixo é um duplo formulário contínuo, um Boletim de Ocorrência recente, no qual se consegue ler apenas o cabeçalho. O órgão que emitiu B.O., uma delegacia que integra o DHPP, Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoas, especializada em investigar pessoas desaparecidas.

VOLTA À CENA

A Subjetiva é a do Del. Rudge, que larga a ficha e o B.O. sobre sua carcomida mesa de madeira, para acender com fósforos o naco de charuto mantido preso nos dentes.

**EXT. CASA DE CIDADE DE IRENE, GARAGEM - MADRUGADA**

POV DE DENTRO DO PORTA-MALAS

Gil com o olhar fixo para o interior do porta-malas e uma das mãos na tampa, pronto para fechá-lo.

VOLTA À CENA

Do telhado da casa, o Dodge Charger, Gil e mais alguém uns metros atrás dele, ao fundo da casa. Gil fecha o porta-malas e vira-se para essa pessoa.

O rosto de Gil exprime-se de um modo estranho. Talvez algum tipo de compaixão.

POV DE GIL

Na penumbra, a silhueta de uma mulher vestida de preto. Nos pulsos, BABADOS de renda branca. As mãos fechadas uma dentro da outra, e nas quais se enrolam um ROSÁRIO de contas e crucifixo. Mãos que se apertam com força, mãos de IRENE.

POV DO CRUCIFIXO

Gil entra no carro e liga o motor.

A roda da frente do Dodge, de FIOS CROMADOS. E o carro se movimenta.

NA RUA DA FRENTE

O Dodge deixa a garagem, toma sua direita e SAI.

Ao sair, e expor a fachada do sobrado, vê-se no andar de cima que o quarto de Irene está aceso. A grande janela apenas com as cortinas fechadas, mas que balançam com a brisa.

**INT. EDIFÍCIO DE MAIÁRA, CORREDOR PAVIMENTO - NOITE**

O caminhar decidido de alguém de sapatos e calça sociais finíssimos e, à mão, uma maleta 007 de couro escuro e brilhante, até ele chegar numa porta do corredor e por sua maleta no chão.

Uma das mãos bate impaciente na porta. A outra, toca a campainha várias vezes.

POV DO IMPACIENTE

O olho mágico escurece, o morador destranca a porta.

Porta aberta, o morador é Maiára, que se mostra contrariada e interrogativa.

POV DE MAIÁRA

É o Dr. Viana à porta, um Viana de nervos à flor-da-pele mas controlados, a descontar uns TIQUES com a cabeça e o aspecto carrancudo. Viana, aliás, não perdeu sua preferência por gravatas borboletas.

**EXT. ZONA RURAL, COLINA**

NOITE AMERICANA. O Dodge Charger bem longe, avistado no topo dessa colina, que se encontra à beira de uma vasta planície. O carro se aproxima por uma longa e retilínea estrada de terra, levantando poeira.

**INT. DODGE EM MOVIMENTO**

Gil fumando ao volante. Não fosse pelo lume das tragadas do cigarro, pouco reconhecível.

**INT. APÊ DE MAIÁRA, SALA**

"Evidence" em SOM AMBIENTE.

Maiára, de pijaminha de seda, agachada ao lado do aparelho de som, com a cabeça ao ritmo do jazz e um dedo no botão que desliga o aparelho. Um momento no ritmo e Maiára aperta o botão.

CORTA "Evidence".

Viana sentado numa poltrona. A maleta 007 em seu colo trepida e trepida, como se os tiques de antes se transferissem para as pernas. Viana abre a maleta, não de todo, e fecha. Abre de novo, de novo fecha e os tiques recomeçam.

Maiára se abaixa para Viana, oferece a ele uma caneca com algum líquido quente. A trepidação da maleta cessa. Como Viana não se manifesta, Maiára coloca a caneca na quina da mesa de centro, uma mesa toda de vidro transparente, à mão do advogado.

Ela então dá a volta em torno da mesa para sentar-se no sofá, num canto dela, em diagonal à Viana, onde sua própria caneca, na quina oposta da mesa de centro, lhe aguarda.

(CONTINUA)

CONTINUA:

Sentada, Maiára pega a caneca e dá um gole e olha para Viana. Uma longa pausa.

MAIÁRA

Chá de camomila, Viana, pra relaxar.

Viana, arcado e espremendo a maleta 007 no colo, examina o conteúdo da caneca, sem tocá-la. Maiára então dobra os joelhos e junta as pernas sobre o sofá.

MAIÁRA (CONT)

O de sempre, Viana, não tenha medo. É só dar um primeiro gole e o resto desce que é uma...

DR. VIANA (OS)

Gilberto Leminski.

MAIÁRA

... beleza.

Maiára congela, com a caneca a uns centímetros de dar outro gole de chá. E ao SOM das presilhas da maleta 007 sendo abertas.

Na mesa de centro, o xerox da ficha do DOPS de Gil é jogada.

Maiára pende o olhar para a mesa.

DR. VIANA (OS)

Conhece o sujeito?

A mão de Maiára coloca a caneca na mesa, perto do xerox. Ela segura a asa do recipiente por um momento. E a mão SAI, deixando a caneca ali.

Para Maiára voltar afundando-se no sofá, preocupada. De repente, dá um sorrizinho de descoberta.

MAIÁRA

Rudge, delegado de plantão.

DR. VIANA (OS)

Como eu te avisei, Maiára, como um dia eu te avisei.

Maiára olha o teto, como se buscasse algo na memória.

MAIÁRA

Velhos amigos, fronteiras, perspicácia e sua definição...

(para Viana)

... agudeza de espírito.

O rosto de Viana finalmente. Carrancudo como à porta, mas sem tique algum.

DR. VIANA

Para o bem e para o mal.

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

Maiára desafunda-se da poltrona e inclina-se.

MAIÁRA

Acho que já esfriou.

Em ÂNGULO BAIXO, atrás da transparência da mesa de centro, a cópia da ficha de Gil, a caneca de Viana SEM a quentura e a maleta 007 aberta no colo do advogado.

DR. VIANA (OS)

Só mais uma coisinha.

E o duplo formulário contínuo, o B.O. que estava com Rudge, é então jogado na mesa, em cima da ficha de Gil.

DR. VIANA (OS, CONT)

Uma ocorrência.

Maiára estica o pescoço para o B.O. e ergue o olhar para Viana.

A MÚSICA "Evidence" SOBE gradativo, durante o solo de bateria.

O carrancudo Dr. Viana.

DR. VIANA (CONT)

Da qual, pelo visto, seus familiares ainda não lhe informaram.

#### **EXT. ZONA RURAL, MEIO DA MATA**

POV DE DENTRO DE UMA COVA

Acima, o CÉU NOTURNO, um céu sem estrelas, emoldurado pelos contornos das copas das árvores.

No nível do chão, Gil ENTRA, cigarro aceso à boca e já trocando olhares com o ponto de vista. Gil então arremessa o cigarro lá embaixo e SAI.

VOLTA À CENA

Na penumbra, a lateral traseira do Dodge Charger com a tampa do porta-malas aberta. Gil ENTRA com um amontoado de roupas nas mãos, lançado para o interior do porta-malas. E deste retira uma PÁ, retorna por onde veio e SAI.

O amontado de roupas dentro do porta-malas, de um tecido todo LISTRADO, com MANCHAS de um vermelho escuro nada insuspeito.

A lâmina da PÁ finca-se num monte de terra.

POV DE DENTRO DA COVA

O ponto de vista recebe uma chuva de terra.

**EXT. ZONA RURAL, COLINA**

MESMO PLANO do Dodge Charger ao longe pela estrada de terra. Mas agora ele se afasta, levantando mais poeira ainda.

**INT. APÊ DE MAIÁRA, SALA**

"Evidence" na apresentação final do tema.

Maiára fechando a porta à saída do Dr. Viana. Fechada, ela apóia a testa contra a porta e faz o corpo pender de lá pra cá algumas vezes. E pára esse movimento.

MAIÁRA  
(baixinho)  
Como, sumiu?

E o movimento pendular recomeça.

**INSERT - NO CORREDOR DO PAVIMENTO**

Viana de costas se afasta pelo corredor. E pára. Ele põe a maleta 007 no chão, dá um suspiro, desabotoa o paletó, tira a gravata borboleta, folga o colarinho, guarda a gravata num dos bolsos internos do paletó, coloca as mãos na cintura afastando para trás cada lado do paletó, abre um pouco as pernas e interrompe o ritual de antes.

Viana tem um forte acesso, uma contração de raiva que lhe deixa meio agachado, braços e punhos em posição de ataque, e segura um grito com os dentes. E tudo isso de costas.

**VOLTA À CENA**

Maiára vira-se, mas mantém o corpo sustentado pela porta. Ela agora tão carrancuda quanto Viana.

Maiára num ódio crescente e, como em Viana, sintomatizado por uns TIQUES que começam a lhe acometer. Talvez tenha descoberto uma resposta.

**INT. DELEGACIA, CORREDOR PRINCIPAL**

O andar decidido do Del. Rudge. Atrás dele dois subordinados, o INVESTIGADOR MOTORISTA e o INVESTIGADOR PASSAGEIRO, ambos com no máximo 30 anos, semelhantes em aparência e trajados com os típicos coletes pretos da polícia civil.

Há toda uma movimentação de um dia normal de expediente, pessoas de lá para cá ocupadas e ocupando os bancos de madeira.

Mas um banco encontra-se vazio, para o qual Rudge, seguido pelos subordinados, passa olhando até SAIR. Ao lado do banco, o quadro com CARTAZES INFORMATIVOS que lhe identifica. É o mesmo no qual Maiára esperava o Dr. Viana na primeira cena deste corredor.

(CONTINUA)



CONTINUA:

E os três policiais, a passos firmes rumo à saída da delegacia, ultrapassam o duplo portão de engradados de ferro e vidros e imergem na CLARIDADE INTENSA lá de fora, desaparecendo nela.

FIM de "Evidence".

FADE TO WHITE.

LEGENDA: UM BEIJO ROUBADO, OU UMA BALA PERDIDA

**INT/EXT. BALSA/TRAVESSIA - DIA (DIAS DEPOIS)**

POV DA PONTE DE COMANDO

Através da cabine, o azul do mar encontra o horizonte de um dia claro, de poucas nuvens. À esquerda, o continente, o ancoradouro da balsa se aproxima.

Mais à esquerda e abaixo, a popa da embarcação. A Subjetiva percorre os veículos lá, até se deter num deles, um conversível vermelho, um Mustang, na fileira imediata à grade de proteção.

Entre o Mustang e a grade, aí apoiada, uma mulher de costas admira o mar. Ela é jovem e magra, de moletom, saias curtas, meias pretas que lhe cobrem toda a perna, e um lenço colorido que lhe envolve a cabeça e que dá voltas no pescoço.

VOLTA À CENA

O Mustang vermelho assoma, vizinho à grade de proteção.

Lá em cima, na Ponte de Comando, o condutor da balsa volta sua atenção adiante. Aqui embaixo, Maiára, Maiára é a jovem na grade do convés. Cabisbaixa, ela segura pela aba uns óculos escuros.

POV DE MAIÁRA

O casco da balsa corta as águas do mar. E o MOTOR da balsa diminui a rotação.

VOLTA À CENA

Maiára põe os óculos escuros, vira-se e observa a movimentação no convés. Alguns usuários da balsa entram em seus carros.

Na face esquerda de Maiára uma certa VERMELHIDÃO. Após um momento, ela entra no Mustang, pronta para desembarcar.

MÚSICA "GIMME SHELTER", dos Stones.

Do continente, a balsa nas últimas manobras antes de ancorar.

Do capô traseiro do Mustang, Maiára com as mãos na parte de cima do volante e a ancoragem acontecendo ao fundo. Ela então olha para o assento do carona.

**INT/EXT. MUSTANG EM MOVIMENTO/AUTOESTRADA - MAIS TARDE**

No assento do carona, um telefone celular e fones de ouvidos sem fios, daqueles com arame plastificado e maleável.

POV DO ASSENTO DO CARONA

Ao volante Maiára e, além dela, um céu nublando.

Com a mão direita, ela apalpa de leve a face esquerda, ao que parece, dolorida. E, na face direita, passa os dedos sob os óculos escuros, limpa alguma coisa do olho.

Vê-se que LÁGRIMAS, pois uma outra escorre, enquanto Maiára divide sua atenção entre a estrada e os dedos que se esfregam e esfregam a umidade das lágrimas entre eles.

Ela então desenrola o lenço do pescoço e da cabeça, e lhe amassa entre as pernas.

A mão direita de Maiára engrandece sobre o ponto de vista, e volta com os fones de ouvido, que são ajustados nas orelhas não sem algum malabarismo, por causa dos cabelos longos liberados ao vento. Sua mão cresce de novo sobre o assento.

VOLTA À CENA

Maiára traz o telefone celular acima do volante, aperta uns botões do aparelho, espera um instante, aperta outros, joga o celular no banco do carona e começa a BATUCAR o volante, no ritmo de "Gimme Shelter".

Em ÂNGULO BAIXO, a DIANTEIRA do carro assoma perigosamente, chega e volta. E mais uma vez, e um rápido recuo. Um momento nessa distância e uma nova ameaça.

**INT. CASA DE PRAIA DE IRENE, SALA - DIA (FLASHBACK)**

"Gimme Shelter" na parte CANTADA.

EM P&B, CÂMERA NERVOSA

O rosto de Irene apreensivo, a cabeça de lá pra cá em gestos curtos e rápidos, como se diante de um acontecimento difícil de acompanhar. Mas que se aproxima dela, pois Irene arregala os olhos e inclina-se para trás com o avanço de uma irascível Maiára, que grita com a mãe sentada, a um palmo dela.

E Nara chega na caçula, Nara chega tão raivosa quanto e afasta Maiára de Irene, Maiára sendo afastada mas responde à altura pois, sem se importar com a diferença de altura e porte, acaba se atracando na irmã mais velha, sob o olhar assustado de Irene, vê-se melhor, sentada numa poltrona.

E chega Clara, chega com alguma energia para separá-las. E até consegue. Maiára aos gritos tenta rodear Clara, Clara entre Maiára e Nara, Nara aos gritos tenta rodear Clara, Clara gira em

(CONTINUA)

CONTINUA:

torno de si para conter Nara, para conter Maiára, e esta enfim desiste de tentar engalfinhar-se com Nara, que ainda grita.

Maiára não, ela apenas cruza a sala, onde se encontra disperso todo tipo BAGAGEM ainda para ser desfeita. Maiára chega junto a umas malas de viagem e ao VIOLÃO FOLK de Nara, o violão com fitinhas coloridas e cheios de adesivos, entre estes o "peace and love". Ela cata o violão folk pelo braço, levanta o violão folk pelo braço, o violão suspenso e Maiára olha para as três lá do outro lado da sala. E lá do outro lado, Irene, Clara e Nara na expectativa do improvável acontecer.

Que acontece, o violão folk é impiedosamente feito em pedaços contra uma mesinha de canto, sob a visão estupefata das três lá do outro lado da sala. A destruição leva a cabo inclusive os enfeites sobre a mesinha de canto, que se espalham por ali.

Inclusive um PORTA-RETRATOS, que jaz ao solo sob os estilhaços de vidro. Nele, uma foto antiga do casal, IRENE REJUVENESCIDA uns 25 anos e o Capitão EM FARDAS. Da fotografia, a cabeça do Capitão foi decepada.

Já o rosto de Irene, não na foto, mas lá no outro lado da sala, é coberto pelas mãos de uma chorosa Irene. Não tão chorosa quanto Clara, que de braços abertos multiplica o magnitude do seu choro, Clara quer que tudo dessa revolta pare. Nara, porém, não é choro nem nada perto disso, Nara é apenas um ódio mudo.

A irmã mais velha a passos frios e calculados até Maiára, que nem se importa de esperá-la ali, no epicentro do terremoto. Nara e a caçula frente à frente. Um momento de desafio silencioso. E Nara desfere um tapa muito bem dado em Maiára. Surpresa, a irmã menor não reage, apenas encosta uns dedos trêmulos na face atingida. Maiára engole a seco o gesto extremo de autoridade da primogênita, põe-se a correr em direção à porta da casa e SAI.

Clara, um pouquinho menos chorosa, vai atrás dela como um raio. Mas estanca à porta, chamando e chorando, chorando e chamando. Clara desiste e vira-se para a irmã, uma Nara cabisbaixa, com os olhos perdidos e indefesos.

Em Irene, sem as mãos cobrindo-lhe as faces, nenhum outro traço além do choque. Irene simplesmente chocada.

VOLTA PARA:

#### **INT/EXT. MUSTANG EM MOVIMENTO/AUTOESTRADA**

Em ÂNGULO BAIXO a DIANTEIRA do Mustang recua rapidamente.

Em ÂNGULO BAIXO a TRASEIRA do Mustang assoma e se afasta. E chega e se afasta mais uma vez, como numa perseguição. Mas o veículo ganha distância, adianta-se cada vez mais, em fuga.

(CONTINUA)

CONTINUA:

Em ÂNGULO ALTO o conversível passa velozmente em direção a seu destino. Ao fundo, no horizonte nublado, a muralha de edifícios da grande cidade, imersa nas sombras, desponta.

TOMADA AÉREA DO MUSTANG

O carro num PLANO que abre, revelando uma auto-estrada moderna, com várias pistas em cada sentido e uma paisagem rala ao largo dos acostamentos.

"Gimme Shelter", em "It's just a kiss away", DESCE e SILENCIA.

E o Mustang cada vez mais miudinho, cada vez mais.

FUSÃO PARA:

**EXT. HELIPORTO DA LÍBERO BADARÓ - DIA (DIAS DEPOIS)**

De um CÉU CINZA, o topo do Edifício Martinelli até sua base, a rua Líbero Badaró, deserta, estende-se lá embaixo.

Maiára, na beirada do Heliporto, olha para baixo. Ela toda de preto, numa variação dos trajés que usou no velório de Irene. Também os cabelos, Maiára agora de CABELOS CURTOS e picotados. E uma rajada de vento lhe apruma a cabeça.

No rosto dela, agora de PIERCING de argolinha no nariz, uma nova rajada. Maiára leva as mãos à nuca, como se fosse prender os longos cabelos esvoaçados, um comprimento que não existe mais. Com as mãos atrás, suspensas, ela parece não compreender o que aconteceu aos cabelos.

SÉRIE DE PLANOS - FLASHBACK DA TRANSFORMAÇÃO

Intercalado com o rosto de Maiára no Heliporto, lembrando-se do que aconteceu:

A) Um longo corredor mal iluminado. Maiára lá do fundo se aproxima apressada. Com as mesmas roupas da travessia da balsa, chega diante um espelho oval maior que ela, numa angústia extremamente contida. Explícitos apenas os ÚMIDOS cabelos longos, a TESOURA na mão e a VERMELHIDÃO na face esquerda.

B) Com a tesoura mutila os longos cabelos, até ficarem, bem ou mal, no estilo "Joãozinho".

C) Findo o corte, afasta com os dedos o que sobrou de uma mecha grudada na ponta do nariz, mas mantém os dedos aí, numa delicada massagem.

VOLTA À CENA

Maiára com os dedos massageia delicadamente o piercing em uma das narinas. E ela ganha um indelicado sorriso de satisfação.

NA ESCADA DE ACESSO

(CONTINUA)

CONTINUA:

Gil com o pé no primeiro degrau dessa escada, que é parte de uma estrutura metálica já na área descoberta do edifício onde se encontra o heliporto.

Gil hesita, mas começa subir. A meio caminho, ele tem que voltar, para dar passagem a dois FUNCIONÁRIOS, com camisetas pretas iguais de uma Produtora-de-Filmes-Qualquer-Coisa, que carregam um grande baú pelas alças e descem a escada.

Quando Gil tenta subir de novo, um terceiro funcionário, a mesma camiseta da Produtora, desce apressado com dois pedestais de iluminação e fios grossos enrolados no braço.

De novo ao pé da escada, Gil aguarda. Como ninguém aparece, lá vai ele, e consegue subir todo o lance de escada.

VOLTA À CENA

Gusmão, prancheta ao peito, examina um vidro de perfume.

Ao fundo, no sopé da escada, Gil ENTRA. Ele olha em volta, as costas de Gusmão e vem até ele. Quando chega, Gusmão vira-se e Gil quase é atingido diretamente pela nuvem de perfume que o assistente borrifa no ar.

GUSMÃO

Ôpa, desculpa aí, amigo. Você chegando assim tão... sorrateiro...

Gil abre a boca para dizer algo, mas inspira o perfume ainda no ar e faz uma careta de nojo.

GUSMÃO (CONT)

Perfume danado de ruim, não é?  
 (guarda o perfume num bolso)  
 Mas a propaganda faz milagres,  
 companheiro. Uma boa imagem e...  
 (estala os dedos)  
 ... da água pro vinho. E aí é só  
 faturar.

E Gusmão corre em direção à escada, atrás de dois outros funcionários que carregam mais um baú de equipamento, enquanto Gil, meio agachado, as mãos nos joelhos, tenta falar qualquer coisa. Como o asco ao perfume lhe impede, Gil passa a procurar com os olhos por outra viva alma ali e acolá.

POV DE GIL

De lá pra cá, só o horizonte dos prédios próximos e o heliporto vazio. Quase vazio. De lá pra cá de novo e detém-se na silhueta de uma mulher jovem na beirada do heliporto, toda de preto. Ela encara o ponto de vista.

VOLTA À CENA

Gil se endireita. Enquanto caminha devagar ao encontro da jovem, no rosto dele dúvida e confusão, parece reconhecê-la.

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

É Maiára, a emburrada de sempre.

GIL  
Me desculpa, mas...  
(mostra com as mãos)  
O cabelo e...

Com as mãos continua mostrando, além do cabelo, tudo o mais de diferente e irreconhecível em Maiára, que, de braços cruzados, permanece emburrada.

GIL (CONT)  
E Nara?

MAIÁRA  
(descruza os braços)  
Foi embora. Antes da equipe. Antes de... tudo acabar. Eles estavam filmando aqui e...

Maiára, com o braço, mostra a extensão do heliporto, gira e fica de costas para Gil.

MAIÁRA (CONT)  
(pausa, mais para si)  
Não é uma vista interessante? Poucos lá embaixo têm esse privilégio. Um olhar de cima, distante. Uma visão neutra.  
(vira-se para Gil, cruza os braços)  
Supostamente neutra, claro.

GIL  
E por que ela... não me esperou?

MAIÁRA  
Talvez estivesse atrasada.

Gil sorri, mas porque duvida. E começa a andar de lá pra cá.

MAIÁRA (CONT)  
Talvez um telefonema urgente, lhe chamando pra um novo projeto de comercial ou... de vida.  
(irônica)  
Talvez até uma proposta irrecusável.

E ele, ainda de lá para cá, perde a graça com a indireta.

MAIÁRA (CONT)  
Ou estivesse faminta, com sede, frio, sei lá!  
(suspira, pausa)  
Ou talvez com medo. Apenas... medo.

Gil pára de andar, atento nessa última palavra.

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

MAIÁRA (CONT)

Seja o que for, temos uma certeza aqui, não temos? Ela não te esperou simplesmente porque ela não quer mais te ver, Gil.

E ele retoma os passos de lá para cá, mas agora em perpendicular à Maiára, ele se afasta dela e volta.

INTERCUT COM:

**INT. APÊ DE NARA - NOITE (FLASHBACK)**

NA SUÍTE

PENUMBRA, ao pé de uma cama, na qual um casal dorme.

MAIÁRA (VO, CONT)

E ela ficou possessa de eu aparecer aqui sem mais nem menos.

De um lado da cama, Nara acorda assustada, erguida da cintura para cima, de camiseta regata encharcada pela transpiração.

MAIÁRA (VO, CONT)

Mas foi só contar que você também viria, Nara abriu um olhão, deu ordem pra parar tudo aqui e se mandou. E o pessoal da equipe ficou lá, todo mundo passado.

Do outro lado, é Gil quem acorda.

GIL

(sonado)

Que foi, Ná?

Nara meio atordoada. E começa a procurar, com algum desespero, algo na cama e sob os lençóis.

NARA

Minhas roupas.

GIL

Mas...

(para o despertador à cabeceira)

... são três e meia da manhã.

Nara vê algo no chão, do seu lado da cama, que lhe interessa. Ela pula da cama e, do chão, pega uma calça jeans.

GIL (CONT)

Você não me disse que tinha filmagem a essa hora.

(CONTINUA)

CONTINUA:

MAIÁRA (VO)

Mas aí o assistente tomou as rédeas da situação e continuou o trabalho. Porque o show não pode parar, não é?

Nara veste uma perna no jeans, e enquanto veste a outra, saltitante, SAI do quarto. Gil só observa, ainda cheio de sono.

GIL

Não tem?

(pausa)

Você tem o que então?

MAIÁRA (VO)

Deve ter corrido pra mamãezinha. Que idiota.

VOLTA AO HELIPORTO

Maiára cabisbaixa, numa longa pausa.

MAIÁRA (CONT)

(suspira)

Idiota... Idiota sou eu. Somos nós, todos nós. Reconciliar...

(ergue o olhar, triste)

... agora? Ah, Gil, como poderíamos? Agora, também eu, não quero mais te ver. Talvez... só por um tempo. Vamos nos dar esse tempo? Um tempo pra todos nós, vamos?

O rosto de Gil, passado.

VOLTA À SUÍTE DO APÊ DE NARA

Em outro rosto passado de Gil.

GIL

O que você tem, Nara?!

POV DE GIL

O vazio à porta, iluminado apenas por uma luz que vem do fundo desse corredor que dá na suíte.

NARA (OS)

(da sala)

O que eu tenho? Você ainda pergunta o que eu tenho? Puta que o pariu, pu-ta-que-o-pa-riu! Como pudemos?!

NA SALA

Nara procura com os olhos alguma coisa no chão, em meio ao estado lamentável do lugar.

(CONTINUA)



CONTINUA: (2)

Lamentável porque a sala está em reforma, como em transição entre o estilo hippie de antes e a futura decoração "clean". As paredes, completamente nuas, pintadas com uma cor de gelo brilhante. O sofá e as poltronas, não se sabe se os antigos ou novos, pois estão cobertos por lençóis. A estante, em processo da colocação da pátina branca e, por conta disso, livros e LPs se empilham ao chão, um chão respingado com a pintura recente e em boa parte forrado com jornais velhos.

E é aí, nesse piso caótico, que Nara começa catar e não catar peças de roupa na trilha deixada, de novo, por ela e Gil em direção ao quarto.

NARA

(para si)

Meu Deus, quanta frieza... Ah, sim, porque não ficavam só na doutrina...

(para Gil na suíte)

... nessa bajulação toda, não!

(para si)

Teve treinamento, anos a fio de treinamento. Pra não dar bandeira, pra resguardar o aparelho... Ah, e táticas de dispersão. A documentação falsa, as mentiras...

(para Gil lá)

... e frieza das mentiras!

(para si)

E pra completar aulas de manejo. Saber limpar, carregar, apontar...

(para Gil lá)

E a verdade, e onde ficou a buceta da verdade, hein?!

Nara, confusa, desiste de catar roupas do chão. Apenas segura um moletom velho escolhido do chão e se dá por satisfeita, vestindo-lhe sobre a regata.

NARA (CONT)

(baixinho)

Não posso ficar, Gil, não posso mais.

NA SUÍTE

As costas erguidas de Gil na cama, na mesma posição de antes, o olhar fixo no vazio à porta.

O som da PORTA da entrada do apartamento, fechada com força.

GIL

Mas, Nara...

(voz de comando)

Nara, volta aqui!

(baixinho)

É o seu...

Gil inerte, numa longa pausa.

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

E Nara ENTRA tímida à porta da suíte e apóia-se no batente, algo desolada.

GIL (CONT)

É o seu apartamento, sua própria casa.  
Eu sei que está tudo uma zona e... e  
tudo mais... Mas não se sai assim, não  
se abandona desse jeito o lugar onde  
se vive.

NARA

Podemos, podemos sim... abandonar.  
Pelo menos por um tempo. Porque não  
podemos é continuar assim, vivendo  
assim.

(decidida)

Não, desse jeito, não. É, vamos dar  
esse tempo. Um tempo pra todos nós.

E Gil ali, de novo, completamente passado.

FADE TO BLACK.

MÚSICA, a introdução de "NE ME QUITTES PAS" na flauta, como na  
versão em que Maysa a interpreta no álbum de 1966.

**INT. PIANO BÁRBARO, SALÃO - NOITE (DEPOIS DE TUDO)**

Ao microfone, o rosto de uma bela CANTORA, ao estilo de Marina  
de la Riva, 25 anos, batom vermelho forte, olhos bem marcados,  
colar de pérolas ao pescoço, ombros nus e insinuantes.

O PIANISTA dá a deixa para a Cantora interpretar "Ne Me Quittes  
Pas", uma voz madura, grave e cheia, cheia de dor, semelhante à  
da própria Maysa.

Dois homens de costas, um negro e um branco, sentados numa  
mesinha redonda do salão, ao canto direito do palco, onde  
próxima ao FLAUTISTA a Cantora, num tomara-que-caia longo, preto  
e brilhante, desenvolve sua sedução para os dois homens e o  
resto do salão, lotado.

Léo e Gil é a dupla. Gil, embasbacado para o palco, dá um gole  
num copo com uísque. Léo escorrega-se na cadeira e cruza as mãos  
atrás da nuca.

GIL

Cara, como isso me faz falta. Esse  
corpo fechado, esse tempo todo...

(suspiro)

Isso precisa acabar. E nem me importo  
admitir. Estou de joelhos, Léo, em  
penitência por um novo rabo de saia.  
Léo, eu tô precisado!

O rosto da Cantora, do público, direciona sua sedução para a  
mesa de Léo e Gil.

(CONTINUA)

CONTINUA:

LÉO  
(com a cabeça, aponta o palco)  
Então, gostou?

Gil só tem olhos para o palco.

LÉO (CONT)  
Ah, nem me ignore, que já dei pra ela sua ficha completa, completinha.

GIL  
(surpreso)  
O quê? Ficha completa? Você... você pirou?!

LÉO  
Calma, homem, só o necessário, só o estritamente necessário. Pra tornar você um, um homem mais interessante. E ao que me consta, mesmo com o pouco que disse, o interesse dela foi muito provocado.

GIL  
(entre surpreso e indignado)  
Mas, mas... agora resolveu dar uma de cupido e, e... pelas minhas costas?

LÉO  
Ela é meio assim... meio evasiva, enigmática... Mas eu saquei, eu saquei a dela. Eu andei investigando. E descobri que o que atrai essa dona é onde mora o perigo. Homens com cabeça, atividades e um passado, hum, vamos dizer assim, divergentes. É um bom começo, não é?

GIL  
E por que não pra você?

LÉO  
Ôrra, meu, agora é você que pirou? E minha Nêga? E meus bacuris? Tu me conhece, Gil, fidelidade a toda prova! Oras.

(acalma-se e volta à carga)  
E o melhor, o melhor mesmo é que não é do feitio da moça ficar nessas de sessões de DR não. Sabe o que é DR, Gil? DR é... discussão de relação. Intermináveis sessões de conversinhas sobre a que pé veio, a que pé vêm e a que pé vai dar todo o relacionamento. Ah, você sabe, aquela coisa bem pequeno-burguesa, é o que é.

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

Gil sorri, e acaba mostrando-se conformado. Ele então acende um cigarro, um HOLLYWOOD menta, com seu isqueiro ZIPPO, e maço e isqueiro são deixados sobre a mesa.

LÉO (CONT)  
É sério, cara, me acredite.  
(mais para si)  
Discutir relação... Marx-me-livre!

Gil tosse e pigarreja. E ao fixar sua atenção ao palco, parece mais interessado.

LÉO (CONT)  
Mas minha intuição, lá no fundo... me diz que com essa aí você deveria ter cuidado, companheiro. Essa daí pode fazer tua cabeça até o fim dos seus dias.  
(de supetão)  
Ah, e tem mais! A moça tem sangue cubano, cu-ba-no!

Gil arregala os olhos e se ajeita na cadeira, tenta disfarçar o interesse crescente.

LÉO (CONT)  
Como rendeu essa garimpagem, como rendeu... Escreve aí, companheiro, que eu assino embaixo: essa daí vai arrebentar. E vai ser um estouro daqueles. Ah, Marina, com você...  
(um pouco indignado)  
... finalmente vou me livrar daquele roquezinho fuleiro daqueles muleques.  
(suspiro)  
Marina, Marina, minha deusa pagã, mi preciosa Sibila. Uma mulher pra vida, pra toda a vida. Conseguiria isso de qualquer um.  
(irônico)  
E porque não de um reles mortal, um miserável como você?

Gil interessado e confuso. E de novo se fixa no palco, dá uma longa baforada e encontra olhares com a Cantora.

GIL  
(para si)  
Um reles... um miserável... um... qualquer.

LÉO  
Nãaaaoo, você não é um qualquer um não. Muito menos um miserável. Você foi é abençoado pelos deuses, Gil. Se não, vejamos. A distância do palco até aqui...? Umás 11 jardas. Companheiro, você está na marca do pênalti.

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

Gil imóvel para o palco, Léo imóvel para Gil, um momento de suspense e "Ne Me Quittes Pas" TERMINA.

Gil apaga afoito o cigarro no cinzeiro e aplaude, primeiro devagar, depois com profusão, com Léo já aplaudindo assim. E os dois se levantam, ao que se segue uma estrondosa ovação, o público em pé, assobios e tudo o mais.

No rosto da Cantora, obrigados tímidos, mas uma indisfarcável felicidade. Ela então desce do palco toda sorridente em direção à mesa de Léo e Gil, já prontos para recebê-la. A Cantora chega e abraça Léo.

LÉO (CONT)

Ah, minha Sibila, minha preciosa Sibila.

Eles se mantêm abraçados, mas lado a lado. A Cantora é timidez e felicidade a um só tempo. Léo, um largo sorriso, mas com o dedo em riste para ela.

LÉO (CONT)

Mas, olhe lá, quando você ganhar o mundo, espalhe pelos quatro cantos que você começou aqui, teu primeiro vôo foi alçado daqui.

A Cantora apenas confirma. E novo abraço, com Gil ali, meio sem graça, só na esperança.

Voltam a ficar lado a lado e Léo aponta Gil com a cabeça.

LÉO (CONT)

(para a Cantora)

Então, gostou?

E a timidez da Cantora, ao medir Gil de cima abaixo, transforma-se radicalmente, numa expressão de desejo que inibe Gil.

CANTORA

(mordisca o lábio inferior)

É, ele tem potencial.

(suspira, para Léo)

Mas é hora de... recobrar forças.

(para Gil, desejosa)

Para o segundo round.

E ela deixa o corpo de Léo e SAI.

Os dois se sentam. Gil imóvel para o palco, Léo imóvel para Gil, mais um momento de suspense. E a cabeça de Gil despenca.

GIL

(meneando)

Não, não, não...

Léo se admira ao ver o amigo assim. E ele olha o palco, Léo pensativo, pensativo e, de repente, cheio de sisudez.

(CONTINUA)

CONTINUA: (4)

LÉO

Bingo. Nara.

E pega seu copo de bebida e, num único gole, esvazia dedos de uísque. Faz então aquela careta de que tanto álcool descendo a garganta de uma só vez é demais.

Recomposto, Léo cruza os braços e fica assim, enquanto Gil se reacomoda na cadeira, com uma expressão de flagrante culpa.

Léo, da mesa, pega um cigarro no maço de Hollywood de Gil e deixa entre os lábios o cigarro apagado.

LÉO (CONT)

(sisudo)

Meu, olha aqui. Você sabe muito bem minha opinião a respeito da Nara. Aliás, você sabe toda minha velha opinião formada sobre tudo até demais.

(pausa)

Tá, o velho dela era milico, e não era um milico qualquer. E se você sabia ou não sabia disso, eu não quero nem saber. Se assim do nada, sem mais nem menos, o acaso resolveu bater na tua porta, pra mim tanto faz. Você fez o que tinha que ser feito e pronto!

(pausa)

Tudo bem, tudo bem que foi a família que propôs o serviço, e a coisa toda foi limpeza. Se até o advogadozinho deu uma de... família. Mas, ôrra, meu!

Gil só absorve o sabão do companheiro.

LÉO (CONT)

Nunca te vi assim, Gil, nunca nenhuma mulher te deixou assim... de quatro! Ainda mais uma assim tão, e me desculpe o imperialismo da palavra, tão fake. Sinto muito, meu companheiro, sinto muito, mas eu te conheci na luta!

E Léo dirige a sisudez para o palco, com Gil resignado. Após um momento, Léo mostra-se incomodado. Ele olha de lá pra cá e se levanta, vira-se e, com o braço para cima, estala nervosamente os dedos, Léo quer a atenção de alguém.

De Jonas que, atrás do balcão, serve bebidas para um jovem casal enamorado, Jonas já com os olhos no patrão e não muito satisfeito por ser solicitado. Ele termina de servir o casal e se agacha, desaparece detrás do balcão.

A mão de Jonas dando play num TAPE DECK aninhado no balcão.

MÚSICA "GRACIAS A LA VIDA" em som ambiente.

(CONTINUA)

CONTINUA: (5)

Léo, ao ouvir com a música, senta-se satisfeito. Ignorado, Gil busca consolo no palco.

POV DE GIL - A APARIÇÃO

Só que não há ninguém lá.

EFEITO - O som ambiente vai ficando distante, como se ouvido DEBAIXO D'ÁGUA, enquanto "Gracias a La Vida" SOBE.

Mas o palco vazio recebe a APARIÇÃO da Cantora, tênue como um fantasma, que DUBLA "Gracias a la Vida".

O espectro da Cantora, ao perceber Gil lhe mirando, pára de dublar e abre um sorriso terno e encantador para Gil, só para ele. E ela se torna INVISÍVEL.

VOLTA À CENA

CORTA "Gracias a La Vida". O som ambiente NORMALIZADO.

Gil mais um segundos cativo pela força desse encantamento imaginário. E ele resolve beber seu uísque, um longo gole que esvazia o copo.

O copo vazio de Gil sendo posto na mesinha, lado a lado com o copo vazio de Léo.

Som ambiente SOBE até ficar ensurdecedor.

**INT. CAFETERIA - NOITE (FLASHBACK)**

O tampo de uma das mesas dessa cafeteria.

O ENSURDECEDOR das conversas ao redor, de xícaras, talheres, copos sendo manipulados, NORMALIZA-SE.

Sobre o tampo são colocados, par a par, uma xícara com café expresso e um copinho com água mineral gaseificada.

Bandeja colada ao ventre, uma jovem ATENDENTE uniformizada diante essa mesa, ao servi-la. Ela olha para um lado e meneia um não, depois para outro lado e meneia um sim, inclina-se solene qual uma reverência e SAI.

Da mesa, uma mão feminina pega o copinho com água, que retorna esvaziado, sendo a vez de xícara e pires SAÍREM.

Nara é quem degusta o café. Os olhos dela brilham, assim como o sorriso, o sorriso de uma mulher realizada.

NARA

Vamos, beba o seu.

O copinho de água gaseificada próximo a um nariz masculino, que cheira o conteúdo, quer identificá-lo.

Nara acha graça, mas se esforça para não passar da conta.

(CONTINUA)

CONTINUA:

NARA (CONT)

É água, a incolor, inodora, insípida e inocente água. Ah, e o gás é uma mão na roda...

(com a xícara)

... ele libera o paladar. Além de fazer cosquinhas, claro.

A boca desse homem, de pele morena e barba rala, toma a água.

NARA (CONT)

(devolve xícara e pires à mesa)

Viu? Tudo muito inocente.

CIRO

É, há muitos lances inocentes na vida. E por que degustar um cafezinho, mesmo com todo esse artifício, não haveria de ser um deles?

E se reconhece a voz de Ciro. Mas cujas faces NÃO serão mostradas totalmente.

NARA

Eis o homem, aquele que escreve. E porque escreve, sabe muito bem medir as palavras. Mas... o impublicável? Foi assim que você se definiu, como um homem que escreve, mas...

CIRO

Ora, ora, não esqueceu, hein? Mas é isso mesmo, sem tirar nem pôr.

Nara apóia o cotovelo na mesa e o queixo na mão, quer mostrar-se interessada.

NARA

E vamos deixar assim? Tsc, tsc, de jeito nenhum.

(gira os dedos no ar)

Desenvolva.

CIRO

Eis a mulher, aquela que lê muito bem as palavras daquele que preza sua exata medida.

Nara entende o troco e, sorrindo, simula uma expressão hostil.

CIRO (CONT)

Ok, a pedidos... Acontece que, quando escrevo... é como se eu seguisse a ordem natural das coisas, me conformando em ser apenas, em respeito a essa ordem, um elo na cadeia insondável dos acontecimentos.

(CONTINUA)



CONTINUA: (2)

NARA  
(boquiaberta)  
"Um elo na cadeia insondável dos  
acontecimentos."

CIRO  
(sorri)  
Pois é, dizendo assim parece meio  
pomposo, mas... mas acho que eu posso  
explicar.

NARA  
E ele vai explicar.

Às costas de Ciro, que abre os braços.

CIRO  
(bronquinha)  
Nara!

Nara diz com o indicador, não, não, e depois gira os dedos  
novamente no ar, quer que Ciro continue desenvolvendo.

CIRO (CONT)  
Pois bem.

Ciro retira um maço de cigarros do bolso, um maço king-size de  
cor esverdeada, talvez de cigarros mentolados e importados. E,  
do maço, um deles.

CIRO (CONT)  
Então me decidi impúblicável. Por  
medo? Medo da recusa, da exigências,  
editoriais, ou das minhas próprias? Ou  
por causa de qualquer outro tipo de...  
censura? Não, nenhum desses fantasmas  
me apavora, não sou vítima dessas  
bobagens. Exceto... Impúblicável  
simplesmente porque escrever sobre o  
que se passa na ordem natural das  
coisas, ainda que em toda sua  
minúcia...

E Ciro recoloca o cigarro dentro do maço.

CIRO (CONT)  
(desdém)  
... não passa de um registro manco e  
precário de toda realidade. E que nem  
chega aos pés do registrado.

NARA  
Mas tudo o que conhecemos, toda a  
civilização, a nossa... humanidade...  
não nasceram com isso aí, o registro?  
E não vem sendo assim até hoje?

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

CIRO

"E vem sendo assim até hoje". E hoje, um blackout, um apagão generalizado, e não seria o caos... generalizado? O caos, sem tirar nem pôr. O caos, cuja consequência... Acho que muito semelhante à época em que se erguiam aquelas imensas fogueiras de livros para a manutenção da ordem não natural. Aquelas vaidades do poder. Ou...

(pausa)

É, também um resultado parecido com esse nosso desprezo atual pela morte de um ancião, ou de sua velha senhora...

Nara, surpreendida com essa menção, começa a perder aquela postura de interessada.

Ciro, ao contrário, durante seu discurso, se anima cada vez mais, transmitindo esse ânimo para os braços.

CIRO (CONT)

... que viveram o resto de seus dias apenas para resguardar o conhecimento que vínhamos acumulando, em memória à nossa condição humana. Guardando inclusive os segredos, os mais sórdidos de nossos segredos. E aí, com o blackout do ancião e da velha senhora, tudo o que sabemos não desaparece? Tudo, menos as cinzas, Nara, menos as cinzas. As cinzas do caos, das fogueiras... e da vaidade dos poderosos, óbvio. Cinzas que são como os restos mortais do desgraçado dia em que começamos a pretender imortais os nossos registros.

(irônico)

Mas aí é a paz do cemitério, sem tirar nem pôr. Não é mesmo?

Em Nara, apenas um olhar perdido e indefeso.

CIRO (CONT)

E então, quando também essa paz de cemitério parecia ter ganho a eternidade, sem mais nem menos...

(estala os dedos de ambas as mãos)

... um estalo...

Nara, desperta de seu alheamento, volta naquela posição de interesse, cotovelo apoiado na mesa e o queixo na mão.

(CONTINUA)

CONTINUA: (4)

CIRO (CONT)

... o grande estalo, quando o insondável da cadeia dos acontecimentos mostra suas garras, para que a ordem natural das coisas seja então restituída. E mais! Um estalo que também nos põe em movimento, que nos empurra para o redemoinho... da realidade! E quem pode resistir a ela, hein? A realidade nos leva aonde ela quiser nos levar. Até mesmo para o olho do furacão, o centro de tudo, onde tudo é perfeitamente pacífico. Mas aí, pergunto eu: quando chegamos aí, se chegarmos ao final dessa turbulenta travessia, o que conquistamos? Conquistamos a perfeita beatitude? Ou, de novo, é aquela paz do cemitério?

Nara, não entendendo bulhufas, com as mãos devolve a pergunta.

CIRO (CONT)

Não sei, Nara, não sei... Pra mim, o olho do furacão... talvez seja... Como uma pausa, um abrigo temporário para um novo olhar, uma nova perspectiva sobre a ordem natural das coisas assim restituída. Uma que antes sequer desconfiávamos.

NARA

(pausa, abestalhada)

Nossa. E tudo isso começou com um simples...

(um suave estalo dos dedos de ambas as mãos)

... estalo.

CIRO

E por que um simples, mas imprevisto e provocativo, estalo?

Nara, um pouco abatida, mas como se pensasse: "e lá vem mais", com gestos devolve a questão.

CIRO (CONT)

Porque tememos, Nara, porque sempre tememos. Nara, Nara... Porque cagamos de medo de ter que decidir por nós próprios atravessar o redemoinho. Ficamos com o cu na mão, e desperdiçamos toda nossa vida resistindo a, voluntariamente, sermos tragados por ele.

E ele de novo retira o cigarro de dentro do maço, que é aceso com fósforos.

(CONTINUA)

CONTINUA: (5)

CIRO (CONT)

E chegamos enfim à vida.

(uma longa baforada)

E o que é a vida afinal? Uns dizem que ela se resume na travessia para o olho do furacão, nada além disso. Já outros, que a vida é... para além disso. Que a verdadeira vida se encontra exatamente no centro pacífico e bem-aventurado do redemoinho.

NARA

E... e você, o que você acha?

CIRO

Eu? Bem, eu só continuo vendo e escrevendo, vendo e escrevendo... o rigorosamente... impublicável.

(sorri)

Acho que não sujei as mãos o bastante pra saber onde a vida realmente se encontra.

Nara, com olhos arregalados, inspira fundo.

NARA

Rapaz, isso é que é furacão. Uau!

CIRO

Me excedi, não foi? Mas você que pediu.

NARA

(maliciosa)

É, eu pedi.

(séria)

Mas tudo isso aí não parece meio... exagerado? Será que... só pra se justificar e... não dar a cara a bater? Ei, digo isso na boa, tá?

CIRO

Tudo bem. Talvez você tenha razão. Por outro lado... um exagero que poderia se aplicar a muitas coisas, a muitos acidentes de percurso, você há de convir. E a vida também não é assim, cheia de estalos, de lances imprevisíveis? E nem todos tão...

(uma baforada, malicioso)

... inocentes como tomar um cafezinho.

Ciro termina de tomar seu cafezinho, com Nara lá, cabeça baixa e pensativa. E ela ergue um sorriso.

NARA

E o nosso lance, ele é inocente?

(CONTINUA)

CONTINUA: (6)

Sobre a mesa, a mão de Nara pede e recebe a de Ciro, e as mãos se enlaçam, carinhosamente.

CIRO  
Inocente? Sim... E não.

Os dedos de Ciro apertam os de Nara com algum desejo, os dedos dela respondem do mesmo modo.

CIRO (CONT)  
Gostaria que fosse as duas coisas.

VOLTA PARA:

**INT. PIANO BÁRBARO, SALÃO**

"Gracias a La Vida" como MÚSICA AMBIENTE.

Os copos vazios de Léo e Gil são, com um dosador, enchidos de uísque. As mãos de um garçom fazem essa operação, duas doses num copo e apenas uma dose noutra copo.

É Jonas quem os serviu, bandeja à mão e, lá de cima, altivo sobre o patrão, com o patrão Léo lá embaixo, sentado e estranhando que apenas uma dose tenha sido servida para ele. E Jonas, com o nariz empinado, vira a cara e SAI. E um sisudo Léo busca algo na mesa.

GIL (OS)  
Nunca te contei, não é?

A mão de Léo congela próxima a seu objetivo, o isqueiro Zippo de Gil sobre a mesa.

Léo com braço e tudo o mais imóveis, na expectativa. Em Gil, um meio sorriso que lhe dá um ar misterioso.

GIL (CONT)  
(voz algo diabólica)  
Nunca te contei quem era o cúmplice do advogadozinho da família.

Léo desiste de fumar. Ele então se ajeita na cadeira, cruza os braços e fica de soslaio para Gil.

LÉO  
Permissão pra falar, companheiro.

GIL  
Um mero coadjuvante, mais um? Não, longe disso. Pois o cara tinha uma ficha corrida invejável.

LÉO  
A palavra é toda sua.

(CONTINUA)

CONTINUA:

GIL

E também um certo parentesco com um dos ramos da família. Mas não com a nossa.

INSERT - FLASHBACK DA CAFETERIA

"Gracias a La Vida" CONTINUA.

As mãos entrelaçadas de Nara e Ciro ao centro da mesa. E o Del. Rudge chega arrastando uma cadeira, o espaldar ao contrário, e senta-se entre os dois.

DEL. RUDGE

Pombinhos?

Rudge, com o naco de charuto apagado na boca, olha sorridente de lá pra cá, como se cumprimentasse o casal.

De Nara espantada ao delegado, que acende o charuto, solta uma baforada e sorri cínico, ainda de lá pra cá.

VOLTA À CENA

Léo inclina-se para frente, o queixo cai. Ele abre os braços e não sabe o que fazer com eles, brinca que perdeu o fôlego.

LÉO

(baixinho)

Marx-me-liiiiivre!

GIL

Atualmente, delegado Rudge Campos. Noutra época, na nossa, investigador Toco del fuego.

E os dois caem numa sonora gargalhada.

"Gracias a La Vida" SOBE e TERMINA.

VOLTA PARA:

**INT/EXT. CARRO DA POLÍCIA/ESTACIONAMENTO CAFETERIA - MOMENTOS DEPOIS (FLASHBACK)**

Nara e o Del. Rudge no banco de trás. Os Investigadores Passageiro e Motorista na frente. Uma grade divide as partes traseira e dianteira do interior da viatura policial, como um chiquerinho.

NARA

(de braços cruzados)

Não me interessa o apreço que o senhor e o doutor Viana têm pelo meu pai, senhor delegado. Mas isso aqui... isso aqui é ridículo!

(CONTINUA)

CONTINUA:

O Del. Rudge, com o indefectível charuto, mas apagado, aponta de lá pra cá a grade.

DEL. RUDGE

Por isto aqui? Minhas sinceras desculpas. Mas se a senhora não se opôs...

NARA

(descruza os braços, irônica)

Essa gaiola? Rá, só estou cumprindo com meu dever cívico. Tenho absoluta certeza de que não corro nenhum perigo sob sua proteção.

(pausa, suspira)

Meu caro senhor... Ele sumiu, ele simplesmente... deu um chá de sumiço. E não foi a primeira vez. Várias vezes. Saía pela vizinhança e... e dava um branco. Esquecia o caminho de casa e... e não sabia voltar. Humpf, e esperar o quê? O Capitão estava doente, há muito tempo que a cabeça dele estava fora do lugar. Era só uma questão de temp...

DEL. RUDGE

(segurando os nervos)

A cabeça do Capitão nunca vacilou, minha cara senhora. O Capitão sempre teve a cabeça no lugar de sempre, muito bem firme sobre os ombros.

(para os Investigadores)

É a velha história. Um homem dá duro a vida toda, faz tudo pela criação dos filhos, não deixa faltar nada. E quando se aposenta, quando finalmente tem a chance de desfrutar o sossego de uma vida toda dedicada a eles, o que acontece? Os filhos lhe têm como um traste, um imprestável, um inútil! E se sumir então, quem vai dar bola?

(para Nara)

A senhora tem filhos? Não, não que eu saiba. Mas nunca pensou nisso, nas alegrias e nas dores da maternidade?

NARA

(cruza os braços)

Meu senhor? Isso não é da sua conta.

DEL. RUDGE

Sim, sim senhora, realmente não é da minha conta. Mas o que é da minha conta...

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

NARA

(desafiante)

Vocês não entendem, não é? Ele desapareceu, ele simplesmente... puf! E não é muito comum? O senhor que é policial, um especialista, deveria saber muito melhor que a cidadã comum aqui. Quantas queixas, quantos casos por dia, quantos, hein? Dezenas, dezenas de casos que vocês são incapazes de resolver. E que nem dão a mínima pra resolver.

DEL. RUDGE

Ah, mas o caso é que esse caso é muito especial...

Rudge tira do bolso de trás da calça um papel dobrado, um formulário contínuo.

DEL. RUDGE (CONT)

... embora minha delegacia não tenha jurisdição sobre ele.

E, ao lhe desdobrar, mostra para Nara, um mostrar intimidante.

DEL. RUDGE (CONT)

Vamos dizer que um colega das antigas me pediu uma ajudinha...

Nara, mesmo com o B.O. balançando quase na cara, descruza os braços e se acomoda algo folgada no banco.

DEL. RUDGE (CONT)

... já que é caso desse caso ter uma certa peculiaridade.

Rudge deixa de balançar o B.O. Ele dobra o formulário e, com ele ainda em mãos, também se ajeita no banco.

DEL. RUDGE (CONT)

(para os Investigadores)

Loucura... Os mentalmente sãos inventam cada uma...

NARA

E o médico não atestou?

DEL. RUDGE

(irado)

Grandes merdas!

(inspira fundo, recompõe-se)

Me desculpe, desculpe o linguajar, minha senhora. Mau hábito policial. De ter que conviver com a gentinha, com essa laia toda. Mas voltemos à peculiaridade do caso. Que tem nome próprio.

(MAIS)

(CONTINUA)



CONTINUA: (3)

DEL. RUDGE (CONT)

(solta um riso)

E não só um, minha cara. Quantos, quantos codinomes próprios, vulgos aos montes!

NARA

(cruza os braços)

Meu caro, isso também já não cansamos de explicar ao seu colega de trabalho da Desaparecidos? E daí se o Gil foi alguém próximo da gente? E isso já faz um tempão, nem sabemos mais dele.

(desafiante)

Mas o Gil... o Gil nunca foi pra nós o fantasma que ele parece estar sendo para o seu colega das antigas e para o senhor. A sombra dele é um problema de vocês, só de vocês.

DEL. RUDGE

Gil? Quanta intimidade... Ok, ok.

Falando em fantasmas...

(acende o charuto)

Como está vossa mãe? O doutor Viana me disse que ela não anda passando muito bem da... cabeça.

NARA

(descruza os braços, indignada)

Terminamos? O interrogatório acabou?

DEL. RUDGE

(sarcástico)

Dispensada.

Nara abre a porta, sai do carro e inclina-se para Rudge.

NARA

E é Capitão só pra nós, da família. Para os demais, a patente é Coronel. Uma promoção que ele fez por merecer.

E bate a porta do carro.

Rudge finge estar cheio de medo, e sorri. Dá uma tragada no charuto, solta umas baforadas circulares e brinca com a fumaça.

NO ESTACIONAMENTO DA CAFETERIA

Nara depressa em direção à Cafeteria ao fundo.

Vê-se agora que a viatura policial é um SEDAN mal conservado, com vários pontos de ferrugem.

O Investigador Passageiro coloca o braço e a cabeça para fora, acompanha Nara até ela entrar na Cafeteria.

(CONTINUA)

CONTINUA: (4)

DEL. RUDGE (OS)  
É de dar pena.

E o Investigador Passageiro põe-se todo para dentro.

NO CARRO DA POLÍCIA

Rudge com olhos carinhosos para o charuto.

DEL. RUDGE (CONT)  
Uma mulher tão fina, tão madura... e  
não resistiu ao canalha. Mas ele não  
escapa.  
(sério, para os Investigadores)  
Dessa vez o bostinha não me escapa.

O delegado vira-se para o lugar onde Nara estava sentada e solta  
uma provocativa baforada do charuto.

DEL. RUDGE (CONT)  
(para o charuto)  
É, Capitão, devo isso ao senhor.  
(para os Investigadores)  
E já que a papelada da aposentadoria  
está correndo mesmo, por que não  
encerrar a carreira com chave de ouro?  
(para o charuto)  
Vai ser o prêmio especial por tantos  
anos de serviços prestados...

POV DO DEL. RUDGE

O naco de charuto aceso entre seus dedos.

DEL. RUDGE (OS, CONT)  
(irônico)  
... à pátria amada e idolatrada.

E o ponto de vista sobe até os Investigadores que, com as  
cabeças grudadas na grade, olham juntos para Rudge.

INVESTIGADOR MOTORISTA  
Salve...

INVESTIGADOR PASSAGEIRO  
... salve.

**INT. CAFETERIA**

SILÊNCIO. Nara em pé, imóvel e cabisbaixa entre as mesas  
ocupadas do lugar. A cafeteria lotada e Nara alheia a tudo.

O som ambiente SOBE até tornar-se ENSURDECEDOR, despertando  
Nara. E ela, um tanto perdida e indefesa, começa a andar entre  
as mesas, procurando, procurando.

POV DE NARA

(CONTINUA)

CONTINUA:

Andando e procurando, procurando uma mesa. Ali, onde Ciro encontra-se, de costas, sentado.

O som ambiente volta a NORMALIZAR-SE à medida que Nara se aproxima de Ciro e chegar às costas dele.

VOLTA À CENA

A cabeleira preta e brilhante de Ciro, pressentindo Nara logo atrás, é impedida de virar-se pelas mãos Nara. O rosto dela encosta suavemente acima da cabeleira de Ciro, a boca e o nariz de Nara afaçam-se nos cabelos dele.

NARA  
(baixinho)  
Não me pergunte nada, não agora. Eu...  
eu só quero uma noite... inteira... só  
nossa. Faça isso por mim, por favor.

VOLTA PARA:

**INT. PIANO BÁRBARO, SALÃO**

No palco, o Flautista examina seu instrumento de trabalho. Já o Pianista, acomodado no banquinho do seu, apenas fuma, com um olhar perdido e indefeso.

LÉO (OS)  
Quem diria, o nosso velho e conhecido  
filho da puta do Rudge. E você me  
escondendo isso esse tempo todo, seu  
safado!

As costas de Léo e Gil em sua mesinha. Ao fundo, o palco com os instrumentistas em compasso de espera.

GIL  
(mais para si)  
Esse tempo todo...

LÉO  
E como se livrou dele?

GIL  
(idem)  
... e me livre de todo mundo. Sem  
Capitão...

**EXT. CEMITÉRIO - DIA (FLASHBACK)**

Um Gil solitário no ENTERRO DE IRENE, sob aquele SOL e CHUVA.

O caixão de Irene sendo depositado na cova.

GIL (VO, CONT)  
Sem Dona Irene...

(CONTINUA)

CONTINUA:

O perfil das três irmãs quase alinhadas, Maiára ao meio e Nara em primeiro plano, a única FOCADA. Nara tira seu olhar severo do caixão para Gil.

GIL (VO, CONT)  
Sem Nara...

FADE TO BLACK.

GIL (VO, CONT)  
Sem ninguém.

LEGENDA: AO ABRIGO DE NOSSOS JOGOS

**EXT. REBENTAÇÃO DE PEDRAS - ENTARDECER (DEPOIS DE TUDO)**

Ao longe, Clara e Maiára caminham juntas, vencem aos poucos as imensas pedras paralelas ao mar. É um dia claro, mas os raios solares, oblíquos, não demoram a sumir detrás da encosta.

FUSÃO encurtando a aproximação das duas. Clara de chapelão de palha na cabeça, ganga à cintura e chinelos, além de carregar no ombro uma bolsa de pano. Maiára também de chinelos e um conjunto de short e camiseta comuns.

Outra FUSÃO, que lhes aproxima bastante. Vê-se que Maiára deu um jeito no corte do cabelo, ainda curto, mas nada extravagante. E que ela trocou o piercing de argola do nariz por um BRILHANTE.

MAIÁRA  
Saudosa Irene. Irene, a terrível!

CLARA  
Terrível era o Capitão.

Clara abaixa a cabeça, engole a seco sua última palavra. Maiára parece acometida do mesmo pesar. Ambas caminham silenciosas um tanto mais sobre as pedras.

CLARA (CONT)  
O casal mais comentado na Vila dos Oficiais.

MAIÁRA  
Que idade tínhamos? Ah, vocês certamente na idade difícil.

CLARA  
Eu não! Eu nem havia chegado lá.  
(mais para si)  
Pra falar a verdade, acho que nunca cheguei.  
(para Maiára)  
Mas a Nara? Ela sim, difícil. Nara já era qualquer coisa. Antes dos 18 nem era mais virgem!

(CONTINUA)

CONTINUA:

MAIÁRA

Tenha dó, Clara.

CLARA

E você? Você era uma coisinha gordinha gordinha...

(ameaça beliscar Maiára)

... que dava uma vontade louca de beliscar.

Maiára se esquiva. Clara ameaça de novo, a caçula de novo se afasta e ambas riem.

MAIÁRA

Aquela história da Nara com o tal do tenente é desse tempo?

CLARA

Ih, menina, que bafafá que deu. Quase acabou em tragédia.

MAIÁRA

(imitando uma anciã)

Uma baita duma tragédia grega, minha filhinha.

CLARA

(ri, saudosa)

Saudosa mãezinha.

MAIÁRA

(mais para si)

Porque o tal era um subversivo. Humpf, que mentalidade a dessa época.

(para Clara)

E o rapaz? Foi preso, não foi?

CLARA

(busca na memória)

Carlos, Carlos... Carlos alguma coisa.

(para Maiára)

Não me lembro, não sei que fim ele teve não. Só sei que nunca mais se ouviu falar desse tenente. Aliás, era proibido falar dele, o Capitão ficava possesso só de se mencionar o nome. E aí Nara acabou, humpf, fugindo de casa. Ficou um par de anos fora. Mas mamãe... Ah, mamãe não perdeu contato com ela não! Eu sempre desconfiei. Aos domingos, ela separava uma parte do almoço e dizia que ia levar pra uma família carente fora da Vila. Mas não, não mesmo. Mamãe voltava tão radiante à noite, que só podia... É, Nara sempre foi a impetuosa da casa, independente e cheia de si, mas...

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

MAIÁRA

(imitando Clara)

Mas sempre correndo pra mamãezinha.

(sorri)

Ciumenta!

CLARA

Eu? Que horror, Maiá, você pensar assim de sua querida irmãzinha aqui.

MAIÁRA

Pois é, minha irmãzinha querida, já uns anos de bagagem aqui. A maioria dos meus pacientes na clínica da universidade é assim, ligações maternas perigosíssimas.

CLARA

Ih, lá vem, lá vem você falar de novo naquele tal de Édipo. Menina, você precisa mudar o disco, pra contar outra estorinha. E uma que tenha um final feliz, por favor.

MAIÁRA

(para si)

Eu me lembro...

(atuando)

Eu me lembro que ao chegar em Tebas matei alguém no entroncamento dos três caminhos. Até matá-lo, feliz ou infeliz? Antes de os deuses me pegarem em uma armadilha que eu desconhecia, feliz ou infeliz?

Clara e a irmã, pedra a pedra, sobem numa mais alta e permanecem aí, em silêncio. De um lado avistam um oceano de tranqüilidade. Do outro, estendendo-se da grande pedra, uma trilha que sobe pela encosta, uma saída da rebentação de pedras.

CLARA

E aí o tal do Édipo acabou ficando cego. Que horror, Maiá, que historinha mais triste!

A réstia de sol que havia é encoberta. E elas tomam essa trilha.

**EXT. ESTRADA BEIRAMAR, ACOSTAMENTO - MOMENTOS DEPOIS**

Maiára e Clara, esta e seu bendito chapelão na cabeça, avançam pelo acostamento, imersas na luz tênue do entardecer. Caminham num trecho de estrada sem nenhuma construção por ali, ladeado por altas e cerradas folhagens.

CLARA

(sorri)

Lembra do labirinto?

(CONTINUA)

CONTINUA:

Maiára não muito satisfeita pela lembrança.

MAIÁRA  
No porão.

CLARA  
Isso!

MAIÁRA  
É, lembro muuuito bem do labirinto no porão, da casa da cidade, logo que mudamos pra lá...

CLARA  
E saímos da Vila dos Oficiais...  
(com as mãos em prece)  
... graças a Deus!

MAIÁRA  
(sorri)  
Aos deuses.

Um CAMINHÃO DE BAÚ passa em alta velocidade.

Clara encara a irmã, sorri mordendo o lábio inferior e começa a CANTAROLAR a melodia de "Quem tem medo do lobo mau". E dança e saltita como uma criança.

CLARA  
(na melodia)  
"Quem tem medo do Minotauro, do Minotauro, do Minotauro? Quem tem medo do Minotauro...?"

MAIÁRA  
(bronca, mas sorrindo)  
Pô, Clarinha, é sacanagem, sacanagem da grossa, eu era sempre o monstro! E fique sabendo que isso foi uma grande perturbação pra minha vida, foram anos de divã pra me livrar desse...  
(cara de nojo)  
... personagem.

As duas aproximam-se do portão do pátio da casa de praia. Clara apenas cantarola a melodia, e uma vez ou outra ameaça com beliscões a caçula. Maiára emburrada, mas gosta da brincadeira.

MAIÁRA (CONT)  
Clarinha, é sério, eu é que fui a vítima. Você quer que eu tenha uma recaída, é?

CLARA  
(dança e saltita)  
"Quem tem medo do Minotauro..."

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

MAIÁRA  
Pára de cantar!

Maiára resolve então dar o troco, tenta beliscar a irmã enquanto elas atravessam o portão que dá no --

**EXT. CASA DE PRAIA DE IRENE, PÁTIO DA FRENTE**

As irmãs grudadas, num chove-não-molha de empurrões e beliscões. De repente, Maiára se afasta de Clara, ao ter olhos sobre um segundo carro, além da MINIVAN família qualquer, estacionado no pátio, um Jeep Wrangler SEM a capota removível.

CLARA  
"Do Minotauro, do Mino..."

Um silêncio constrangedor. Clara e Maiára não interrompem o passo em direção à porta da --

**INT. CASA DE PRAIA DE IRENE, SALA**

Clara, com o bendito chapelão de palha sobre a cabeça, ENTRA. Um pouco adiante, ela pára.

POV DE CLARA

Nara ao fundo. Encostada na porta de correr do terraço, tem apenas a cabeça virada para Clara.

POV DE NARA

Ao fundo, finalmente Maiára ENTRA, cautelosa, até se pôr ao abrigo das costas de Clara.

POV DE MAIÁRA

Nara lá na porta do terraço, entre o ombro de Clara e a aba de seu chapelão. Nara se volta para a paisagem oferecida pelo terraço, e Clara vira-se.

POV DAS COSTAS DE NARA

Maiára SAI com pressa pela direita. Clara estende braços inúteis para impedi-la, mantém-se assim um instante, larga os braços e se volta para a irmã mais velha.

CLARA  
Eu...

Clara dá uns passos em direção à Nara, tira e segura o chapelão contra o peito, naquela postura respeitosa.

CLARA (CONT)  
Eu estava...

Mais uns passos e Clara quase tropeça na mesinha de centro. Com o susto, vê que é melhor desfazer-se do chapelão e da bolsa de

(CONTINUA)



CONTINUA:

pano ao ombro. Ali, por exemplo, no sofá ali ao lado. E Clara retoma seu andar vagaroso.

CLARA (CONT)  
Lembrando pra Maiára a brincadeira...

Clara a uns dois passos da irmã.

CLARA (CONT)  
... do labirinto.  
(pausa, triste)  
O labirinto.

NARA (OS)  
Tinha outra.

VOLTA À CENA

Ao perfil de Nara, que procura sanar sua própria tristeza com o horizonte. E ela cruza os braços.

NARA (CONT)  
(embargada)  
Tinha também a outra brincadeira. Que fazíamos... depois que aprontávamos.

FUSÃO PARA:

**EXT/INT. CASA DA VILA DOS OFICIAIS - DIA (FLASHBACK, 1970)**

NO QUINTAL

O quintal detrás da casa térrea é um gramado aberto para os quintais das outras casas da Vila, e se vê diversos varais para secar roupas por ali e adiante.

Estendidas num varal, camisetas brancas, camisas e peças de UNIFORMES DO EXÉRCITO úmidas.

NARA (VO, CONT)  
Ah, éramos crianças muito, muito levadas.

EFEITO - A duração do tempo de uma manhã comprimida em alguns segundos, luz do sol e sombras, o balançar das roupas estendidas no varal pelo vento, etc. No decorrer dessa compressão de tempo, MANCHAS ESCURAS surgem em várias partes dessas roupas.

O tempo natural retorna. Alguém chega por trás das roupas estendidas, examina com as mãos as manchas escuras.

É Irene, uma IRENE REJUVENESCIDA uns 25 anos, num vestido florido. Ela, inconformada ao ver que será preciso uma nova lavagem, recolhe para dentro de um cesto as roupas do varal.

(CONTINUA)

CONTINUA:

NARA (VO, CONT)  
Uma pirraça atrás da outra.

NO QUARTO

Diante da janela, a deslumbrante JOVEM NARA prende contas coloridas nas tranças do cabelo da ADOLESCENTE CLARA. Esta nota sua mãe através da janela, recolhendo as roupas do varal.

NARA (VO, CONT)  
Mas não podíamos evitar.

Clara avisa a irmã mais velha e as duas se colocam de joelhos na borda da janela. As irmãs observam a mãe, sorriem e dão uma na outra leves ombradas, enquanto Irene deixa o varal carregando o cesto repleto de roupas.

NO QUINTAL

Irene, antes de entrar pela porta do fundo da casa, repara ao longe na PEQUENINA MAIÁRA, gordinha gordinha, sob uma imensa árvore no quintal.

A caçula admira algo que caiu da árvore, um grande fruto amarelo espatifado no chão, uma JACA.

NARA (VO, CONT)  
Não podíamos evitar que ela... Porque não conseguimos defender nossa mãe.

NA COZINHA

Irene e as filhas à mesa. Maiarinha, a Adolescente Clara e a Jovem Nara desfrutam das sementes adocicadas da JACA servida ao centro da mesa. Menos Irene, que discretamente se satisfaz com a gulodice nada discreta das três.

NARA (VO, CONT)  
Não conseguimos, não conseguimos.

E a mãe nem se importa de repreendê-las quando se começa a travar uma pequena batalha de sementes entre as filhas.

NA FRENTE DA CASA

Em ÂNGULO BAIXO, um carro preto estaciona no meio fio. Mal pára e da porta de trás desce umas pernas nervosas.

NARA (VO, CONT)  
Humpf, e que criança conseguiria?  
Então... aprontávamos.

Às costas do dono das pernas, um homem DE QUEPE E EM FARDAS VERDE-OLIVA que, não menos nervoso, entra na casa.

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

NARA (VO, CONT)

Mas não era só por pirraça. Nem pra provar que éramos umas insubordinadas. Era apenas...

NA COZINHA

É o CAPITÃO, que surpreende a família à mesa. De costas, ele solta bronca, suas mãos mostram manchas aqui e ali no uniforme que veste.

E as filhas mortas de medo dele, um medo que denota alguma culpa no cartório aí.

NARA (VO, CONT)

Era como se fosse um ensaio, que aperfeiçoávamos à medida que íamos crescendo, até o dia...

Mas Irene lhe faz uma cara de desafio. Ela se levanta com sua natural discricção, mas desafiante.

NO QUARTO DO CASAL

Irene deitada na cama, deprimida ou coisa pior.

NARA (VO, CONT)

(voz firme)

... da revanche, a revanche perfeita.

NO CORREDOR

O uniformizado Capitão, do pescoço para baixo, sai do quarto do casal e bate a porta, eclipsando a esposa acamada.

NARA (VO, CONT)

E crescemos e crescemos, assustadas... mas nos armando até os dentes. Pouco a pouco...

NO QUARTO DAS IRMÃS

As irmãs sentadas, cada qual numa cadeira, em semicírculo, temerosas. As costas do Capitão ENTRAM, mas ainda se percebe uma postura ameaçadora.

As mãos do Capitão se apertam de raiva uma na outra. De repente, ele larga os braços.

NARA (VO, CONT)

... até esse dia perfeito, o dia dessa assombração ir embora.. pra nunca mais.

E o Capitão SAI, para Nara e Clara suspirarem de alívio e trocarem olhares e sorrisos cúmplices. Já a pequena Maiára, a gordinha não está entendendo nada nada.

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

As mãos das irmãs, uma de cada vez, umas sobre as outras. As da caçula têm que ser conduzidas na BRINCADEIRA.

CHICOTE para os rostos de Nara e Clara, com ares de reprovação.

CHICOTE para a menorzinha, que dá um sorrizinho de que ainda não entendeu direito alguma coisa.

VOLTA PARA:

**INT. CASA DE PRAIA DE IRENE, SALA**

Nara com os olhos no horizonte. Ao embargado e lacrimoso de antes é acrescido um ódio latente.

NARA (CONT)

Se queríamos que essa assombração  
comesse do mesmo prato, que ela  
provasse a amargura que provamos...

Nara descruza os braços e vira-se para a irmã.

NARA (CONT)

... então pra esse filho da puta que  
cuspiu no próprio prato a vida toda...  
serviço completo. Pra nunca mais!

Clara, contagiada pela amargura da primogênita, apenas meneia a cabeça, confirmando. Dá enfim razão à Nara.

**INT. CASA DE PRAIA DE IRENE, COZINHA**

Da abertura que dá na sala, as duas irmãs lá na porta do terraço, frente à frente. Clara vai até Nara e elas se abraçam.

MÚSICA, "SUSIE Q", com Creedence Clearwater Revival.

Encostada na parede azulejada dessa abertura, Maiára é uma figura triste.

FUSÃO LENTA PARA:

**INT/EXT. MUSTANG EM MOVIMENTO/RUAS DA CIDADE - NOITE (FLASHBACK)**

A LUA CHEIA ao lado do rosto de Maiára na cena anterior, num céu com nuvens esparsas.

MONTAGEM - O AGITO DA NOITE

PLANOS fechados do Mustang e PLANOS abertos da agitação noturna de um final de semana:

- A) Da frente do Mustang para uma roda em movimento.
- B) As fachadas de bares e boates.
- C) Da traseira do veículo para o lado do carona.

(CONTINUA)

CONTINUA:

D) Grupos de jovens conversam e bebem na rua.

E) No ritmo de "Susie Q", a mão do carona batuca a lataria da porta.

CORTA "Susie Q".

**EXT. RUAS DA CIDADE, CRUZAMENTO**

O semáforo fecha.

A lateral de um FUSCA anos 70, todo detonado. Na primeira fila, ele aguarda abrir o sinal. Há dois jovens no Fusca, o do banco do carona está um pouco irrequieto.

O VOLUME ALTO de "Susie Q" e o Mustang ENTRAM, emparelham com o Fusca no cruzamento. Maiára ao volante. Ao lado dela, MARCO, 25 anos, o amigo com jeitão de adolescente espevitado. É ele quem batuca, no ritmo da música, a porta do carro. E que então passa a sacudir os ombros, entusiasmado com "Susie Q".

A música chama a atenção do carona do Fusca, o XAVEQUEIRO, de idade e jeitão de Marco.

POV DO XAVEQUEIRO

Maiára de luvas cortadas, óculos vermelhos e piercing de ARGOLA. Ela veste um CASAQUINHO EMPLUMADO que deixa à mostra uma blusa de cor chamativa e um provocante decote.

VOLTA À CENA

XAVEQUEIRO

(mais para si)

Susi?

(efusivo, para Maiára)

Ei, é você?

Maiára e Marco olham o Xavequeiro, que sai meio-corpo pela janela do Fusca.

XAVEQUEIRO (CONT)

É você mesma, só pode ser!

Maiára e Marco se olham. Ela sorri e meneia a cabeça. Ele, inconformado, põe a mão na testa e diminui o volume do RÁDIO. É nele que toca "Susie Q".

XAVEQUEIRO (CONT)

Susi, eu esperei a vida toda por você,  
minha vida todinha!

Envergonhado, o motorista do Fusca não sabe onde enfiar-se.

Maiára sabe. Ele encara o Xavequeiro, tira os óculos e mordisca a ponta de uma aba, mostrando-se receptiva.

(CONTINUA)

CONTINUA:

XAVEQUEIRO (CONT)  
(em dueto com a música)  
"Well, say that you'll be true, and  
never leave me blue, Susie Q".

O semáforo abre.

Maiára sorri, põe os óculos, pende a cabeça e sorri, querendo dizer: "Que pena." O Mustang é acelerado e SAI.

XAVEQUEIRO (CONT)  
Ei, boneca, onde você vai? Vai não!  
(grita)  
Susi, Susiiii? Dane-se a Barbi, eu  
quero é você!

Um carro parado atrás do Fusca buzina. O Xavequeiro provoca, cantando com estridência.

XAVEQUEIRO (CONT)  
"Well, say that you'll be mine, well,  
say that you'll be mine..."

O carro de atrás dá uma ré, vai para a pista onde estava o Mustang e breca, tem que dar passagem a uma BLAZER PRETA.

Da janela da Blazer, um braço se estende para fora e bate as cinzas de um NACO DE CHARUTO.

XAVEQUEIRO (CONT)  
(diminui até sumir a voz)  
"... baby all the time, Susie Q".

O carro de trás enfim manobra e SAI, enquanto o Xavequeiro volta frustrado para dentro do Fusca.

Quando o Fusca arranca, o carro morre. O motorista tenta e tenta, mas nada do motor pegar.

**INT/EXT. MUSTANG EM MOVIMENTO/RUAS DA CIDADE**

"Susie Q" no RÁDIO.

Marco e Maiára se entreolham sorrindo.

MARCO  
Serenata sobre rodas. O cara é um  
mala, mas foi du cacete!

MAIÁRA  
Noite de lua cheia.

MARCO  
(imita um Sir)  
When the impossible becomes possible!

Marco aumenta e muito o VOLUME de "Susie Q", para sacudir-se daquele modo de antes.

(CONTINUA)

CONTINUA:

MARCO (CONT)  
 (voz alta)  
 Não disse que essa estação é duca? Só  
 revival, Maiá, tudo anos 70, morô?

Com a música alta, Maiára parece não entender o que ele disse.

MARCO (CONT)  
 (de repente gesticula)  
 Ôpa, é ali. Encosta, encosta.

CORTA "Susie Q".

**EXT. RUAS DA CIDADE, LOCAL ERMO**

O Mustang mal estaciona no meio-fio e Marco pula para a calçada, sem abrir a porta.

MARCO  
 Teikirizi, já volto.

MAIÁRA  
 Marco!

Marco, já uns metros à frente, vira-se.

MAIÁRA (CONT)  
 Cuidado.

Ele faz um gesto de OK e, com andar de malandro, entra num edifício caindo aos pedaços.

Maiára olha para trás e para os lados, preocupada.

**INT/EXT. BLAZER/LOCAL ERMO**

POV DO INTERIOR DA BLAZER

O carro estaciona próximo de uma esquina, a meia quadra da traseira do Mustang, que se encontra na rua transversal. A esquina dá cobertura à vigilância dos ocupantes da Blazer.

DEL. RUDGE (OS)  
 As crianças vão fazer arte.

INVESTIGADOR MOTORISTA (OS)  
 Devemos aplicar um corretivo?

INVESTIGADOR PASSAGEIRO (OS)  
 E aprenderiam a lição de outro jeito?

VOLTA À CENA

Os Investigadores, virados para o banco de trás, riem.

Rudge, charuto na boca, mas apagado, faz uma cara de reprovação.

(CONTINUA)

CONTINUA:

DEL. RUDGE  
(baixinho)  
Silêncio, porra!

Repreendidos, os policiais voltam a vigiar o Mustang.

**INT/EXT. MUSTANG/LOCAL ERMO**

Maiára cabisbaixa e impaciente. E ela levanta os olhos, acompanha a aproximação de alguém até a lateral do carro.

Marco pula para dentro. Maiára não tira os olhos dele, Marco só os tem adiante. Após um momento assim, ele se vira para Maiára, algo indignado.

MARCO  
Ei, tudo nos conformes. Bora, bora.

Maiára liga o carro e este SAI. Lá atrás, a Blazer, de faróis apagados, põe-se em movimento e dobra a esquina.

**INT/EXT. MUSTANG EM MOVIMENTO/RUAS DA CIDADE**

Maiára entra à direita. A região é além de desabitada, as edificações ao redor parecem abandonadas há muito tempo.

MAIÁRA  
Um dia desses você vai me meter numa baita de uma encrenca.

MARCO  
(irônico)  
Relax, Maiá. Eu tenho receita.

MAIÁRA  
Receita? Receita?! Pô, Marco, e existe algum médico no planeta que possa autorizar esse seu tratamento?

MARCO  
(pausa, sério)  
Pô... pô, digo eu! Você é a única que me entende, Maiá, e sempre foi assim. Alugo teu ouvido tem uma pá de ano... Porra, você atura meus tratamentos desde a faculdade! E aí, quando pensei que finalmente você ia deixar de ser careta... Que aí deu um trato no visual, ficou super hype e coisa e tal... E aí você vem com essas recaídas? Antes táva valendo, tua caretice era meu... Que se dane, antes você era meu eixo, meu porto seguro. E agora você tá me deixando cafuso, Maiá, agora fico boiando! E você sabe que eu não sei boiar. Eu não bóio não, eu afundo! Então, o que tá pegando?

(CONTINUA)



CONTINUA:

Maiára dobra à esquerda, e nada. À direita, e nada.

MARCO (CONT)

Vai, pessoa, desembucha!

MAIÁRA

Sei lá, Marco! Idade, revisão de conceito, paranóia...

MARCO

Ah, tá. Então agora tu é que andas numas de nóia. Tô sabendo.

INSERT - PREPARAÇÃO DA EMBOSCADA

A mão do Investigador Passageiro gruda um giroscópio sob o teto da Blazer.

Os faróis são acesos, a velocidade é aumentada e o carro SAI.

**INT/EXT. MUSTANG EM MOVIMENTO/LOCAL DA EMBOSCADA**

A Blazer ultrapassa rapidamente e fecha o Mustang. Este freia e o motor morre.

Maiára e Marco perplexos e congelados.

MARCO

(baixinho, para si)

E que nóia.

Os Investigadores, de coletes da polícia civil, saem calmamente da Blazer. Ao lado das portas abertas, encaram Maiára e Marco.

Rudge deixa o veículo, com o charuto entre os dedos. Ele fica um momento observando ali e aqui, indiferente ao acontecido, e só depois se fixa em Maiára e Marco. Rudge leva o charuto na altura dos olhos, expressa tristeza e desconsolo, e olha oblíquo o casal no Mustang.

POV DO DEL. RUDGE

Maiára e Marco ainda paralisados. E o ponto de vista dá uma guinada para baixo, num dos faróis do Mustang, que continua aceso, mas com uma luz bem fraca.

FUSÃO PARA:

GRILAR característico do mato.

**EXT. CASEBRE DE SÍTIO, VARANDA - MAIS TARDE**

A lâmpada aparente de uma arandela. O brilho é fraco, mas em torno da lâmpada vários mosquitos procuram se aquecer.

LATIDOS ao longe.

(CONTINUA)

CONTINUA:

Ao fundo, os faróis de um veículo se aproxima lentamente. É a Blazer, que encosta paralela à varanda.

O casebre é de uma rústica alvenaria. Sua varanda, como uma plataforma, um degrau acima do solo e sem mureta de proteção.

Deixam o carro o Investigador Motorista e, do lado do carona, o Del. Rudge. Enquanto Rudge contorna pela traseira da Blazer, o Investigador abre a porta do passageiro.

Rudge chega e aguarda um momento. E Maiára enfim deixa o carro, ela de mini-saia e blusa de cor chamativa e decote provocante.

O delegado aponta a direção que Maiára deve tomar. Ela sobe na varanda, pára diante a porta de entrada e olha os dois.

Rudge sério para o subordinado, e este se lembra do que fazer. O Investigador vai até a porta e afasta Maiára, que tem um olhar desamparado.

Os SONS do molho de chave, da porta sendo destrancada e forçada para abrir.

#### **INT. CASEBRE DE SÍTIO, SALA**

A porta escancara e traz alguma luz à escuridão do lugar. Na soleira, os contornos do policial e de Maiára. Ele olha para trás e, como se recebesse uma ordem, busca o interruptor na parede de dentro. Liga e desliga várias vezes, mas nada de luz. O subordinado de novo para trás e, após uma nova ordem, adentra afobado o casebre e SAI.

Rudge assoma às costas de Maiára e ela se adianta temerosa nas sombras do lugar e estanca, quando uma claridade tênue chega do fundo da sala. O delegado de novo às costas dela.

DEL. RUDGE  
(aponta)  
Sente-se lá.

E Maiára dirige-se a uma poltrona mais adiante, um móvel em frangalhos e cheio de manchas escuras. Ao lado da poltrona, há uma mesinha com uma antiga luminária.

Diante da poltrona, Maiára espera, talvez outra ordem.

Rudge com cara de poucos amigos.

DEL. RUDGE (CONT)  
(ríspido)  
Não há outro lugar, minha jovem. Só  
pode ser aí, não é?

Maiára se senta.

DEL. RUDGE (CONT)  
(calmo)  
A luz, acenda.

(CONTINUA)

CONTINUA:

Maiára olha a luminária e depois Rudge, que finge estar inconsolável.

DEL. RUDGE (CONT)  
Bobinha. Só pode ser essa.

Ela procura o interruptor ao longo do fio da luminária, acha e acende a luz.

O Investigador chega num Del. Rudge todo sério. O subordinado se toca, vai então até a entrada e tranca a porta. Satisfeito, Rudge caminha tranqüilamente em direção à Maiára.

Em pé, Rudge tem Maiára sob os olhos. Ele se agacha. As faces frente a frente, em confronto.

A mão de Rudge simula roçar um dos joelhos descobertos de Maiára. A mini-saia é um convite. E a mão avança na coxa, próxima ao ventre dela.

Num reflexo, Maiára pega a luminária e, perto de atingi-lo, é impedida pela mão livre de Rudge, que agarra firme o pulso dela. Mãos adversárias, tensas no ar.

Maiára vermelha de raiva. Rudge, além do sorrizinho petulante, imperturbável. Ele então baixa os olhos para a mão que continua apertando a coxa de Maiára, levanta-se devagar e solta as mãos da coxa e do pulso dela.

Maiára compreende o cessar-fogo, recoloca a luminária sobre a mesinha e descansa o braço no braço da poltrona.

Num canto da sala, o Investigador expira fundo, talvez tenha pensado que a coisa ali não fosse acabar muito bem.

De repente, Rudge lança a mão contra a luminária, que se espatifa no chão, e se curva sobre Maiára, apoiando com força as mãos nos braços dela e da poltrona. A luz apenas ao fundo do sala torna o clima mais opressor.

DEL. RUDGE (CONT)  
Você acha que eu não seria capaz?  
(pausa)  
E acha mesmo que essa porra de  
silêncio me convence do contrário?!

Após um momento, Rudge solta as mãos dos braços de Maiára, endireita-se e mantém as palmas abertas, quer indicar à Maiára que ela não tem mais o que temer.

DEL. RUDGE (CONT)  
(para o Investigador)  
Humpf, não mudou nada, tudo como  
abrantos. Faziam um esforço danado pra  
não falar...  
(para Maiára)  
... mas era só uma questão de tempo.  
Uma questão de tempo...

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

O rosto intimidado de Maiára recebe a companhia da face intimidante de Rudge.

DEL. RUDGE (CONT)  
... e de método.

Mas ela evita encará-lo. E rosto de Rudge SAI.

Ele rodeia Maiára e acaba apoiando-se no espaldar da poltrona.

DEL. RUDGE (CONT)  
Seu pai... seu pai era um mestre nessas questões.

Maiára tenta conter a surpresa.

DEL. RUDGE (CONT)  
Grande homem, grande homem. Um expert. Tudo o que sei... aprendi com ele.

Rudge completa a volta trazendo consigo a mesinha da luminária.

DEL. RUDGE (CONT)  
Grande Capitão. Meu Capitão.

Diante de Maiára, Rudge faz a mesinha de cadeira, senta-se e apóia as mãos nas próprias coxas. Ele olha fundo Maiára, estranha a surpresa dela. E então compreende.

DEL. RUDGE (CONT)  
Ó, vai me dizer que você não sabia?  
(para o Investigador, sorrindo)  
Veja só, esconderam da caçula a verdade.  
(para Maiára, irônico)  
A verdade pura e cristalina.

Maiára agora tem os olhos vermelhos e marejados.

Rudge levanta-se e retira do bolso da calça fósforos e uma caixinha de lata. E, da caixinha, o naco de charuto.

Já o Investigador, num movimento automático, uma IMITAÇÃO DE iPod branco e fones de ouvido, que encaixa depressa na orelha enquanto Rudge acende o charuto.

DEL. RUDGE (CONT)  
(para o charuto aceso)  
É, eu não seria capaz. Hoje você descansa. Pois hoje, quem vai confessar umas coisinhas, pra jovem aí...  
(para Maiára)  
... sou eu.

No rosto do subordinado, uma sutil contração, quando coloca o iPod falso para tocar.

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

"HORA DESERTA", MÚSICA e letra do Lobão.

Rudge, ao lado de Maiára, inclina-se para lhe falar ao ouvido.

DEL. RUDGE (CONT)

E olha que nem me importa o que você devia ou não devia saber a respeito de vosso pai. Pros segredinhos das tuas irmãs? Não dou a mínima. Pras juras de silêncio que elas fizeram sobre o passado do Capitão? Que se fôda! Mas o que arrasa meu coração, o que me mata... Puta que o pariu! O que mata é que o Capitão seria a última pessoa nesse mundo a merecer o destino que as próprias filhas lhe reservaram.

Rudge endireita-se.

DEL. RUDGE (CONT)

Bem, desse destino... ainda não sei ao certo. Ainda.

"Hora Deserta" SOBE.

Os lábios de Rudge soltam uma longa baforada, retornam ao ouvido de Maiára e COCHICHAM, cochicham sem parar, enquanto o subordinado não pára de trepidar a cabeça ao ritmo da música.

**EXT. CASEBRE DE SÍTIO, VARANDA - AMANHECER**

A lâmpada da arandela é apagada.

MESMO PLANO de quando a Blazer encostou na varanda, mas SEM o veículo.

INSERT - Em CÂMERA RÁPIDA, o sol nasce encoberto por ralas nuvens.

**INT/EXT. BLAZER EM MOVIMENTO/ESTRADA DE TERRA - DIA**

No banco de trás, Maiára, apática ou coisa pior, olha através da janela. Mas seu reflexo no vidro e a poeira da estrada impedem uma visão nítida da paisagem lá fora.

O veículo balança bastante, roda num trecho bem esburacado.

**EXT. RUAS DA CIDADE, LOCAL DA DEVOLUÇÃO**

A frente da Blazer, suja da poeira da estrada, estaciona no meio-fio. O veículo chega muito rápido e freia repentino.

Rudge sai da Blazer bastante nervoso. Já o Investigador Motorista, com excessiva cautela. O delegado põe a mão na cabeça, esta de lá pra cá.

(CONTINUA)

CONTINUA:

DEL. RUDGE  
(com os lábios)  
Não acredito, não acredito.

No capô do Mustang, dormem Marco e o Investigador Passageiro. Este, abraçado a uma garrafa de cerveja, faz de coberta o CASAQUINHO EMPLUMADO de Maiára. Marco também não larga uma garrafa vazia, e veste o colete do policial.

Maiára sai da Blazer, dá uns passos e pára no meio da rua.

POV DE MAIÁRA

Que percorre a fachada do bar em frente, o amontoado de lixo e as garrafas ao chão, a rua vazia e enfim Marco no capô do Mustang, que acorda e olha meio bêbado para Maiára.

E o ponto de vista começa a girar, gira e gira em seu próprio eixo até fixar-se no céu puro e cristalino da manhã.

VOLTA À CENA

Em ÂNGULO ALTO, Maiára, apática ou coisa pior, olha o céu.

**INT. MUSTANG EM MOVIMENTO**

"Hora Deserta" no timbre de RÁDIO.

Do capô dianteiro, Maiára atenta ao volante. E ela dá uma visada para o banco do carona.

POV DE MAIÁRA

Marco dorme encolhido no banco, a porta lhe serve de encosto, o casaquinho emplumado de Maiára, de cobertor.

VOLTA À CENA

Ao dobrar uma esquina, a extensão lateral do Mustang.

**EXT. TRILHA NA MATA - MADRUGADA**

"Hora Deserta" ENCHE a cena.

A lateral de um automóvel bege claro ENTRA bem devagar e estaciona. As pernas do motorista deixam o veículo e a porta é encostada cuidadosamente. As pernas seguem na trilha, SAEM e descortinam a roda dianteira do automóvel, de FIOS CROMADOS.

POV DO DESCONHECIDO

A trilha num trecho de folhagem cerrada, que precisa ser afastada, também com muito cuidado, pelas mãos do Desconhecido.

**INT. MUSTANG EM MOVIMENTO**

"Hora Deserta" no RÁDIO.

POV DE MARCO

Maiára encolhida no banco do carona e coberta pelo casaquinho emplumado, como Marco antes. Mas ela não dorme, tem os olhos abertos, distantes ou coisa pior.

VOLTA À CENA

Marco dirige. Mas ele de lá pra cá, para a amiga e adiante. Além de sóbrio, Marco se mostra preocupado com Maiára.

**INT/EXT. EDIFÍCIO DE MAIÁRA - DIA**

"Hora Deserta" ENCHE a cena.

O edifício, de uns dez andares ou mais, do outro lado da rua. O Mustang chega e estaciona em frente. Maiára sai pela porta do carona arrastando o casaquinho emplumado, entra no edifício e o carro vai embora.

NO ELEVADOR

Maiára apática ou coisa pior, enquanto o elevador sobe uma subida interminável.

Em ÂNGULO ALTO, Maiára ergue os olhos para esse destino que parece nunca chegar.

NO CORREDOR DO PAVIMENTO

Ao fundo, Maiára abre a porta do seu apartamento.

NA SALA DO APÊ

De costas, Maiára fecha a porta, joga não se sabe onde o casaquinho emplumado e SAI.

EFEITO - A porta pulsa uma vez, como uma bolha.

NA CALÇADA

Da janela de um pavimento alto, papéis, dezenas deles, são atirados para fora. Logo depois, um punhado de livros despenca.

NO PAREDÃO LATERAL

A CÂMERA na vertical. Da janela do andar inferior, mais livros e papéis impressos e anotações e textos atirados para fora.

A CÂMERA na janela do escritório de Maiára. Com uma braçada explosiva, ela varre da mesa de trabalho o que restou dali, luminária, porta-canetas, demais objetos, e SAI.

NO ESCRITÓRIO DO APÊ

(CONTINUA)

CONTINUA:

Maiára de costas, num canto do cômodo onde há a conjunção de duas estantes de ferro apinhadas de livros. A primeira estante é posta abaixo. E é a vez da segunda.

No rosto de Maiára, fúria e choro convulsivos. Mas as pernas vacilam e ela cai ajoelhada. Tem ainda forças para rasgar as páginas de um ou outro livro ali no chão, mas o ímpeto inicial se esgota. A Maiára só resta chorar.

O queixo dela vai ao chão, fios e fios de saliva ao chão. De quatro, Maiára chora um choro escancarado.

INSERT - QUARTO DO PESADELO

FOTOGRAFIA característica desse quarto.

A CÂMERA desloca-se no sentido contrário das vezes anteriores, agora da cabeceira até os pés da cama. E agora as cortinas NÃO balançam, agora não há NINGUÉM lá.

**EXT. TRILHA NA MATA - MADRUGADA**

POV DO DESCONHECIDO

FOTOGRAFIA do pesadelo de Nara. A trilha se alarga, as folhagens deixam de ser obstáculos.

**EXT. CASEBRE DE SÍTIO, VARANDA**

A mesma arandela. Mas NENHUM inseto em volta da lâmpada.

**INT. CASEBRE DE SÍTIO, SALA**

O Investigador Motorista, iPod falso, fones de ouvido e tudo, chacoalha-se como uma betoneira, curte "Hora Deserta"

CHICOTE para o Investigador Passageiro, que dorme bêbado numa cadeira, sem largar a garrafa de cerveja. Um espasmo de vigília, e retorna a seu estado lamentável.

CHICOTE para um inconsolável Rudge, que talvez se pergunta onde arrumou esses inúteis auxiliares. Dá então uma tragada forte no charuto e admira a incandescência, parece aprová-la.

Atrás dele, a poltrona, a mesma onde o delegado afligiu Maiára. Rudge vira-se e desfere a brasa do charuto no rosto de alguém sentado na poltrona, o TORTURADO.

O GRITO pungente dessa vítima.

CHICOTE para o Investigador com seu iPod, a mil com a música.

INSERT - POV DO DESCONHECIDO

O ponto de vista numa dança suave em seu próprio eixo.

(CONTINUA)



CONTINUA:

A varanda e a entrada do casebre cada vez mais perto, cada vez mais. O Desconhecido sobe na varanda, ele a um passo da porta.

VOLTA À CENA

A porta é arrombada, uma pernada violentíssima no meio dela.

CHICOTE para o Investigador Motorista, que saca uma 38 de cano curto, mas se enrosca todo nos fios do fone de ouvido. Dois disparos lhe atingem e o corpo é lançado para trás.

Cola-se à CÂMERA a boca fumegante de um revólver de cano longo e reluzente. Mas o Desconhecido tem duas armas. Braços abertos, uma automática é apontada para o lado oposto da sala.

O cano da automática cola-se na testa do Investigador Passageiro, ele ainda na cadeira, mas bem desperto, apavorado.

A mão do policial solta a garrafinha de cerveja.

POV DO DESCONHECIDO

A automática é desencostada da testa do policial e, num gesto hábil, a mão do Desconhecido desempunha a arma e dá uma coronhada na cabeça do policial, que desaba inconsciente.

VOLTA À CENA

Na mesinha da luminária, um revólver no coldre. Os dedos de Rudge ENTRAM cautelosos e roçam a arma.

A automática do Desconhecido retorna habilmente empunhada e junta-se na mira com sua colega de cano longo e reluzente. E esta, como se fosse um dedo em riste, num gesto negativo desaconselha Rudge.

POV DO DESCONHECIDO

O braço de Rudge acata e gruda-se ao corpo, qual uma posição de sentido. Uns tiques nervosos acometem o delegado.

POV DO DEL. RUDGE

Gil, o Desconhecido é Gil. Com um sorrizinho vitorioso, ele aponta com os olhos alguma coisa no chão.

VOLTA À CENA

Rudge meio sem jeito olha para baixo, próximo aos pés.

O naco de charuto que ainda queima, entre os pés da mesinha e as pernas de Rudge.

Rudge dá uma passada lateral e vê-se o braço de sua vítima, que pende da poltrona. Na mão do Torturado, queimaduras produzidas pela brasa do charuto.

FIM de "Hora Deserta".

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

Gil abaixa as duas armas.

GIL  
Toco del fuego.

Rudge de viés para o inconsciente Torturado, com as faces ensangüentadas.

GIL (OS, CONT)  
Velhos hábitos...

Rudge atento a Gil.

GIL (CONT)  
... que fazem o carrasco.

O rosto contraído e severo de Gil, ao apontar rápido o revólver de cano longo e reluzente.

CONGELA em Rudge de queixo caído, naquela expressão líquida e certa de ser alvejado.

LÉO (VO)  
É, e se livrou mesmo. Deu um belo dum jeito no...

VOLTA PARA:

**INT. PIANO BÁRBARO, SALÃO - MAIS TARDE (DEPOIS DE TUDO)**

Léo dá um gole de uísque.

LÉO (CONT)  
... hum, carrasco.

Ele limpa a boca umedecida e devolve o copo à mesa. É do copo de Gil que Léo bebeu, o dele encontra-se vazio.

LÉO (CONT)  
E como nos velhos tempos, fulminante.

Léo se ajeita na cadeira, cruza as mãos atrás da nuca, fita o palco e abre um enorme sorriso.

LÉO (CONT)  
(pausado)  
Como nos velhos tempos.

Em Gil, a mesma expressão, contraída e severa, do instante anterior ao disparo contra Rudge.

VOLTA PARA:

**INT. APÊ DE MAIÁRA, ESCRITÓRIO - ENTARDECER**

POV DESCONHECIDO

(CONTINUA)

CONTINUA:

Da janela aberta, uma luz azulada do final da tarde. A Subjetiva vira-se para a PENUMBRA do escritório e mostra aqui e ali o lugar todo revirado pela fúria de Maiára, as estantes, os livros rasgados e demais objetos ao chão. E encaminha-se para a --

**INT. APÊ DE MAIÁRA, SALA**

ILUMINADA. Ao fundo, no sofá, Maiára no colo de um homem que não se reconhece, ela encolhida como numa posição fetal.

VOLTA À CENA

A mão desse homem acaricia os cabelos de Maiára.

É Gil, Gil é quem de modo paternal lhe consola. Mas enquanto afaga os cabelos de Maiára, mantém o olhar distante.

VOLTA PARA:

**INT. CASA DE PRAIA DE IRENE, COZINHA - ENTARDECER (DEPOIS DE TUDO)**

Da parede de azulejos à abertura que dá na sala. Ao fundo, sob a porta do terraço, Nara e Clara se abraçam.

**INT. CASA DE PRAIA DE IRENE, SALA**

As irmãs abraçadas sob a porta do terraço, Clara de costas.

Maiára ENTRA e fica diante delas. Nara desaconchega a cabeça do ombro Clara e esta se vira.

A caçula mostra-se penitente.

NARA

(triste)

O Gil... o Gil me contou o que aconteceu. Sinto muito, sinto muito.

(lacrimosa)

Sinto tanto...

Nara abre os braços para a caçula e esta retrocede, com as palmas das mãos abertas. Talvez queira dizer não, que ela não quer o abraço. Mas ao baixar as mãos, as palmas para cima e os antebraços na horizontal, Maiára mostra o que realmente quer.

Nara e Clara olham as mãos da caçula, sem entender.

Nara ergue uma expressão de que descobriu a resposta. Clara ainda observa interrogativa as mãos da irmã menor.

E as mãos de Nara se postam delicadamente acima e abaixo da mão direita de Maiára, fazem dela um sanduíche.

Clara se toca.

(CONTINUA)

CONTINUA:

CLARA  
(baixinho)  
Aaaah...

O sanduíche das mãos ganha as de Clara, um sanduíche no sanduíche. E Maiára pouso a mão livre em cima do sanduíche.

Com rapidez, Nara retira a mão de baixo e a coloca também por cima. E é a vez de Maiára, e a de Clara, as duas agora mais espertas. De novo Nara e assim por diante.

A dinâmica da brincadeira das pazes se acelera cada vez mais. Elas riem e riem e se descontrolam nesses risos à medida que o ritmo da brincadeira também se descontrola.

FADE TO BLACK.

LEGENDA: EM MEMÓRIA DAS CINZAS, SOLIDÁRIAS

FUSÃO PARA:

Uma DIGITAÇÃO, com uma e outra pausa.

LEGENDA: E A NOSSOS MEDOS E DÚVIDAS FORA DE TEMPO, EM HOMENAGEM

**INT. APÊ DE MAIÁRA, ESCRITÓRIO - NOITE (TEMPOS DEPOIS)**

Os dedos de Maiára trabalham no teclado do computador. E cessam por um momento, repousam no teclado, prontos para continuar.

O SOM do COMUNICADOR ICQ, ao chegar uma mensagem. Uma pausa.

MAIÁRA  
Pô, Marco, tenha dó. Estamos nisso há horas!

Os dedos voltam à carga.

MAIÁRA (CONT)  
Porque sua mãe pra cá, porque seu pai pra lá, porque você quer ter vida de artista e eles não te bancam.

A mesa de trabalho de Maiára. Apenas a luminária, um caderno sob um livro e duas canetas. O resto da mesa vazia, vazia.

MAIÁRA (OS, CONT)  
Mas você, que diz ter todo um perfil e potencial pra coisa, nunca botou a mão na massa, pra provar e comprovar.

Do batente da porta às duas estantes no encontro das paredes. Nelas, os livros repostos, mas há mais espaços vazios do que livros a preenchê-los.

(CONTINUA)

CONTINUA:

MAIÁRA (OS, CONT)

Na buena, Marco, acho que não vamos chegar a lugar algum. Aliás, não saímos nem do lugar.

Da janela, com a persiana até embaixo, à Maiára, que digita e "discute" com o monitor.

MAIÁRA (CONT)

Pô, estamos andando em círculos!

O indicador pressiona nervoso a tecla ENTER.

POV DO MONITOR

Maiára, bufando, recosta-se na cadeira.

INTERCUT COM:

**INT. CIBERCAFÉ**

POV DO MONITOR

Marco avança o dorso devagar. Quase gruda ao monitor enquanto lê só com os lábios.

MARCO

... hã? Círculos?!

E começa a digitar.

MARCO (CONT)

Porra, tenha dó você, que não tá na minha pele. Eu tô numa bad trip, mulher!

VOLTA À CENA

Marco usa um NOTEBOOK, numa mesa redonda vizinha a algumas outras. O Cybercafé é também um HOT-SPOT. Perto da mesa, uma fileira de Desktops, com seus usuários contra a parede. Um e outro, incomodados, viram-se para Marco.

NO ESCRITÓRIO DO APÊ

Maiára, com as mãos sobre a cabeça, lê o monitor.

MAIÁRA

... que menino mimado. Tá precisando é de uma bela duma sova.

Ao debruçar-se para digitar, o SOM do ICQ.

No monitor:

"Autoriza CAMALEÃO VAZIO?"

Maiára surpreende-se.

(CONTINUA)

CONTINUA:

MAIÁRA  
Camaleão...?

A boca de Maiára, que abre um sorriso.

MAIÁRA (CONT)  
Gil.

VOLTA À CENA

No Notebook de Marco, o SOM do ICQ, uma nova mensagem.

MARCO  
Depois nos falamos?

E ele digita.

MARCO (CONT)  
E vai me abandonar assim, no meio da  
sessão, doutora?!

Marco espera. Após um momento, o SOM do ICQ.

MARCO  
(lendo)  
Ah, então me deu alta. Agora eu já  
posso... O quê? Catar umas mina nas  
salas de sexo virtual?!

E então digita, furiosamente.

No monitor:

"@#R)\$&\*W&##\*@( \*(&^% ^\$%\$#@@S!!!!!!"

E furioso pressiona ENTER.

Uma pausa, o SOM do ICQ e Marco levanta-se de supetão.

MARCO  
Vai catar coquinho você! Sua, sua...  
Ah, é, sua vaca?! Te denuncio pro  
Conselho de Psicologia e... E tem  
mais!

Um e outro dos usuários do Cibercafé prestes a perderem a paciência, enquanto Marco perde de vez a compostura, com o dedo em riste para o Notebook.

MARCO (CONT)  
Pode esquecer o carro! Você nunca  
mais, mas nunca mais vai dirigir o  
Mustang, tá entendido?! Você não  
encosta mais nem um dedinho no  
Mustang! E ai de você se tentar chegar  
perto dele. Boto você no pau, eu te  
processo, te lasco uma medida  
restritiva... Que meu pai, meu pai é  
(MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

MARCO (CONT)  
advogado fodão! É... E cheio da  
bufunfa. Ele pode, meu pai bancou um  
Mustang todinho pra mim, só pra mim,  
sua cuzona.

NO ESCRITÓRIO DO APÊ

O SOM do ICQ. E Maiára abre os braços.

No monitor:

"Camaleão Vazio: O TELEFONE..."

MAIÁRA (OS)  
Que telefone?

VOLTA À CENA

Marco ainda com o dedo em riste para o Notebook.

MARCO  
Sua, sua... Ei!

E ele se debruça.

No monitor, em letras garrafais:

"GAME OVER"

E a tela é preenchida com letras pouco legíveis, como PICHACÕES.

Confuso, Marco olha de lá pra cá.

MARCO (CONT)  
Mas, mas...

Em todos os monitores do Cibercafé se reproduzem o GAME OVER e as PICHACÕES, o que causa um alvoroço entre os frequentadores. Distingue-se três acusações: "Vírus", "Invasão", "Hacker".

A única pessoa inabalável nessa balbúrdia toda, sentada diante um terminal próximo a Marco, vira-se na cadeira giratória.

É Gil, telefone celular ao ouvido, um APARELHO FLIP e GORDO, das antigas. Ele deixa a cadeira giratória e SAI.

Ao sair, descortina a único monitor incólume ali. O computador que Gil operava NÃO foi invadido.

NO ESCRITÓRIO DO APÊ

Maiára de braços abertos e boquiaberta.

No monitor, em letras garrafais:

"GAME OVER"

A tela preenchida com as PICHACÕES.

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

Maiára parece se lembrar de algo, levanta-se e corre para a --

**INT. APÊ DE MAIÁRA, SALA**

FORA do gancho, o telefone preto e antigo sobre a mesinha.

Maiára chega apressada e coloca o fone no gancho. Com a mão ainda nele, o telefone TOCA e de pronto ela atende.

MAIÁRA

Gil.

INTERCUT COM:

**EXT. RUA DO CIBERCAFÉ**

Gil, celular ao ouvido, à saída do Cybercafé, ganha a calçada. Ele caminhará durante toda a conversa com Maiára.

GIL

Já estava desistindo.

MAIÁRA (VO)

Me desculpe. É que eu...

GIL

Não. Eu que peço. Por interromper a... consulta.

NA SALA DO APÊ

Maiára se agacha, pernas cruzadas no chão.

MAIÁRA

(surpresa)

Minha nossa...

(irônica)

Olha, você teve as manhas de cometer um duplo delito aí. Hackear rede e invadir privacidade dá cadeia, camarada. E mais. O que se passa entre analista e analisado, mesmo em ambiente virtual, é sigiloso, viu? A lei nos protege.

GIL (VO)

Yo no creo en jaulas. Mesmo dessas aí.

MAIÁRA

Pero que las hay, las hay.

VOLTA À CENA

Gil ri. Uma pausa.

GIL

Hum, acho melhor te avisar. Pelo que ouvi de seu paciente... Digo, quando  
(MAIS)

(CONTINUA)



CONTINUA:

GIL (CONT)

publicamente ele perdeu as estribeiras lá no Cibercafé... acho que você não vai pegar o Mustang emprestado tão cedo.

NA SALA DO APÊ

Em Maiára a surpresa é demais.

MAIÁRA

Então... ainda por cima... você também estava lá? Ora, ora.

(desdém)

Mas já imaginava, o Mustang é o ponto fraco dele, o brinquedinho que ele se recusa a partilhar quando lhe contrariam.

(conformada)

Rá, que se dane. Nem vou precisar mais. Estava pensando em comprar um Fusca 66. Mas conversível, um Fusquinha conversível. Chique, não?

GIL (VO)

É muito mais a sua cara.

Uma tristeza anuvia Maiára.

MAIÁRA

Gil? Isso é uma despedida, não é?

GIL (VO)

Talvez.

(pausa)

Estava pretendendo passar uma temporada em Cuba, uma longa temporada. Humpf, viver a vida lá antes que ilha do Fidel se afunde.

MAIÁRA

Cuba. Cuba já devia ter virado patrimônio da humanidade há muito tempo.

(pausa, sem graça)

E você... já se despediu da Nara?

VOLTA À CENA

Gil detém o passo num trecho escuro da rua. Agora é ele sem nenhuma graça.

MÚSICA "JUST IN TIME" com Maysa, do LP homônimo de 1966.

As pernas de Gil recomeçam a andar, dobram uma esquina e SAEM.

FUSÃO PARA:

**INT. GALERIA DE ARTE - DIA (FLASHBACK)**

Expostas numa parede, uma fileira de fotografias em P&B de EVANDRO TEIXEIRA, cujo tema não poderia ser outro: a Golpe de 1964 que instaura a DITADURA MILITAR no país, com imagens de manifestações públicas, perseguição policial ou das forças armadas a elas, etc.

EM DETALHE, a foto da manifestação dos Cem Mil na Cinelândia, Rio de Janeiro, em junho de 1968: um mar de cabeças sobre o qual desponta uma única faixa: ABAIXO A DITADURA / POVO NO PODER.

A um palmo da célebre fotografia, ENTRAM mãos femininas que gesticulam e gesticulam.

Ciro de costas, ele admira a célebre imagem. Nara é a dona das mãos que não param quietas. Ao lado da fotografia, ela parece dar explicações a Ciro, com algum fervor.

E Nara se aquieta toda, como se perguntasse: "Entendeu?" Ciro cruza os braços, põe a mão no queixo, pensa, pensa e abre tímido os braços, em dúvida. Séria, Nara abre uns braços nada tímidos, qual um: "Como não?" De repente, um sorriso generoso. Ela põe as mãos na faces de Ciro, lhe dá um selinho na boca e um abraço.

Ciro de costas, Nara abraçada a ele, a cabeça confortada ao ombro, olhos fechados, sorridente. Quando abre os olhos, perde o sorriso.

POV DE NARA

Gil fixo em Nara, uma expressão algo melancólica. E ele não sabe mais onde enfiar os olhos, a despedida revela-se difícil.

POV DE GIL

Nara aperta os olhos, talvez queira segurar uma emoção maior. Contra isso, aninha-se mais no ombro de Ciro.

POV DE NARA

Gil ergue o olhar, um menos triste, e SAI.

POV DE GIL

Nara abre os olhos e fica um momento assim, indiferente.

VOLTA À CENA

Ela se desaninha do ombro de Ciro e lhe encara com aquele sorriso generoso.

Ciro responde com ternura. Retira com a ponta do dedo um CÍLIO grudado no rosto de Nara e lhe aperta de forma carinhosa o NARIZ. Ela entende o recado e lhe abraça forte.

**EXT. RUA DA GALERIA DE ARTE**

Gil, à saída da Galeria, chega na calçada.

As pernas decididas de Gil um bom pedaço nela.

VOLTA PARA:

**EXT. RUAS DA CIDADE - MOMENTOS DEPOIS**

As pernas decididas de Gil em SENTIDO CONTRÁRIO.

"Just in Time" nos METAIS SILENCIA.

NA SALA DO APÊ

Maiára ainda de pernas cruzadas no chão.

MAIÁRA

Um expert em despedidas, sempre.

VOLTA À CENA

No rosto de Gil, a confirmação resignada. Uma pausa.

GIL

Você sabe que... Você e suas irmãs não têm mais com que se preocupar, você compreende isso?

NA SALA DO APÊ

Maiára, num ódio resignado, parece compreender.

GIL (VO, CONT)

Vou tomar seu silêncio como um sim.  
Adeus.

VOLTA À CENA

Gil desliga o celular.

O SOM de um caminhão em ponto-morto SOBE. FEIXES de luz laranja, como de um giroscópio.

Umás passadas adiante e Gil joga o telefone celular na parte de trás de um CAMINHÃO DE LIXO. Em sentido oposto, um LIXEIRO cruza apressado por ele, carregando uns sacos enormes de lixo. O caminhão da coleta é deixado para trás e Gil atravessa uma rua.

O SOM ALTO do equipamento da caçamba ao comprimir o lixo.

NA SALA DO APÊ

SILÊNCIO. O telefone recebe a mão resignada de Maiára, que retorna o bocal no gancho e SAI.

(CONTINUA)

CONTINUA:

MAIÁRA (OS)  
(baixinho)  
Um expert.

VOLTA À CENA

O SOM da compressão do lixo DESDE.

As pernas de Gil avançam pela calçada. Lá atrás, o Caminhão de Lixo dobra a esquina e SAI. As pernas passam por alguns carros estacionados em 30 graus no meio-fio, e estacam.

Gil vira-se para o último veículo assim embicado, um MAVERICK AMARELO estilo esportivo, com faixas pretas em cima da carroceria, de ponta a ponta.

Ao volante, Léo, que põe meia-cabeça janela afora e, com o braço que descansa na lataria, indica alguma coisa para Gil.

Gil volta-se para a prédio atrás dele e ergue o olhar.

POV DE GIL

Acima, uma placa: INSTITUTO MÉDIO LEGAL - IML.

**INT. INSTALAÇÕES DO IML, SALA REFRIGERADA**

Um gavetão onde se acondiciona defuntos é aberto ao lado da cintura de um homem de terno.

As pernas alguém de AVENTAL BRANCO vai para o lado oposto. Vê-se que junto às pernas do homem de terno há uma maleta 007.

Mãos com luvas de látex levantam o plástico o conteúdo do gavetão para a vista do homem de terno.

O Dr. Viana é esse homem, ele com a cara meio de lado e uma careta de nojo.

DR. VIANA  
Meu Deus, cubra isso!

As mãos enluvadas acatam, mãos do MÉDICO LEGISTA, fisicamente semelhante ao Del. Rudge.

MÉDICO LEGISTA  
Feio, não? Quando encontraram o corpo  
já estava assim, em franca, hum,  
decomposição.

O Médico ergue um pouco o plástico, apenas para a própria vista.

MÉDICO LEGISTA (CONT)  
(para o corpo)  
Agora, só incinerando. O eminente e  
amável delegado Rudge Ramos...  
(para Viana)  
... vai virar cinzas! Ele...

(CONTINUA)

CONTINUA:

Viana de soslaio, ainda o nojo. E o Médico olha um gavetão fechado atrás dele.

MÉDICO LEGISTA (CONT)

.. o outro aí, no mesmo estado, hum, lastimável. Isso porque o colega desse outro aí, também subordinado...

(para o corpo de Rudge)

... deste aqui, demorou mais de uma semana pra reportar o local da, hum, ocorrência.

O Médico, de modo solene, recobre e coloca a mão enluvada no peito do corpo. Uma pausa.

MÉDICO LEGISTA (CONT)

Bom, reportar é modo de dizer. Coitado.

(para Viana)

Encontraram ele, o sobrevivente, enfurnado num quartinho de pensão na Boca do Lixo, em completo pânico. E só saiu de lá em camisa-de-força, à força. Humpf, um borra-botas.

DR. VIANA

E... e a investigação? Alguma pista de quem fez...

(a careta de nojo)

... isso?

MÉDICO LEGISTA

Investigação? Rá, ninguém quer saber. Feridas antigas, Viana. Todo mundo cheio de dedos, e nenhum deles com a mínima disposição, nenhuma vontade de tocar... você sabe, essas feridas. Cá entre nós? Foi um alívio geral pro povo lá de cima, pra cúpula. É o boato que corre.

O Médico Legista na ponta do gavetão, pronto para fechá-lo.

MÉDICO LEGISTA (CONT)

E quem ainda se importa? Enfim, há males que vem pra bem.

"Just in Time" REINICIA nos METAIS.

Do fundo do gavetão, este é fechado e tudo ESCURECE.

**EXT. INSTALAÇÕES DO IML, ESTACIONAMENTO - MAIS TARDE**

O alinhado Dr. Viana, com a habitual maleta 007, deixa o IML e caminha ao longo de uma parede externa do prédio.

Viana tira do bolso do paletó um molho de chaves. De cabeça baixa, pensativo, prossegue, dobra a esquina das paredes

(CONTINUA)

CONTINUA:

externas, tromba em alguém encostado aí, as BRASAS DE UM CIGARRO ACESO espatifam-se no paletó de Viana e ele deixa cair o molho de chaves no chão, ao longe.

Gil é o fumante responsável pelo acidente, um Gil melindroso, colado à Viana e já passando várias vezes a mão no paletó dele, no ponto onde o cigarro lhe atingiu.

GIL  
(algo fingido)  
Mil perdões, meu senhor, mil perdões.  
Mas que desastrado eu fui!

Viana, de assustado a indignado, dá dois passos para trás, alterna olhar o desastrado e o próprio paletó e faz o que Gil fazia, limpa com a mão o alvo do cigarro.

DR. VIANA  
(resmungão)  
É, realmente... um desastre. E imperdoável, imperdoável... Ainda por cima num pano desses? Um... legítimo e... exclusivo linho italiano?

E Gil abre um sorriso abobalhado. Viana presta uma melhor atenção ao desastrado e o susto inicial retorna.

GIL  
Nós... já nos encontramos antes? O senhor me parece tão familiar...

Viana claudica para atrás e o pé roça no molho de chaves ao chão. Ele pega afobado as chaves e volta, mais assustado ainda, a olhar Gil.

POV DE VIANA

O rosto sorridente e abobalhado de Gil.

INSERT - GIL NO CASEBRE DE SÍTIO AO FINALIZAR SEU "TRABALHO"

No MESMO ÂNGULO, Gil com o mesmo sorriso estampado e cigarro aceso na boca. Ele traz os braços em cruz contra o peito. Nas mãos, o revólver de cano longo e reluzente e a automática.

"Just in Time" ECOA e SILENCIA.

VOLTA À CENA

Os dois frente a frente. Viana se esforça para manter as aparências. Quase em pânico, retoma seu caminho e anda meio de lado, sem dar totalmente as costas a Gil.

DR. VIANA  
Não, não, creio que não. Certamente que não. Me desculpe, mas... tenho um compromisso... um compromisso importante. Eu sou um homem ocupado  
(MAIS)

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

DR. VIANA (CONT)  
e... e muito importante. Um advogado  
conhecido e... e muito influente.

Ele dá de vez as costas a Gil e aperta o passo.

O aviso curto do ALARME de um carro.

Viana chega no SEDAN luxuoso ao fundo, numa vaga imersa nas  
sombras de umas árvores e da noite.

Gil é apenas aquele sorriso abestalhado.

Aos SONS da porta do Sedan sendo fechada, do motor e das  
manobras do veículo, Gil meneia a cabeça, vira-se e SAI.

**INT/EXT. MAVERICK/RUA DO IML - MOMENTOS DEPOIS**

Gil entra no carro, sem botar os olhos no companheiro.

LÉO  
E aí?  
(pausa)  
E então, Gil?!

GIL  
Deixa pra lá.  
(pausa, vira-se para Léo)  
Não vale a pena.

Sisudo, Léo observa Gil um momento.

LÉO  
Põe o cinto.

"Just in Time" REINICIA nos METAIS.

Léo se prepara ao volante, ele usa LUVAS pretas de corrida,  
aquelas sem as pontas dos dedos.

Na vaga, a frente do Maverick. Dois RONCOS de motor ameaçadores,  
o veículo dá ré e alinha-se na rua, com Gil ainda colocando o  
cinto de segurança. Mais RONCOS, o Maverick CANTA PNEU e SAI.

**INT. MAVERICK EM MOVIMENTO**

A mão de Léo no câmbio muda as marchas rapidamente, uma, duas,  
três vezes, o motor do Maverick em giro alto.

Gil boquiaberto, olhos arregalados, costas prensadas no banco do  
carona, uma mão no console e outra no teto. E ele vira  
lentamente a cabeça para Léo.

Léo, de soslaio para Gil, volta sua atenção adiante, expira  
contrariado e reduz a marcha, a uma velocidade razoável.

Do capô do veículo, um Léo sisudo e Gil tranqüilizado, que se  
ajeita no banco do carona a uma posição natural.

(CONTINUA)

CONTINUA:

No rosto de Gil, a expressão tranqüila ganha o sorriso abestalhado que fez à Viana.

FUSÃO PARA:

**INT. CASA DE PRAIA DE IRENE, SALA - DIA (TEMPOS DEPOIS)**

"Just in Time" ECOA e SILENCIA.

O rosto de Nara risonho e abestalhado, como se encarasse algo à sua frente.

Maiára acomodada no sofá. E incomodada, ela evita olhar adiante.

Maiára e Nara sentadas frente à frente. Nara, numa poltrona, pende a cabeça de lá pra cá, qual um robô. Já Maiára meneia a sua, em negativas, qual um: "Essa aí não tem jeito". Uma pausa.

MAIÁRA

(séria)

Quando a Clarinha ligou... ela já estava saindo da balsa, não estava?

NARA

(abobalhada)

Hã-rã.

MAIÁRA

(mais para si)

Já devia ter chegado.

NARA

Hã-rã.

MAIÁRA

Será que... Será que aconteceu alguma coisa?

NARA

Hã-rã.

MAIÁRA

(indignada)

Hã-rã?!

NARA

(normal)

Pensando bem... a voz dela estava meio estranho. Estranho, muito estran...

MAIÁRA

E ela falou do risoto? Clarinha prometeu, ela jurou de pé junto que ia trazer o risoto, uma travessa inteirinha de risoto.

(solícita)

Ela falou do risoto, falou?

(CONTINUA)



CONTINUA:

NARA

Mas que diabo de risoto é esse?!

MAIÁRA

(abobalhada)

Hã-rã!

Nara sorri, transforma o sorriso no abestalhado de antes e começa uma mímica. Ela gira o pulso abrindo a palma da mão e faz o mesmo com a outra mão, mostra que não há nada nelas. Ergue-se repentino e, meio agachada, avança até Maiára e estica o braço.

Numa face da caçula um leve espasmo, quando a mão de Nara chega e se oculta ao lado da orelha oposta. E a mão sai lentamente detrás da orelha. Na ponta dos dedos, uma velha FITA K-7 BASF.

Maiára boquiaberta. E sorri, aprovando a mágica muito bem feita. Em pé, Nara chacoalha a fita K-7. Ela então se vira e SAI, deixando Maiára interrogativa.

POV DE MAIÁRA

Nara chega numa estante na parede. Mesmo de costas, percebe-se que ela faz alguma operação com a fita K-7.

"Just in Time" RECOMEÇA.

Nara vira-se para a sala já DUBLANDO Maysa em "Just in Time". E ela dubla de corpo e alma, como se ela mesma fosse a intérprete, aproximando-se de Maiára numa dança inspirada.

VOLTA À CENA

Nara, após um giro de corpo, diante da caçula. Surpreendida, Maiára deixa-se levar pelas mãos da irmã. Nara puxa a caçula para si e esse puxão faz dela um iô-iô, Maiára é lançada adiante e trazida de volta, para o corpo de Nara, que logo trata de pegar a outra mão da caçula e conduzi-la na dança.

As duas valsam e valsam agarradinhas. A primogênita, tomada pelo sentimento da música, inclina-se sedutora sobre a caçula, que apenas se deixa conduzir na dança, completamente indefesa.

NARA

(entusiasmada)

"Now you're here!"

E de novo Maiára um iô-iô. Mas solta a mão da caçula, que vacila e quase cai, enquanto Nara dá um giro sobre si mesma.

NARA (CONT)

"And now I known just wher..."

Um BAQUE lá fora, talvez uma lixeira abalroada.

"Just in Time" DESCE.

Nara e Maiára atentas para a entrada da casa.

(CONTINUA)

CONTINUA: (2)

MAIÁRA  
Pôxa, já era tempo!

O SOM da porta do carro fechada com força. E um BAQUE, talvez um chute na lataria.

As irmãs se olham preocupadas.

CLARA (OS)  
(voz distante)  
Desgraçado!

Dois BAQUES, talvez um segundo e terceiro chutes.

CLARA (OS, CONT)  
Seu... seu grandecíssimo canalha!

Maiára corre até à porta. Nara sem ação.

Outro BAQUE, talvez a lata de lixo, detém Maiára. Ela se vira e Nara apenas gesticula, não sabe o que fazer.

A porta é aberta e Clara ENTRA, toda descabelada, vermelha de raiva e bufando. Ela dá um passo, quase em falso, e pára. Clara à beira de um ataque histérico.

CLARA (CONT)  
(com os dentes)  
Aquele porco. Aquele... cafajeste.  
Aquele... filho da puta! Aquele...  
Merda, ele não podia fazer isso  
comigo!

"Just in Time" SOBE.

Clara arqueia ofegante, Maiára chega-se nela e lhe abraça. As duas sentam ao chão, Clara envolvida pelos braços da caçula.

FIM de "Just in Time"

MAIÁRA  
Calma, Clarinha, calma... Mas... o que  
aconteceu?

Os dentes cerrados de Clara lhe impedem de dizer qualquer coisa.

MAIÁRA (CONT)  
Calma, calma. Comigo, vai. Um, dois,  
três... conta, quatro, cinco. Vai,  
conta, lembra das contrações, o parto  
dos meninos. Respirando, vamos, um,  
dois, três...

Clara aceita e respira num ritmo rápido, o que aparentemente a tranqüiliza. Hesitante, Nara chega-se nas duas.

(CONTINUA)

CONTINUA: (3)

CLARA  
(baixinho, no ritmo)  
... quatro, cinco.

Nara vai até a porta, observa um momento lá fora e vira-se para as irmãs no chão.

NARA  
E o Roberto? E as crianças?

CLARA  
Um, dois... as crianças... três,  
quatro... ficaram com a babá...  
quatro, cinco. O Roberto...  
(aumenta o ritmo)  
Um, dois... o Roberto...

No rosto de Clara, os dentes rangem.

CLARA (CONT)  
(com os dentes)  
O Roberto...

Clara se desvencilha de Maiára, ergue-se, SAI e solta um GRITO.

Maiára também se levanta e fica ao lado de Nara. Estupefatas, as duas apenas olham a direção que Clara tomou.

MAIÁRA  
Clarinha? E o risoto?

FUSÃO PARA:

**INT. CASA DE PRAIA DE IRENE, SALA - ENTARDECER**

POV DESCONHECIDO

Como na cena que abre o roteiro, a Subjetiva lentamente até onde fora posicionado o esquife de Irene, onde agora se encontram apenas os móveis habituais à sala.

A meio caminho, com uns MURMÚRIOS de vozes femininas, a Subjetiva se detém. E resolve seguir em direção ao terraço.

Com as cortinas e a porta de vidro totalmente abertas, o MARULHO a luz AMARELADA do entardecer invadem a sala.

A Subjetiva estanca a um passo da porta do terraço.

NARA (OS)  
Quem diria, o Doutor Viana  
compartilhando a loiraça...

CLARA (OS)  
(tom baixo, mas raivoso)  
Cadela.

(CONTINUA)

CONTINUA:

NARA (OS)  
... com o Roberto.

CLARA (OS)  
Cachorro.

MAIÁRA (OS)  
Aquele inferninho que o maridão te  
levou... rendeu, hein?

NARA (OS)  
E parecia um homem tão distinto...  
(imita Clara)  
Um horror, um horror.

MAIÁRA (OS)  
Distinto, o Viana ou o Roberto?

CLARA (OS)  
Querem parar?!

Tudo SILENCIA. Quando o MARULHO recomeça, a Subjetiva ganha o --

**EXT. CASA DE PRAIA DE IRENE, TERRAÇO**

E continua além, deixa a grade de proteção para trás e vai ao encontro de um horizonte de tons ALARANJADOS.

As irmãs descansam em longas cadeiras de praia, com as mesmas roupas do início do dia, mas descalças. Maiára próxima à passagem para a sala, Nara na outra ponta e Clara no meio delas.

Clara é a única que não está à vontade, ela tem os braços cruzados, uma expressão emburrada e a cabeça irrequieta, com olhadelas de reprovação ora para a caçula ora a primogênita.

Nara traz do chão uma latinha de cerveja e lhe dá um gole. Maiára sobe as mãos com uma garrafa de vinho branco e um cálice, que ela passa a encher.

A emburrada Clara descruza os braços e, sem olhar a caçula, lhe estende um cálice vazio que segurava oculto. Maiára enche o cálice da irmã e recoloca a garrafa no chão.

Por um momento elas assim, as três descansam os olhos no horizonte, com as respectivas bebidas em mãos.

MAIÁRA  
Então, Clarinha, o que vai ser? Vai pedir o divórcio?

NARA  
Mas assim logo de cara? Melhor não, nada de se precipitar. Deve-se ter antes uma boa conversa. Mas conversa de gente civilizada.

(CONTINUA)

CONTINUA:

MAIÁRA

Sem lavar roupa suja?

NARA

(um gole na cerveja)

Huuuum...

(põe a latinha no chão)

... é verdade. E como adendo...

(cerra o punho)

... tem que extravasar. Botar pra fora tudo quanto é ressentimento, consumir essas emoções mesquinhas até o bagaço.

MAIÁRA

(sugestiva)

E talvez, depois... vocês emendam naquela lambança toda. Tudo se resolvendo...

NARA/MAIÁRA

(se olham, risonhas)

... numa trepada maravilhosa!

E as duas caem na gargalhada. Clara não, Clara imperturbável, sequer um movimento no cálice cheio de vinho.

Recomposta, Maiára dá um gole no seu e deixa o cálice no chão. Na outra ponta, a primogênita acomoda-se para o lado de Clara.

NARA

Então, Clarinha, o que vai ser?

Nara e Maiára na expectativa, enquanto Clara leva a mão livre àquela posição clássica, com os dedos nos lábios. Clara medita.

Ela então escorrega os dedos para o pescoço e o pescoço é envolvido e massageado pela mão, com sugestivos apertos.

MÚSICA "RESPEITO", letra de Arnaldo Antunes e interpretação da banda Gueto.

E Clara abre um sorriso diabólico.

Ao mesmo tempo, Maiára e Nara reacomodam-se devagar. De queixos-caídos, miram assustadas um horizonte AVERMELHADO.

FADE OUT.

ROLAM os CRÉDITOS FINAIS ao som de "Respeito". Mas de cima para baixo, ao contrário do habitual.